Diário de Lisboa

ANO 55.º/18 814 — 4$00

SEGUNDA-FEIRA 14 JULHO 1975

Fundador **Joaquim Manso** — Director **A Ruella Ramos** — Director-adjunto **José Cardoso Pires**

O M.P.L.A. DOMINA LUANDA

Angola: quem pára a guerra?

LUANDA, 14 (Especial para o «DL») — Depois de uma certa acalmia verificada durante a noite, a cidade de Luanda despertou às cinco da manhã com fortes rebentamentos de armas pesadas, que se mantiveram ininterruptamente durante duas horas e meia, num ritmo de violência que ainda aqui não se tinha visto. Estes rebentamentos, que perturbaram o sono da baixa da cidade, passaram a ser um pouco mais espaçados a partir das sete e trinta, continuando no entanto a fazer-se ouvir ainda que esporadicamente.

Algures, nas zonas suburbanas, os combates prosseguiam e tudo indica que o avanço do M.P.L.A. no sentido do domínio da situação continuava a registar-se. Esta conquista de posições originou a retirada progressiva não só de elementos armados da F.N.L.A. como de algumas populações civis que lhe são afectas.

Várias delegações da F.N.L.A. foram destruídas e ocupadas pelo M.P.L.A. e grande número de populares, e que ali colocaram a sua bandeira. Perante esta situação, receia-se que a F.N.L.A. exerça represálias em zonas onde detém a supremacia militar. Por outro lado, não se sabe neste momento onde se encontram os ministros da F.N.L.A. que fazem parte do Governo de Transição, sendo provável que se retirem para Kinshasa.

O abastecimento de água e de luz eléctrica à cidade, já foi afectado, fazendo-se neste momento com cortes em determinados períodos mais ou menos longos. A vida, no entanto, paralisou, embora se faça a um ritmo muito mais lento. Há ainda restaurantes e estabelecimentos comerciais abertos, embora em número reduzido. Quanto aos mortos e feridos ainda não há — nem pode haver — números oficiais, mas receia-se que o seu número seja grande. Pelo menos 300 mortos estão confirmados e os feridos, esses, são em número muito mais elevado, e estão a ser assistidos em deficientes condições.

Entretanto, um comunicado da F.N.L.A. divulgado ontem contestava a possibilidade de o M.P.L.A. ter a situação dominada na capital do país, um outro comunicado do Estado-Maior das F.A.P.L.A. anunciou que tinha sido decidido prestar auxílio e protecção aos elementos civis afectos ao ser rival, tanto nas suas delegações políticas como nas bases militares espalhadas pela cidade. Ontem, em diversos pontos da cidade, era possível ver viaturas em circulação ocupadas por elementos das F.A.P.L.A. bem armados e que pareciam estar em serviço de patrulhamento. Este predomínio do M.P.L.A., em que as F.A.P.L.A. parecem ter o poder de decisão, aparece na sequência dos incidentes cuja origem não está bem estabelecida, mas que culminaram com a destruição de várias delegações da F.N.L.A. entre as quais a da estrada de Catete (o quartel mais forte do E.L.N.A., com cerca de três mil soldados), a do Bairro Prenda, Ilha de Luanda, Cassenga e outras. Nestas delegações, após a ocupação, foi hasteada a bandeira do M.P.L.A. Dois mil desalojados afectos ao movimento de Holden Roberto estariam neste momento na base naval de Luanda, supondo-se que, neste número estejam incluídos guerrilheiros do mesmo movimento. Outros desalojados nas mesmas circunstâncias afluiram ao lado fronteiro do Palácio do Governo, emprestando à praça um estilo «parque de capismo». O acampamento estende-se pela Calçada de Santo António engrossando na zona da Emissora Católica, que tem transmitido apelos para auxílio a essas centenas de pessoas, na maioria originárias do Norte de Angola, onde o predomínio político-militar é da F.N.L.A.

Por este motivo tem sido efectuado transporte por unidades da Marinha portuguesa de muitas centenas de pessoas para Santo António do Zaire, enquanto o Gabinete do alto-comissário fez um apelo aos directores das companhias de cabotagem para que entrassem em contacto com aquele Gabinete.

O agravamento da situação pode surgir tanto do ponto de vista político como militar. Na

Continua na pág. 20

"Chô, chô, irmão"

"A LUTA VAI-SE CONTINUAR EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE"

(Pelo nosso enviado especial, **A. Pereira da Silva**) — «A luta vai-se continuar» — diz-nos na sua linguagem simples de homem compreensivo e arguto, o motorista de táxi que nos mostra um pouco da linda ilha de S. Tomé. Eram passadas algumas horas sobre as cerimónias mais significativas da independência, na cidade baptizada com o nome da ilha. Rodando em boas estradas, como que violávamos uma selva luxuriante, obsessiva, de palmeiras e coqueiros, de flores cor de sangue e árvores de cacau. As povoações, engalanadas com vivas à independência e com as cores nacionais do M.L.S.T.P., são frequentes e de aspecto civilizado. Todas têm escola, várias delas mercado. A luz eléctrica serve todas elas. No meio da vegetação, as casas de madeira, sobre estacas, da população local: um modelo de engenho e sentido prático desta gente afável que nunca se vergou à exploração esclavagista e nessa luta surda e tantas vezes ignorada ganhou em ternura e humanismo o que não conseguiu, ainda, em politização.

Continua na pág. 9

BISPO DE AVEIRO APONTA "EXEMPLO" PARA CRISTÃOS

. A despeito da oposição de formações de esquerda, a anunciada manifestação de Aveiro realizou-se mesmo e terminou na Sé com uma prédica do bispo, D. Manuel de Almeida Trindade, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, em que o prelado apontou o «exemplo» aos cristãos e fez votos por que ele «desponte do Minho ao Algarve, em massa».

(Ler na pág. 20)

Direita avança em Rio Maior

. Grupos de direita destruíram ontem as sedes do P. C. P. e da F. S. P. em Rio Maior, onde se assistiu a uma tarde de violência desmesurada com pretexto numa reunião de lavradores.

(Ler na pág. 20)

ASSEMBLEIA DO M.F.A. TRANSFERIDA PARA 6.ª-FEIRA

PÁG. 13

PLENÁRIO DO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O Conselho da Revolução reúne esta tarde em sessão plenária. Temas prováveis a abordar: momento político português e agravamento da situação em Angola.

(Ler na pág. 13)

VOOS PARA TURISTAS ENTRE CANÁRIAS E MADEIRA

Deve efectuar-se por toda esta semana o primeiro voo experimental dos aviões de nove lugares que passarão brevemente a fazer a carreira entre as Canárias e o Funchal, com extensão provável a Porto Santo.

Segundo uma notícia proveniente de Madrid e emitida pelo correspondente da ANI na capital espanhola, criou-se uma grande expectativa em relação a estes voos destinados a turistas, e admite-se que a partir daqui possa fomentar-se o intercâmbio turístico entre as duas ilhas atlânticas.

Entretanto, segundo a mesma fonte, uma empresa sueca com sede em Santa Cruz de Tenerife que se dedicava ao aluguer de pequenos aviões para turistas nórdicos que iam passar férias às Canárias e depois faziam excursões ao Saharà Espanhol, adquiriu novos aviões japoneses para transporte desses turistas: quando se verifica no Saharà Espanhol uma situação de intranquilidade, parece de admitir que os turistas possam ser canalizados para as ilhas portuguesas.

De sábado a segunda

Agro-75

Abriu a Agro-75, sétima edição da Exposição-Feira Agrícola do Norte, em Braga. Este ano diferente? «A Agro-75 apresenta um carácter mais didáctico que nos anos anteriores» — assegurou o eng. João Vasconcelos, da respectiva Comissão Executiva, numa sessão para os órgãos de comunicação social a assinalar, com uma visita orientada pelos pavilhões, a data e o acto de abertura. Objectivos do certame, entre outros, de menor revelo: contribuir da forma possível para o esclarecimento das populações rurais da região e designadamente do Minho, e designadamente daquelas que por todos estes dias se deslocarem a Braga, para ver.

A registar: no certame deste ano e no programa respectivo aparecem o M.F.A., o Ministério das Finanças, o Ministério da Agricultura e Pescas, a Comissão Nacional da F.A.O., cada organismo representado com uma exposição sobre matéria da sua competência. Mas aparecem também os expositores particulares — e o eng. Vasconcelos disse que a sua representação é muito animadora e significativa. Representados ainda três países de Leste: a U.R.S.S., a Checoslováquia e a Hungria.

Tema predominante, o milho, sua produção. Sobre isso houve um colóquio ontem à tarde. Estiveram presentes vários membros do Governo, muitos técnicos, e, mais — diz um matutino de hoje, em Lisboa — algumas centenas de agricultores, naturalmente interessados.

■ O PAI DELA, ATIRADOR

Lugar de Cabeça, freguesia de Vilar de Macada, algures no Norte, para aligeirar. O pai dela deu-lhe um tiro e matou-o. História antiga, houvera um rapto frustrado, era agora a mais do que tensão na aldeia. A vítima: Anselmo Teixeira Morais. Com a vítima, outro, que também «levou». Outros estavam perto, a presenciar: se não tivessem fugido, também teriam «levado». Crime cometido, o atirador entregou-se às autoridades.

■ TRÊS TIROS

Ouviram-nos os habitantes de Alferrara, localidade perto de S.Luís da Serra. Que era, que não era, foram ver a casa de Olívio Gomes Antunes, donde o som viera. O homem morto, ele próprio disparara. Chamado, o 115 foi lá e trouxe-o em vão para Lisboa. Como se costuma dizer, a vítima dava, há muito, indícios de perturbações mentais.

FOGO E DESALOJADOS

O candeeiro a gás explodiu, a barraca incendiou-se, o fogo alastrou rapidamente às barracas vizinhas. Foi na noite de sábado para domingo, no bairro de lata pobre à Quinta de S.Cornélio, Olivais-Sul. Resultado: quinze barracas destruídas, cerca de seis dezenas de pessoas sem abrigo. Causa do sinistro, já se vê que não só a explosão do «petromax»: também e sobretudo a completa ausência de mínimas condições de segurança. Alguns dos desalojados não tinham para onde ir: recebeu-os um Infantário Popular que nas proximidades existe. À volta de todas as vítimas gerou-se um assinalável movimento de solidariedade popular: roupas, alimentos, tarefas várias. Pensa-se em casas vagas que haja na cidade ou nos subúrbios, para os instalar.

HOMENS NUS EM FONTAÍNHAS

Alguns viram, de uma fábrica ali perto: três homens inteiramente nus na via rápida entre Praias de Sado e Mitrenas, ao pé das Fontaínhas. Os homens faziam não se sabe o quê, as autoridades vieram e levaram-nos presos.

ENTRE JANEIRO E ABRIL

Mais 4 milhões de contos de notas em circulação

O Banco de Portugal, através dos balancetes semanais relativos ao período de 8 de Janeiro a 15 de Abril último, apresenta os resultados da actividade respeitante ao Activo e Passivo daquele banco central, que se consideram normais, dada a tendência inflaccionária da zona de escudo.

Assim, verifica-se que na alínea Reservas, no Activo, em Janeiro e naquela data, o ouro em barra e amoedado era de 23 341 737 120$20 e as disponibilidades em moeda estrangeira ascendiam a 25 158 733 873$80.

Em 15 de Abril de 1975, a situação era a seguinte, quanto às Reservas: ouro em barra e amoedado, 26 329 491 626$40, e as disponibilidades em moeda estrangeira tinham descido para 21 099 093 689$40, numa diferença para menos, de cerca de quatro milhões de contos, que se encontra praticamente compensada na diferença para mais em ouro em barra e amoedado.

Por outro lado, no Passivo, as notas em circulação, em 8 de Janeiro de 1975, somavam 74 485 458 980$00, ao passo que, em 15 de Abril último, as notas em circulação aumentaram para 78 303 034 230$00, numa diferença para mais de cerca de quatro milhões de contos.

Relativamente à proporção das reservas para as responsabilidades à vista, no Activo, observa-se um valor total de 48 491 212 004$70 e, no Passivo, notas em circulação e outras responsabilidades em escudos, um valor de 96 034 915 648$14, correspondendo a 50,49 por cento, em 8 de Janeiro de 1975; em 15 de Abril último, a proporção das reservas para as responsabilidades à vista era de 50,13 por cento — uma diferença para menos de 0,36 por cento —, pois as reservas totais somavam 47 421 914 345$70 e as notas em circulação somadas de outras responsabilidades em escudos ascendiam a 94 580 244 573$30.

No mesmo período, não houve qualquer alteração quanto ao Fundo de Reserva Legal e ao Fundo Especial de Reserva, que foram, respectivamente de 77 017 021$60 e 192 784 374$30, no Passivo.

NORMAS PARA O COMÉRCIO DE CÂMBIOS

O Banco de Portugal, com data de 9 do corrente, emitiu igualmente um comunicado com as normas a que deve obedecer o comércio de câmbios no continente e ilhas adjacentes, nas operações de compra e venda de moeda estrangeira.

Segundo esse documento, as instituições bancárias poderão, sem autorização especial e prévia do Banco de Portugal, efectuar «a venda a estrangeiros, não residentes, de meios de pagamento sobre o exterior, desde que o quantitativo da operação de venda não seja superior ao montante especificado na declaração preenchida pelo estrangeiro não residente, no posto, aduaneiro de entrada, acrescido das importâncias que eventualmente tenha recebido do exterior durante a sua estada, devidamente anotadas na mesma «declaração» pela instituição interveniente e deduzido do montante que corresponde à despesa diária média mínima de 1000$00. Este mínimo não se aplica a estadas por períodos iguais ou inferiores a três dias.

Regulamenta-se também a venda de meios de pagamento a emigrantes portugueses que se encontram temporariamente em Portugal, dentro dos limites estabelecidos pelo Decreto 359/75, de 11 de Junho (20 000$00 por ano para maiores de 18 anos, um terço daquela importância para os menores até 12 anos e dois terços até à maioridade). Para além destas quantias, constitui prova a «apresentação pelo interessado do documento de venda dos meios de pagamento que transportou consigo, a uma instituição autorizada a exercer o comércio de cambios, ou o documento justificativo da transferência bancária efectuada durante a sua permanência no país ou nos dias anteriores à sua entrada».

MERCADORIAS

No que se refere às operações de mercadorias, poderão efectuar-se sem necessidade de autorização prévia do Bando de Portugal, nos casos seguintes:

«Operações de valor igual ou inferior a 50 000$00.

Importações legalmente isentas de registo prévio, mediante a apresentação de elementos justificativos pelos quais a instituição de crédito possa verificar a natureza e licitude da operação.

Importações sujeitas a registo prévio mediante a simples apresentação do exemplar «E» do respectivo boletim de registo, do qual conste o valor das mercadorias, expresso na moeda a vender.»

Nas operações de valor superior a 50 000$00, é necessária a apresentação do exemplar «E» do B. R. I. prova do despacho efectuado ou declaração do despachante, contendo elementos de identificação da operação em curso; pagamento contra documentos ou operações efectuadas ao abrigo de créditos documentados.

MOEDA ESTRANGEIRA

O comunicado determina igualmente que a venda de moeda estrangeira a residente fora de Portugal seja igual ou inferior ao contravalor de 30 000$00 «desde que, pelos elementos justificativos apresentados, a instituição de crédito vendedora se certifique de que a aludida moeda estrangeira se destine a efectuar pagamentos devidos a residentes no estrangeiro e o respectivo valor não resulte do fraccionamento do que, no seu conjunto, constitui uma única operação».

No entanto, carece de autorização especial e prévia do Banco de Portugal a venda de moeda estrangeira, qualquer que seja o seu valor, a favor de «residentes no continente e ilhas adjacentes, temporariamente no estrangeiro, ou por sua conta», destinados a fazer face a despesas de viagem (turística, de negócios, por motivos de saúde, ou de serviço público, etc), e a despesas de manutenção (de familiares, estudantes, bolseiros, pelo desempenho de funções públicas, etc.

T L P

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

CENTRAL AUTOMÁTICA DE SINTRA

Informa-se que na noite de 11 para 12 do corrente, entrou ao serviço a nova **CENTRAL AUTOMÁTICA DE SINTRA**, à qual ficaram ligados todos os postos telefónicos com numeração iniciada por **293**.

— **Em conversações para aquela área marque sempre o número completo do posto destinatário.**

— Quando ao receber uma chamada ouvir um sinal intermitente, não desligue, pois alguém lhe quer falar utilizando um posto público.

post scriptum

SANEAR O CHANCELER

Aqui vos envio as fotocópias das assinaturas dos emigrantes de Neuchâtel (iniciativa do Grupo Autónomo Antifascista do jornal «O Brado», C.P. 843,2001, Neuchâtel, Suiça), a fim de sanear o chanceler Mendonça, em Lausana.

É claro que tanto este Mendonça, em Lausana como um tal Salvador Hassau, em Genebra, ou o embaixador, Eduardo Bugalho, em Berna (34 anos ao serviço do Estado Novo) são todos marca pistola e não oferecem quaisquer garantias. Sempre tiveram um papel de enquadramento dos emigrantes na política fascista, assim como exerciam uma certa vigilância de tipo policial aos elementofs mais activos na emigração, denunciando-os às policias locais.

Suponho que temos consulados a mais na Suiça. A reestruturação do serviço diplomático, a meu ver, passa, não só pelo saneamento de muitos fascistas e mercenários vira-casacas que ainda campeiam na administração, como também pela eliminação de certos postos consulares.

Senão, reparem: num país pequeno como a Suiça temos uma Embaixada (sumptuosa) em Berna consulado em Zurique, outro em Lausana e outro ainda em Benebra. A Suiça só tem Embaixada em Lisboa e consulado no Porto sendo, todavia um país muitíssimo mais rico que a nossa pobre terra.

Enquanto não houver saneamento, as forças progressistas da emigração estarão sempre em desvantagem. Os reaccionários (pequenos e médios burgueses com grandes espadas para «épater»...) estarão sempre protegidos. E não só! Com o saneamento na diplomacia, é bem possível que o envio de poupanças para Portugal retorne e aumente consideravelmente. Sem saneamento, é possível que o envio de poupanças dos emigrantes decresça ainda mais.

A Imprensa burguesa orquestra uma campanha antiportuguesa e estes senhores da diplomacia nunca enviam um comunicado (a defender o muito que há defender) para essa imprensa. Nas relações que tinham com os emigrantes houve um pouco de tudo; corrupção de certos trabalhadores para fazer deles informadores, ameaças aos mais aguerridos, etc.

A Secretaria de Estado da Emigração tem jogado um duplo jogo. Em Genebra, Lausana e Neuchâtel há duas associações em cada cidade — uma associação de democratas e antifascistas, por um lado, e uma outra associação de nacionalistas, colonialistas, salazaristas nostálgicos e outros tais, por outro lado. A dita Secretaria da Emigração envia comunicados indênticos para os dois tipos de associação nas diferentes cidades. Quando se trata de efectuar uma sessão qualquer, ambos os tipos de organizações são encarregados de organizar a sessão em causa. De modo que nunca se sabe quem deve organizar a sessão, visto as relações entre os antifascistas e as outras associações e vice-versa não serem as melhores. Esta secretaria só vem causar ainda mais divisões. Seria bom que eles se decidissem e enviassem os papéis que têm a mandar, ou só para os fascistas e aposentados, ou, então, só para os antifascistas.

As Associações Democráticas da Suiça, por outro lado, estranharam muito que os interesses dos emigrantes na Assembleia Constituinte tenham, afinal vindo a ser representados por um senhor P.P.D. Como foi este senhor eleito!??!

Luciano Caetano da Rosa Hauterive, NE Suiça

Pela nossa parte, nada a acrescentar. Apenas isto: anexa à carta que publicamos acima, uma lista com 112 assinatura a subscrever o seguinte texto:

Considerando que a obra de saneamento nas Embaixadas e consulados de Portugal no estrangeiro é tarefa urgente a realizar, os emigrantes portugueses antifascistas, interessados no processo de democratização em curso, vêm por este meio apoiar o pedido de substituição do actual chanceler do Consulado de Portugal em Lausana, Cantão de Vaud, Suiça, por um democrata que melhor os atenda e melhor defenda os seus interesses. Os emigrantes abaixo assinados, pedem, a quem de direito, deferimento do seu pedio.

REUNIÕES, INQUÉRITOS, NOTIFICAÇÕES E O RESTO...

Vinte e um de Março as últimas 50 moradias do Bairro da Pasteleira (Porto), pertencente à Caixa Nacional de Pensões, são distribuídas aos concorrentes-beneficiários.

Poucos conseguiram lá entrar e ficar. Em 26, alguns moradores daquele bairro assaltam os nossos andares e pelo telefone chamam os seus amigos para os habitarem, os quais nos puseram de lá para fora!

Em 27, são intimados pela Polícia Militar a abandonarem as moradias. Surge também um decreto que proíbe as ocupações. Seguiram-se inquéritos muitas reuniões a vários níveis e até foi nomeada uma comissão «ad-hoc».

Mesmo assim os assaltantes teimam em desobedecer a tudo e a todos. Nós também não desistimos da justa luta que nos obrigam a travar.

Quando visitamos aquele bairro ainda somos insultados e ameaçados pelos **nossos inquilino** o que qualquer dia poderá trazer sérias consequências.

Três meses e meio depois (como devem estar os nossos andares sem água...) o prazo das notificações está a expirar e só esperamos que depois o Copcon proceda como fez há dias num bairro da Caparica.

A COMISSÃO DOS «INQUILINOS DE CHAVE»

MILITARES E INTELECTUAIS UM MAL OU BEM-ENTENDIDO

Por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Não se opõe um conceito a outro, nem uma a outra profissão: há militares que são intelectuais (nem, sequer, depende da arma mais ou menos difícil), e há intelectuais que não são intelectuais... Não se veja, portanto, no título deste artigo qualquer alternativa dos seus dois sujeitos — embora o facto de, desde já, metodologicamente o negar não deixe de ter significado. Alternativa há, e quase interrogativa, no resto do título — do qual eliminei o ponto de interrogação que ao princípio escrevi. Porque não se sabe, ao certo, se as relações entre os militares que assumiram posições de definição intelectual e os intelectuais própria ou impropriamente ditos se processam em bom entendimento ou através de um mal-entendido. Creio, por experiência do género, que a maior parte dos intelectuais penderá para a segunda hipótese; mas recuso-me a aceitá-la sem análise, e na esperança (que é importante) de que dela saia uma resposta optimista — da qual depende, em grandíssima parte, o futuro da II República, ou seja do futuro do País e da sua Revolução possível e necessária.

Numa conversa franca, pouco depois do 25 de Abril, com um militar graduado e conceituado, disse-lhe o que aqui não posso reproduzir exactamente — que nós, os intelectuais, achávamos que todos os militares eram «isto», e que eles, os militares, achavam que todos os intelectuais eram «aquilo». «Isto» e «aquilo» eram coisas desagradáveis e equivalentes, e a partir da constatação bem-humoradamente expressa, e ouvida, propusemo-nos entrar na conversa que foi positiva — e oxalá em muitos casos se tivesse podido repetir. Creio, na verdade, ter-se então desfeito o aludido mal-entendido, e entrado no necessário bom entendimento. Não tive, infelizmente, e pelos azares da vida profissional, mais ocasião de falar com militares de devida responsabilidade, mas não esqueci a conversa.

Queixei-me eu de que «eles» não reconheciam uma resistência intelectual e moral que, durante muitos anos, e decénios (mesmo desde o 28 de Maio — que «eles» afinal, tinham feito...), tinha mantido aceso um certo facho de que saíra o 25 de Abril; replicou o meu interlocutor que «nós» tendíamos a não reconhecer o ultrapassamento prático dessa atitude, pelo próprio 25 de Abril — que «eles» afinal, também tinham realizado. E não «nós»... Mas verificou também, comigo, que o processo do 25 de Abril, intelectual que fora, por via ideológica, tivera raízes em leituras de obras escritas por não militares, e por influência de muitos «milicianos», que levaram junto da «carreira» alienada certas informações e alguma definitiva formação. Lembro-me de ter, então, citado Napoleão (aliás, salvo erro, ainda Bonaparte), que falava da «espada» e da «pluma», uma para talhar a assegurar a vitória, que era a da Liberdade, e outra para escrever as leis dessa vitória, e dessa Liberdade.

Avancei, em seguida que «eles» eram incompetentes para certas funções, para admitir que «nós» eramos impotentes para outras...

Bem entendidos estivemos nessa conversa — que tinha que ver com a História e, sobretudo, com a nossa História, durante anos sinistros. E ambos concordámos, no nível particular em que o encontro ocasional se processava, de que o nosso «antes» e o «depois» deles, isto é, um passado assaz moroso e um presente acelerado, tinham de colaborar num futuro comum, que não seria militar nem civil, em categorias ultrapassadas.

Teria assim sucedido, ao longo deste ano?

. Algo, ou muito, se terão deteriorado as relações desde então, — por culpa de quem, ou de quais interlocutores e poderes?

. A questão situa-se num plano sociocultural, e, inevitavelmente, psicológico. «A Psicologia do Militar Profissional» é um título clássico do antimilitarismo do princípio do século, quando o ofício das artes tinha uma definição eminentemente reaccionária — mas há que distinguir entre psicologia e ideologia, e a transformação desta só lentamente se reflectirá naquela. Isso explica, em muitos casos, os mal-entendidos havidos, e as reeponsabilidades a atribuir.

... Mas também o intelectual «profissional» tem a sua psicologia e os seus defeitos que o responsabilizam pelas dificuldades do diálogo. Resolvem alguns intelectuais tais problemas por uma atitude de pressurosa colaboração, alheia aos inconvenientes de toda a crítica: muitos artigos publicados por aí, e muitas funções exercidas dependem de tal opção — o que é, naturalmente, um mal para a intelectualidade e para a militaridade, dominuída uma, iludida a outra. Se não se pode esperar grande consideração profissional por esse comportamento, ainda menos dele se podem obter resultados positivos. No polo oposto, uma atitude de oposição sistemática, igualmente diminui a responsabilidade intelectual e profissional dos seus cultores, e aumenta o processo negativo. Uns lisonjeiam, outros irritam os parceiros — e o trabalho, que **é nacionalmente necessário**, perde-se, em falsas e enganosas colaborações, ou em estéreis querelas.

Entre a «paz armada» e a «coexistência pacífica» se deve definir o trabalho de uma sociedade sem classes — sequer militares. Como? — é pergunta a fazer, cuja resposta só poderá ser dada referindo uma via séria e não polémica de estudo e de crítica em domínios da cultura que os ofícios das armas só secundariamente comportam e ao qual, até numericamente, eles não podem responder. Assim na informação, assim numa dificílima dinâmica cultural em que todos os intelectuais estão, por definição e ofício, interessados e de que o País e o seu Povo devem beneficiar — sem mal-entendidos nem privilégios de um lado e prepotências do outro.

DECIBEIS E MÚSICA POP

Os efeitos fisiológicos do ruído no organismo são variados. Eles vão de uma simples aceleração do ritmo cardíaco a perturbações crónicas tais como uma grande fadiga, falta de apetite, e, claro está, lesões do aparelho auditivo que podem conduzir à surdez.

Há medidas legais que limitam a maioria dos níveis de ruído, quer se trate de veículos motorizados, de engenhos de construção, de ruído no interior dos locais de trabalho ou do isolamento das casas de habitação.

Os ingleses, cujos cantores à moda se caracterizam tantas vezes pela sua veemência, iniciaram o ataque à música pop. A cidade de Leeds impõe um limite máximo ao ruído admitido nas salas de concerto e nas discotecas. Adversários e partidários da música discutem entre si a escolha do limite fixado. Surgem controvérsias sobre as unidades de medida e a dificuldade de apreciar de um modo simples e de fácil medição, os males provocados pelo excesso de ruído.

Os níveis de ruído medem-se tradiconalmente em decibeis. Mas o decibel só exprime uma relação de potência sonora, sem se dar conta da maneira como o ruído é recebido. As características do ouvido obrigam a ter em conta o espectro das frequências ou da duração da exposição. Propoêm-se pois correcções, e encontram-se finalmente vários tipos de «decibeis»; as diferenças entre uma e outra espécie são por vezes consideráveis. O aparelho de medição mais correntemente utilizado fornece resultados por vezes à escala chamada do tipo A, e fala-se de decibeis A (d BA).

Admite-se que se pode dormir tranquilamente abaixo de 30 a 35 d BA, que uma conversa normal se situa à volta de 50 a 60 dBA, e que com 90 ou 100 dBA o metropolitano é francamente desagradável.

No domínio musical, uma obra média não ultrapassa os 70 dBA. A Nona Sinfonia de Beethoven atinge episodicamente os 105 dBA. A música «pop» está, porém, muito para além dessas normas. A utilização de amplificadores electrónicos — originariamente destinados à difusão de música ao ar livre, mas actualmente utilizados em recintos fechados — leva por vezes aos 110 dBA com momentos de 120 a 130, o que ultrapassa o limite admitido como sendo o da dor física.

Fez-se em Leeds, Grã-Bretanha, um estudo sitemático dos efeitos sobre o organismo. Compararam-se as faculdades auditivas de dois grupos de jovens, um deles entusiasta da «pop music», o outro preferindo distracções menos barulhentas. A perda de acuidade dos primeiros em relação aos segundos é, em média, de 3 a 4 dBA e ultrapassa por vezes os 14 dBA. Sabe-se que uma duplicação da pressão das ondas sonoras, que corresponde a uma multiplicação por quatro da potência, traduz-se numa diferença de 6 decibeis. Em relação a um ouvido normal, uma perda de 25 a 30 dBA torna ininteligível toda e qualquer conversa: é a surdez. Sem ser trágica, a constatação é preocupante. As autoridades de Leeds decidiram impor limites ao nível do ruído tolerado durante as audições de orquestras «POP» ou nas discotecas.

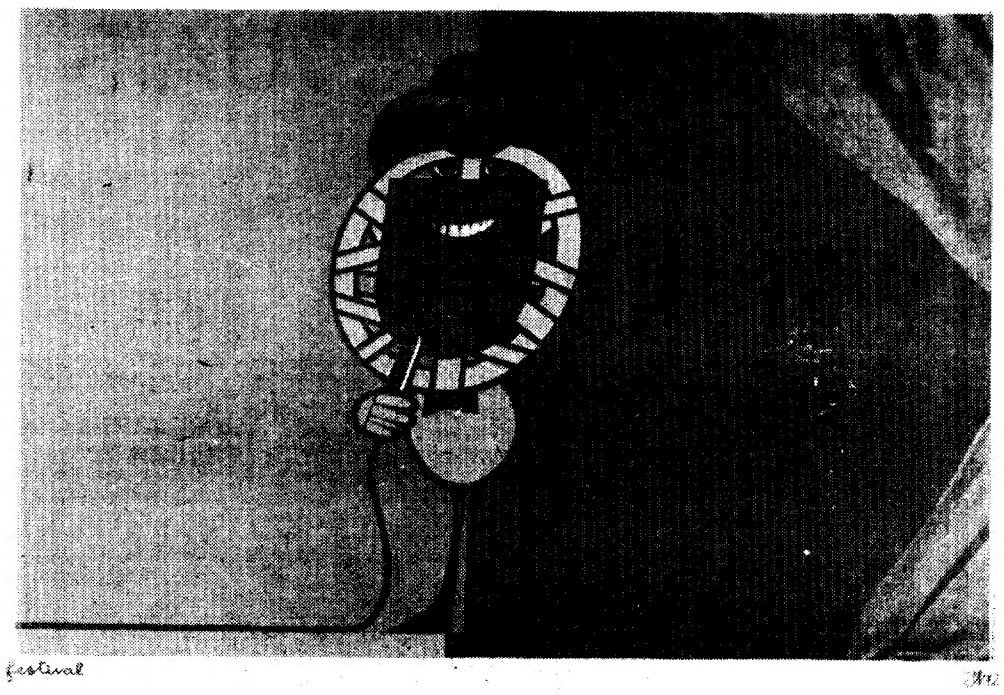
A dificuldade é escolher um limite fácil de controlar com a ajuda de um aparelho simples e que corresponda a uma verdadeira apreciação da nocividade de uma excessiva sonorização.

Em Leeds escolheu-se pois um simples valor máximo em dBA, fácil de medir com o auxílio de um sonómetro, e fixado em 96 dBA.

Formaram-se várias associações de amadores de música «pop», com o objectivo de demonstrar o absurdo desta medida. A música «pop», dizem eles, não é um ruído contínuo, e, durante um concerto, o nível sonoro, varia em proporções importantes. A escala dinâmica é da ordem dos 30 dBA. Os defensores da música «pop» preconizam medidas em *nível equivalente de energia*, unidade que integra o ruído em determinado período de tempo e que seria, em média, inferior em 5 a 10 dBA às medidas de nível máximo. As autoridades respondem que é muito difícil saber desde há quanto tempo um auditor se encontra na sala, e se ele não acaba precisamente de sair de outra discoteca. Em suma, é um diálogo de surdos...

J.-M.C. («Le Monde»)

Nacional



Festival

JOÃO ABEL MANTA NA E.S.B.A.L.

É inaugurada hoje, às 18 horas, na Galeria da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, ao Largo da Biblioteca Pública, uma exposição de pintura e desenho do artista João Abel Manta, que inclui trabalhos realizados entre 1971 e 1972.

Esta mostra, promovida pelo Departamento de Artes Plásticas e «Design» da E.S.B.A.L., integra-se na nova dinâmica daquele estabelecimento de ensino, definida com base numa estrutura criada por professores e alunos, desde o início do ano lectivo.

João Abel Manta, arquitecto e pintor, é um artista sobejamente conhecido pelo seu passado criador e pela sua activa intervenção no processo revolucionário português, com cartazes e desenhos alegóricos ou de crítica, pela via de um humor inteligente e «distanciado».

Exposição a não deixar de ver, este conjunto de obras de João Abel Manta, para além do seu rigor técnico e qualidade plástica, é sobretudo, um testemunho evidente das amplas perspectivas de intervenção política da arte. Imersa nas realidades actuais do País, ou delas buscando a seiva que a vivifica, a arte de João Abel, de cunho marcadamente antifascista, está historicamente situada, através de um compromisso crítico que se mantém desde há longos anos.

COLÓQUIO EM BELAS ARTES

PORTO, 14 — Na escola Superior de Belas Artes desta cidade realiza-se amanhã, às 21 e 30 um colóquio público em que participará Mário Pedrosa, professor de História de Arte na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Rio de Janeiro que se deslocou até nós a convite da Comissão Organizadora da Exposição levantamento da Arte do século XX no Porto.

TERCEIRA CRISE A SUPERAR POR VASCO GONÇALVES

Fez ontem um ano, foi nomeado para o cargo de Primeiro-Ministro o então coronel Vasco Gonçalves. Iniciava, nessa data, as suas primeiras diligências para formar o 2.º Governo Provisório, após a tentativa de golpe direitista de Palma Carlos.

Vasco Gonçalves encontra-se, agora, a braços com nova reconstituição governamental, a terceira do seu mandato. E, mais uma vez, numa altura em que se verifica forte ataque reaccionário, mais diversificado e talvez mais subtil.

Vale a pena recordar alguns aspectos imediatos, após a grande ofensiva de certos sectores contra o ministro dos Transportes e Comunicações, crise que os próprios trabalhadores parecem ter superado.

Mas há os outros sectores, claramente identificáveis. Para este fim-de-semana, estava prevista uma grande concentração de pequenos e médios comerciantes, mobilizados de cima, após reuniões significativas realizadas no Norte, e que denunciámos na edição de sexta-feira. A concentração de Cascais foi anulada. Anunciada, encontrava-se também uma marcha de carros e gasóleo, tipo de manifestação de tristes recordações. Em Rio Maior, verificaram-se incidentes graves de cariz reaccionário, com ataques e destruições nas sedes do P.C.P. e da F.S.P. Em Aveiro, outra manifestação reaccionária, realizada ontem a partir do «caso» Rádio Renascença, com a aceitação clara do bispo local e transportes organizados à boa maneira antiga. Em Angola, autêntico barómetro da situação política nacional, as coisas agravaram-se repentinamente.

Simultaneamente, o Governo entra em crise. Tudo coincidências? É difícil acreditar. Mas supomos que a crise vai ser superada, mais uma vez, mau grado a intensa e espectacular campanha anti-Portugal que se reacende na Europa, veiculada por uma Imprensa defensora de interesses que não são, longe disso, os dos trabalhadores. Vasco Gonçalves, voz da revolução, mantém-se no seu posto de luta.

Fim-de-semana nas praias

NOVE AFOGADOS

Fim-de-semana de calor, fim-de-semana de praia, saldou-se em nove mortos por afogamento e dezenas de banhistas socorridos.

Para o elevado número das vítimas (a somar às do asfalto) ter-se-á de levar em linha de conta a forte ondulação do mar e o desrespeito aos sinais até onde e às zonas onde se deve tomar banho.

Na Caparica, a lamentar: um banhista de 45 anos de aparência, retirado da água na zona de rebentação da praia de Santo António pelo banheiro e pelos bombeiros de Cacilhas onde recebeu assistência; viria a falecer a caminho do Hospital de Almada. Ainda nas praias da Caparica: uma jovem de 15 anos que foi arrastada pelas ondas não voltando a aparecer. Em vão um helicóptero sobrevoou a zona e os familiares permaneceram longo tempo no areal.

O helicóptero viria a ser de máxima utilidade no transporte de pessoas em perigo de vida: congestões e iminência de afogamento.

Em Mira, a lamentar a morte do dr. Manuel Teixeira Pereira do Nascimento, de 32 anos, casado, médico, natural de Luanda e José Augusto Fernandes, de 26 anos, empregado bancário, natural de Bragança, arrastados pelas ondas, numa tentativa desesperada de salvarem três turistas alemães. Aconteceu ontem, às 13 horas, a dois quilómetros ao sul da zona de banhos.

Recorda-se que exactamente naquele local onde a bandeira vermelha fora içada às 7 da manhã, os nadadores-salvadores já tinham comparecido quatro vezes, por motivos idênticos.

Pedido um helicóptero à Base Aérea de S. Jacinto (Aveiro) as buscas que prosseguiram durante a tarde resultaram infrutíferas.

Também um helicóptero da Base Aérea n.º 5 de Monte Real, não conseguiu encontrar o corpo do jovem estudante Virgílio Soares Leal, de 16 anos, natural de Ervideira, que ontem, enquanto tomava banho na praia de Pedrógão foi arrastado pela corrente marítima.

Foi levado pelas ondas, tendo sido vãs as pesquisas para encontrar o seu corpo, o banhista Manuel Gomes Cardoso de Sá, de 25 anos, empregado de escritório, residente em Ovar, quando ontem, na praia de Francelos, no Porto, tentava salvar um banhista que caíra de um barco.

Chamava-se Abílio das Neves Lourinho, natural de Reguengos de Monsaraz tinha 16 anos e morreu ontem afogado numa albufeira da herdade da Chaminé, próximo de Montemor-o-Novo, onde se deslocara para colaborar num dia de trabalho voluntário, integrado na batalha da produção.

O corpo foi depositado na casa mortuária do cemitério desta vila.

C.D.S. PEDE AO M.F.A. PARA REABRIR DIÁLOGO COM OS PARTIDOS

«O C. D. S. considera imprescindível que o M. F. A. reabra com os partidos um sério diálogo. Está em causa o destino do povo português», afirma-se num comunicado do Secretariado da Comissão Política do Centro Democrático Social, no qual se pergunta que pensa o M. F. A. fazer dos partidos. E acrescenta-se: «Será bom recordar que a prática de eliminar partidos é a arma própria de todos os ditadores.»

No seu comunicado em 17 pontos, o C. D. S. denuncia a sua preocupação perante a situação actual, nomeadamente perante «o evoluir dos últimos dias da situação política» e perante «a exploração das dificuldades do nosso país e dos erros dos nossos governantes (os quais) têm servido para que minorias ditatoriais de sentidos diversos aumentem a intensidade dos seus ataques, o volume das suas insídias, a violência das suas afirmações».

O C. D. S. considera ainda constituir o plano da aliança M. F. A.-Povo como «nítida violação da Plataforma de Acordo Constitucional» e pergunta se se pode considerar, para efeitos constitucionais, «a Assembleia do Movimento das Forças Armadas mais representativa que a Assembleia Constituinte».

DELEGAÇÃO DA C.M.L. VAI A MOSCOVO

O eng. Caldeira Rodrigues, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, chefiará uma delegação do município olissiponense que, entre 21 e 28 do corrente mês, visitará Moscovo.

Trata-se de uma iniciativa no âmbito da troca de experiências entre autarquias locais portuguesas e estrangeiras.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Plenário debate momento político e situação em Angola

O Conselho da Revolução está reunido em sessão plenária desde as 15 horas. Admite-se que a situação política nacional, nomeadamente a demissão dos membros do P.S. do Governo e o «caderno reivindicativo» do P.P.D., venham a ser temas dominantes da reunião.

Será, aliás, talvez, em função desta reunião que não se nota um carácter de premência nos trabalhos de Vasco Gonçalves no tocante ao preenchimento das vagas ministeriais. As suas consultas dependerão certamente não só do plenário de hoje, como ainda da decisão que o P.P.D. venha tomar.

Outro dos temas centrais da reunião do C.R. será, provavelmente, a situação em Angola. Como se vê pelo noticiário na nossa edição de hoje, o momento é efectivamente grave, admitindo-se uma generalização do conflito, sobretudo no Norte e no Nordeste do território. Entretanto a comissão militar do Conselho da Revolução (chefes do Estado-Maior dos três ramos, comandantes das regiões militares, comandante do Copcon e comandante da Academia Militar reuniu durante toda a manhã de hoje.

MANIFESTAÇÃO PELO PODER POPULAR

Sob as palavras de ordem «Controlo operário, poder popular» e «unidade dos trabalhadores com os progresistas do M. F. A.», vai realizar-se na quarta-feira, pelas 19 e 30, uma manifestação a concentrar no Terreiro do Paço com o objectivo de apoiar as medidas tomadas pela Assembleia do M. F. A., exigir a dissolução do Governo Provisório e o consequente reforço do Poder Popular Organizada com base nos órgãos de Poder e luta dos trabalhadores, moradores e sindicatos, a manifestação será apartidária. Os militantes dos partidos que aderirem incluir-se-ão nas respectivas comissões de trabalhadores, moradores e sindicatos.

Até este momento, e ao que sabemos, já aderiram à manifestação, as comissões de trabalhadores das empresas sem coral, Fábrica de Material de Braço de Prata, Mateus e Lopes, Baptista Russo, Carris, Soponata, Sida-Sueca, Novopca, Luso-Italiana, V. M. e Cia., Transfec e General Motors; comissões de moradores de Azinhaga das Salgadas, Marvila, Vale Formoso de Baixo, zona 1 e zona 5 de Chelas, e Bairro Relógio; Cooperativa de Braço de Prata, Junta de Freguesia de Marvila

COMÍCIO DA U. J. C.

Com a participação de Álvaro Cunhal e promovido pela Direcção Distrital de Lisboa da União da Juventude Comunista, realiza-se na próxima sexta-feira, às 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos, o que os promotores consideram o seu «primeiro grande comício».

Temas da noite: dinamização de amplas estruturas unitárias da população, reforço da unidade da juventude e do povo trabalhador e esclarecimento político sobre a actual situação portuguesa, em particular no campo do ensino, na concretização da reforma agrária, na liquidação total dos monopólios e no controlo operário.

EDITORIAL VERBO

A reacção ataca dividindo os trabalhadores:

Acusados de delitos contra a economia nacional e possível exportação ilegal de divisas foram detidos no dia 10 o proprietário da Editorial Verbo e dois administradores de empresas a ela ligadas. A prisão feita pela Polícia Judiciária, foi legalizada, sem admissão de caução pelo juiz do 3.º Juizo.

A exemplo do que tem sucedido noutras empresas, tais como na Molaflex, na Comerfina, a reacção aproveitou a despolitização dos trabalhadores para os dividir e os lançar contra o Governo e contra o M.F.A.

Face à prisão destes três fascistas e sabotadores Manuel Fernando Assis Guedes da Silva, José Martins e Edmundo Inácio Pereira, logo surgiram dois cumplices em sua defesa. Muito à pressa foi convocado um plenário de trabalhadores em que a acção do dr. Luis Marques Pereira e sr. Francisco Assis dos Santos Machado foi precisamente manipular os trabalhadores, mistificando o que se passava.

Afirmaram que a empresa só pode continuar a funcionar com a administração solta, levantando o terror do desemprego. Jogam com os conceitos de justiça e liberdade, afirmando a ilegalidade da prisão, que devia haver justiça e só se prender as pessoas depois de julgadas em tribunal. Eles próprios se contradisseram, pois antes tinham afirmado que a prisão pela Polícia Judiciária era para evitar a fuga para o Brasil. Esta sim, é a verdade. Se fossem soltos, eram mais 3 fascistas a fugir para o Brasil e nessa altura já ninguém falava na empresa.

Tudo isto falado, discutido à pressa, sem dar tempo à análise fria da verdade.

O objectivo destes reaccionários foi atingido.

Aprovou-se um comunicado a mostrar a confiança dos trabalhadores aos administradores presos e a pedir a sua imediata libertação. À cautela, não fossem as pessoas mudar de opinião depois de mais esclarecidas, aprovou-se logo a entrega imediata do comunicado na Polícia Judiciária através duma manifestação.

A reacção procura amedrontar os trabalhadores com o desemprego. Daí que sistematicamente em casos como este apareça alguém a fazer notar que a publicidade à volta das prisões é prejudicial para os negócios da empresa, o que leva a prejuízos e despedimentos.

Que pior imagem pode ter uma empresa que o ter estado ligada a fascistas como Marcelo Caetano e Sebastião Alves?

A imagem duma empresa, será aquela que os seus trabalhadores quiserem e não a que os administradores fascistas dão.

Alertamos os trabalhadores! A reacção irá continuar o ataque. Agridem-se e intimidam-se os Delegados Sindicais para evitar a sua acção esclarecedora na empresa. E seguir-se-ão represálias.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DE LISBOA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO DE LISBOA

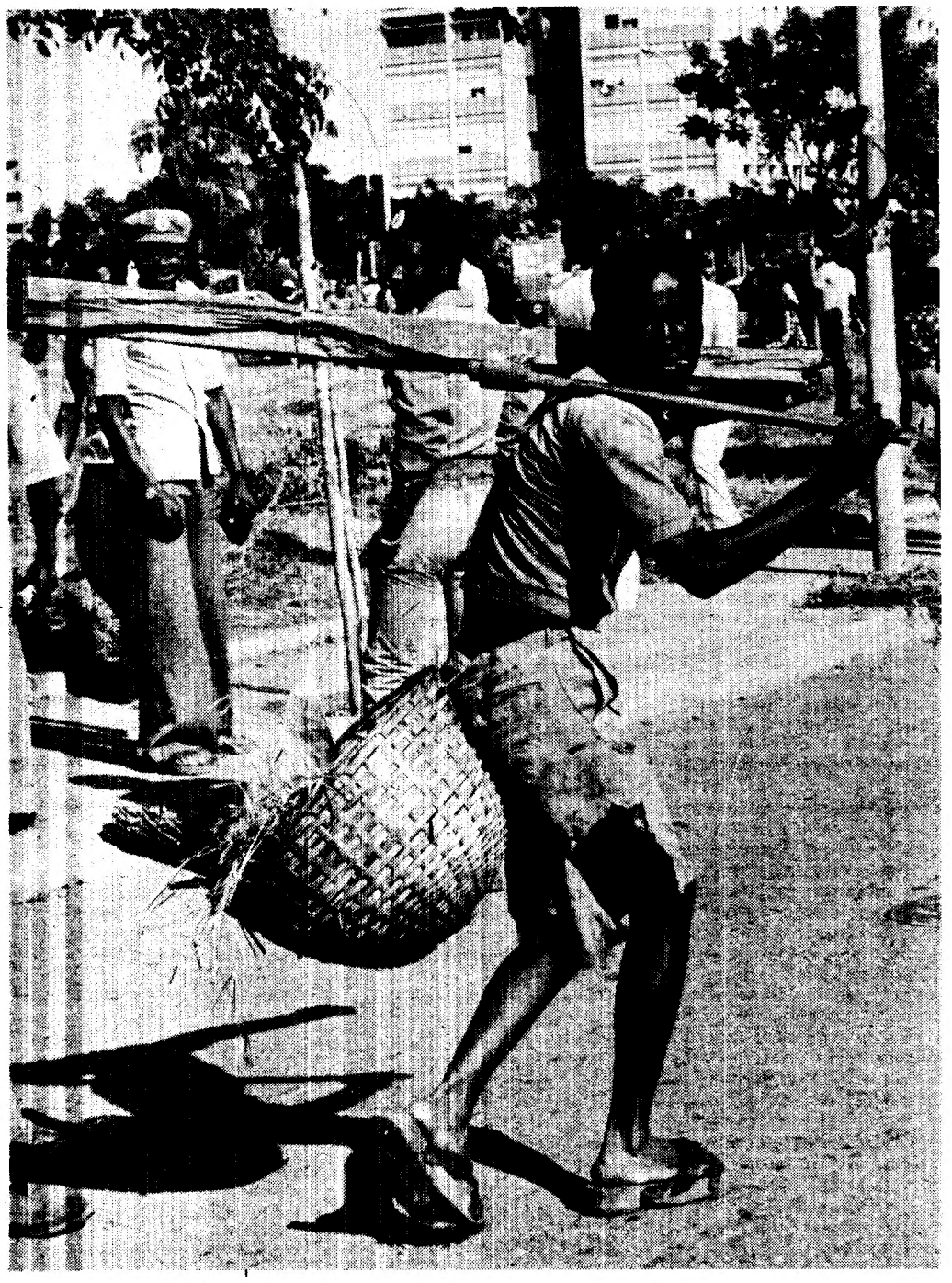
SINDICATO DOS CONTÍNUOS E PORTEIROS DE LISBOA

Descolonização

ANGOLA EM JULHO (3)

Por José A. Salvador

O XADREZ ANGOLANO NÃO É A PRETO E BRANCO



. «Angola ama-a ou deixa-a — F. N. L. A.» é um «slogan» que encontrei espalhado por muitas ruas de Luanda. A palavra de ordem da F. N. L. A. dirige-se aos elementos progressistas da população europeia, e assemelha-se ao que acontece na ditadura brasileira de Geisel — «Brasil, ama-o ou deixa-o». Quem parte de Angola não são os progressistas, que continuam dispostos a colaborar na construção de um país livre e democrático.

Não é fácil descrever social e politicamente a população branca existente nesta colónia. Todavia, a descrição do quotidiano pode dar-nos uma imagem aproximada de quem são e o que pensam os portugueses que regressam.

Apanhar um táxi do aeroporto para o centro da capital angolana é um acontecimento raro. Não há táxis, e quando os há o motorista escolhe calmamente os clientes. Pode acontecer até que nos conte uma história. Como a que segue:

. «Em Lisboa querem entregar isto. Mas a malta do meu tempo não quer. Somos dos duros. O Holden que nos dê uma «canhota», ou até o Savimbi, e a malta não tem medo. Ainda sabemos dar tiros. Eles que nos armem, e vão ver».

Antigo comando, o condutor do táxi deixou-se ficar por Angola à conquista de melhores dias. Com ele outros ficaram, com outros que pensam do mesmo modo.

BRANCOS CONTRA BRANCOS

Um sábado ao princípio da noite um homem branco de meia idade entrou numa cervejaria no Largo Serpa Pinto, em plena cidade de Luanda. Levava na camisa um emblema do M. P. L. A., e entre dois copos de cerveja gritou: «Viva o M. P. L. A.!». Em resposta dois ou três conterrâneos espancaram-no até que elementos do Exército Português puseram fim à contenda. Este incidente ilustra de modo claro que a questão angolana não é um problema rácico como alguns querem fazer crer.

Quando os acontecimentos em Luanda, e no resto do território devido à sua violencia, provocaram a vinda de muitos portugueses para a capital angolana, a população manifestou-se diante do Palácio do Governo, diversas vezes, proferindo palavras de ordem marcadamente antipopulares: «Abaixo Neto!»; «Abaixo o M. P. L. A.»; «Abaixo o comunismo!»

Se quisermos ir um pouco mais longe registemos os destinos quase sempre procurados pelos que partem: Pretória (África do Sul), Rio de Janeiro (Brasil), Libreville (Gabão, país neocolonizado pela França).

ANÁLISE DE CLASSES

Durante os anos sessenta, em plena guerra colonial, foram muitos os brancos que se fixaram em Angola. Grande parte deles dedica-se ao comércio, e como salientamos não ocupou nunca postos chaves do poder económico neste território. Para referenciarmos com mais clareza quem são os brancos que regressam registemos uma análise de classes elaboradas por um centro de Estudos Políticos afecto ao M. P. L. A.:

Refere esse documento:

«A divisão da pequena burguesia burocrática africana e de origem europeia deve-se ao facto de durante o regime colonial terem desempenhado funções diferentes, gozando a segunda de uma situação de privilégio em relação à primeira.

«A pequena-burguesia burocrática branca identifica-se (em grande parte) com o regime colonial a quem servia e defendia.

«As suas posições políticas são pois, face ao actual momento político, diferentes, justificando assim esta divisão.

«Consideremos aqui também duas camadas.

«1 — a camada superior

«São os funcionários e empregados com funções de chefia, capatazes, técnicos, médicos, etc. cerca de 25 000

Gozam de uma situação relativamente privilegiada que lhes foi concedida durante o regime colonial, sendo por isso contrários a uma solução progressista para Angola. O medo de perderem os seus privilégios fá-los apoiarem as posições reaccionárias, defendendo uma solução neocolonialista.

«Se bem que certos elementos intelectuais possam ser chamados a apoiar uma posição progressista ou, pelo menos, serem neutralizados, esta camada constitui neste momento um aliado de forças neocolonialistas.

«2 — camada inferior

«É constituida por empregados e funcionários subalternos, com funções de chefia (cerca de 10 000 goza de poucos privilégios materiais.

«Quer por isso, quer ainda pelo facto de ser a camada da população branca que tem uma maior convivência com elementos africanos, pode ser chamada a apoiar posições progressistas.

«Nomeadamente os sectores intelectuais (estudantes, professores, etc.) constituem um aliado das forças progressistas.

«A pequena burguesia burocrática de origem europeia ficou «surpreendida» e «chocada» com a evolução para a independência. Por essa razão, inclinou-se no primeiro período para posições reaccionárias (golpe racista branco); passado o primeiro período tornou-se uma classe oscilante.»

Prosseguindo, lê-se no referido texto:

«A pequena-burguesia proprietária.

«É constituída por pequenos agricultores e criadores de gado, pequeno comerciantes e indústriais. É na grande maioria de origem europeia (são cerca de 35 000).

«Estão ligados à grande burguesia colonial. Exploram trabalho assalariado, mas estão ligados à produção, quer trabalhando ao lado dos empregados, quer tratando da contabilidade e administração das suas pequenas empresas.

«Esta classe participa na exploração do nosso povo e por isso é levada a tomar posições extremamente reaccionárias. E a base social dos massacres e das maiores chacinas e humilhações das populações. Em caso algum esta classe apoiará as forças progressistas.

AS CLASSES REACCIONÁRIAS

E por último:

«A média e grande burguesia.

«É formada por capitalistas de Angola de origem europeia ligada ao capital colonial português, pelos representantes em Angola do capitalismo português e internacional e pelos altos funcionários do Estado, representantes do Governo colonial de Lisboa (menos de 5 000).

«Foi, durante o tempo do colonialismo, o representante e defensor em Angola do regime colonial-fascista. Defende posições neocoloniais e é a principal aliada, neste momento, das forças imperialistas que querem instalar em Angola um regime neocolonial para poderem continuar a explorar e oprimir o povo angolano.

«Constitui pois um inimigo declarado das massas populares.

«As classes reaccionárias (média e grande burguesia) tentarão seduzir a pequena burguesia, para a levar a defender os seus interesses e do imperialismo. Vão tentar, em particular, corromper os pequeno-burgueses africanos com promoção nos empregos e mesmo com dinheiro. As média e grande burguesia pouco se importarão que os pequenos-burgueses africanos levem as massas a tomarem posições raciais, porque sabem que com isso quem perde só são os pequeno-burgueses brancos e as massas assim serao distraídas (desviadas) da sua meta principal que é contra a média e grande burguesia.»

Refira-se ainda que neste documento os brancos não são incluídos no proletariado, no semi-proletariado, nem nos camponeses pobres (artesãos rurais). A população branca surge só na pequena burguesia, e talvez assim se entenda o carácter reaccionário do papel assumido por muitos portugueses. A reacção não deriva da cor, mas da situação de classe a que os brancos se encontram amarrados.

Os combóios chegavam cheios a Luanda. Malanje e Caxito são terras abandonadas. O desespero vem estampado nos olhos de muitos dos portugueses que querem voltar a Lisboa, e não entendem o que se desenrola em seu redor. O processo escapa-lhes. Estão mal informados e intoxicados pela propaganda de 40 anos de fascismo. Estão intoxicados pelo sistema colonial, e pelos parcos privilégios de que beneficiavam.

O êxodo foi comentado em diversos momentos pelos presidentes dos três movimentos de libertação que exortaram os europeus a permanecer em Angola. Savimbi declarou a este propósito: «Queria dizer algumas palavras sobre o êxodo da etnia branca para Portugal, para o Brasil ou para a África do Sul. Os três movimentos de libertação assumiram uma posição clara em relação à etnia branca. Todos apelam para os que quiserem ser engolanos, para que fiquem em Angola. Todos poderão contribuír para a reconstrução desta pátria com os seus conhecimentos. Todos devem colaborar na consolidação da nossa independência.»

NÃO É JUSTO PARTIR

Quanto a Agostinho Neto escolheu a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, com sede em Luanda, para considerar:

«Não parece justo, ao M.P.L.A., que num momento em que Angola não está independente, em que nós ainda estamos à procura de uma solução política para o nosso país, que aqueles que deixam Angola o lancem numa situação catastrófica provocando o caos económico e, consequentemente, o caos político. Ou que provoquem um colapso na nossa produção. Será justo que aqueles que exerceram aqui as suas funções, em lugares-chave ... esses, nos abandonem agora de modo a deixar-nos atrapalhados? Sem condições para assistir aos doentes ou para que as crianças continuem a estudar?

«Nós temos dúvidas sobre a justeza de um tal comportamento. Angola não merecerá que a mergulhem numa confusão em que depois, todos aqueles que estão interessados em dominar o país, possam ter oportunidade de vir e encontrar a situação que desejam para que o nosso povo volte a ser explorado.

«Eu gostaria de fazer aqui um apelo aos técnicos — não acredito que todos os 125 000 que pediram para se ir embora, diz-se, sejam técnicos — para que ponderem.»

UNIDADE APARENTE

Dirigindo-se também aos portugueses que estão a partir Holden Roberto, presidente da F.N.L.A. convidou-os à permanência neste território

«Dizemos a esses irmãos e irmãs portugueses: o seu lugar é ao nosso lado, em Angola, e não noutra parte em que, de resto, prevejo não sejam recebidos com tão boa vontade. Todos juntos, na mesma arrancada, filhos e filhas desta Angola que tanto sofreu, sem nenhuma distinção, de mãos dadas, com os corações em uníssono, pretos, brancos e mestiços, todos, façamos com que reine na nossa pátria uma harmonia sem igual, para que a paz volte para os nossos espíritos e a concórdia aos corações. Não lhes pedimos que fiquem em Angola porque Angola precisa deles, como mão-de-obra e cérebros pensantes, mas pedimos que fiquem em Angola porque se trata de equilíbrio natural e harmonioso, tanto para Angola como para eles próprios.»

Pelo menos, neste ponto os três movimentos parecem estar de acordo. Ser-lhes-ia extremamente difícil substituír todos estes técnicos, cuja ausência poderá provocar o caos económico. Mas a concordância poderá ser só aparente. Em 1973 o Zaire expulsou compulsivamente milhares de portugueses e outros emigrantes, sem quaisquer indemnizações ou direitos, invocando que se tinha iniciado a zairização da economia. Significativo que a F.N.L.A. de Holden Roberto, cunhado de Mobutu, fale também na angolonização progressiva da economia deste território. Para a F.N.L.A. não se trata de modificar as estruturas socioeconómicas e as relações sociais de produção. Para a F.N.L.A. trata-se apenas de mudar a cor da exploração — de branca para negra — e a cor do terror repressivo. A unidade de propósitos é só aparente. Tal como sucede em relação a Cabinda.

Nacional

"MANUEL ANTÓNIO PINA RENUNCIOU AO MANDATO DO CONSELHO DE IMPRENSA"

— Resposta de SILVA COSTA

Do jornalista Manuel da Silva Costa, membro do Conselho de Imprensa, recebemos a seguinte carta:

«O camarada Manuel António Mota de Pina fez questão de mencionar várias vezes o meu nome no processo que desencadeou com pretexto no caso da divulgação das actas do Conselho de Imprensa. E como o relato a que o «Diário de Lisboa» de 7-7-75 deu guarida enferma de erros factuais, sobre os quais foram construídas interpretações incorrectas, vejo-me obrigado a solicitar-lhe a publicação destas linhas. Tomo esta atitude a contragosto: embora esteja sempre pronto a discutir as questões que interessam aos jornalistas, estes debates na praça pública, antes de humilde confrontação em reuniões da classe, fazem-me imaginar as pessoas em bicos de pés — e portanto em desequilíbrio. É uma visão que me desagrada e para cuja manutenção não desejo contribuir...

1. Quando, no Conselho de Imprensa, preveni a hipótese de «as versões pessoais» do que ali se passa virem a ser contraditadas, estava longe de supor tão urgente aplicação do princípio. O cuidado, porém, tinha fundamento.

Por um lado, parecia evidente que o camarada Mota de Pina resistia à ideia de se reunir com os outros representantes dos jornalistas no Conselho de Imprensa para, **em conjunto,** estudarem a forma de dar conhecimento à classe do modo como exerciam o mandato e, **em conjunto,** solicitarem da classe orientação sobre posições a assumir perante problemas que excedem a previsão do mandato e sobretudo perante questões importantes a respeito das quais esteja ainda por determinar a vontade colectiva. Essa aparente aversão ao trabalho de equipa proveio exclusivamente do camarada Mota de Pina (todos os ou ros jornalistas membros do Conselho de Imprensa deram o seu acordo), pelo que não era demais alertá-lo para a eventual contradita das versões pessoais.

Por outro lado, havia motivos próximos, circunstanciais: Mota de Pina tinha mostrado certa capacidade de se equivocar, como quando disse ao Conselho de Imprensa que os jornalistas ali presentes estavam «estritamente limitados e obrigados nos termos de duas propostas (...) aprovadas em assembleia geral de 30 de Abril do respectivo Sindicato».

Efectivamente, e talvez baseando-se num lapso de informação da Direcção do Sindicato — o que o desculpa, mas não o justifica — o camarada Mota de Pina fazia crer ao Conselho de Imprensa que os jornalistas que dele fazem parte se deviam orientar não apenas por uma proposta de facto aprovada, mas igualmente por uma «Declaração de princípios» (cujo mérito indiscutível não vem ao caso) apresentada como tal e que, por vontade dos respectivos autores não foi submetida à discussão e aprovação da classe, e por isso não obriga seja quem for.

Fica deste modo esclarecido e rectificado um ponto essencial do relato publicado no «Diário de Lisboa»: a) existia uma proposta da camarada Maria Antónia Palla para que os representantes dos jornalistas no Conselho de Imprensa estabelecessem colectivamente a forma de prestar contas e pedir orientação à assembleia do Sindicato; b) Mota de Pina não pode negar que a iniciativa de Maria Antónia Palla, que alegou desconhecer, foi renovada na sessão de 11 de Junho, antes de votada a proposta daquele camarada sobre a divulgação das actas do Conselho — embora afastasse tão completamente do seu espírito a possibilidade desse trabalho colectivo que nem sequer a menciona no relato de que o «Diário de Lisboa» se fez eco; c) tal atitude individualista, retomada na sustentação da tese sobre as actas, e, conjuntamente, o perigo de reincidencia no equívoco, tornaram imperioso advertir, com suficiente clareza, que os relatos feitos a título individual por um mandatário a um mandante estavam sujeitos a contradita.

OS PRESSUPOSTOS

É que a veracidade dos relatos, como todos os jornalistas sabem, depende de um conjunto de factores dos quais os menos impor antes não são decerto a competência e a imparcialidade do relator. Por exemplo: afirmar, como se faz na narrativa publicada no «Diário de Lisboa», que «a proposta (de Mota de Pina sobre as actas) foi discutida no dia 11 de Junho e mereceu a oposição não apenas de membros do Conselho de Imprensa não jornalistas: também jornalistas não a aceitaram — e foi rejeitada por quatro votos contra, 1 a favor e 1 abstenção», é completamente diferente de dizer: «A proposta de Mota de Pina foi discutida e votada no dia 11 de Junho, só tendo registado um voto a favor — o do autor da proposta. Votaram contra ou abstiveram-se, portanto, os representantes do M. F. A. e dos partidos da coligação, os representantes das empresas jornalísticas e dos directores de publicações, os representantes da opinião pública e o próprio presidente, além dos demais representantes dos jornalistas». Esta segunda versão, muito provavelmente, é a que corresponde mais fielmente ao que se passou no Conselho. De facto, em seguida foi votada uma proposta clarificadora, apresentada por mim, segundo a qual «salvo consenso favorável do Conselho, nenhum membro tem o direito de, individualmente, directa ou indirectamente, divulgar as actas das reuniões, sem prejuízo do direito de cada membro do Conselho a informar os seus mandantes da forma como exerce a sua função». Ora esta proposta foi aprovada por 12 votos contra 1 (ainda de Mota de Pina) e três abstenções.

E porquê esta atitude do Conselho de Imprensa? Porque o Conselho quer impedir a classe dos jornalistas de «se manter informada sobre a forma como os seus delegados cumprem o mandato que lhes foi confiado»? Porque o Conselho quer obstar a que os jornalistas que dele fazem parte cumpram o dever e o direito de «dar conta aos seus camaradas, de forma completa e permanente, de quanto se passa neste Conselho de Imprensa e da maneira como exercem o poder delegado que lhes foi conferido»?

Não o creio. Manifestei-me de acordo com estes «pressupostos» da proposta do camarada Mota de Pina e ninguém se opôs. Considero que existe um consenso no sentido de que o exercício da representação (em particular no caso dos jornalistas, ou pelo menos no caso destes) supõe a circulação de Informações e a audição da assembleia geral do Sindicato sempre que este órgão sindical ou os mandatários o entendem indispensável.

Simplesmente, o Conselho de Imprensa (incluindo todos os jornalistas presentes, menos um) entendeu que para atingir essa finalidade não é necessário nem conveniente divulgar as actas do Conselho. O modo aconselhável talvez seja mais trabalhoso do que o sugerido por Mota de Pina — que nem sequer queria assumir o encargo de ser ele a enviar ao Sindicato a cópia das actas —, mas nem tudo o que exige trabalho é fatalmente pior...

A oposição à divulgação das actas tem que ver com outros conceitos, como sejam: a) o carácter do Conselho de Imprensa; b) o método de trabalho mais eficaz para um órgão deste género.

O C. DE IMPRENSA NÃO É UM PARLAMENTO

Existe decerto a convicção de que distribuir as actas do Conselho de Imprensa aos jornalistas significa tornar públicas as sessões do Conselho. É realmente difícil — ou impossível? — pedir a profissionais da Informação que ignorem a Informação disponível. E aquela hipótese suscita a questão de saber se o direito subjectivo, conferido ao Conselho de Imprensa em função dos seus fins, lhe permite transformar-se numa espécie de miniparlamento para os problemas da comunicação social escrita. Houve consenso em sentido contrário. Pelas suas atribuições e pela sua competência o Conselho de Imprensa é, parece ser, um órgão colegial judicativo, de poder vinculado, cuja eficácia depende de normas paralelas às que regem o procedimento dos tribunais na fase de instrução dos processos; e, simultaneamente, o Conselho de Imprensa é um órgão colegial consultivo, destinado a emitir pareceres colectivos, a que, pela sua natureza técnica ou pelo facto de deverem representar o apuramento de opiniões e opções diferentes, mais depressa se chegará em reuniões informais de carácter privado.

Este entendimento tinha já sido perfilhado pelo Conselho, sem oposição do camarada Mota de Pina, quando aprovou a seguinte redacção para o artigo 7.º do respectivo regulamento: «1. As decisões do Conselho serão sempre tornadas públicas, excepto se, por maioria de dois terços, for deliberado o contrário. 2. O Conselho determinará quais os pareceres e estudos que serão tornados públicos, nomeadamente através dos órgãos de Informação, salvo os casos de publicidade imperativa prevista na lei.»

Sendo o Conselho de Imprensa um órgão colegial cuja vontade se manifesta por decisões ou deliberações, ficou assegurada a publicidade fundamental.

Mas a eficácia e oportunidade das deliberações dos órgãos colegiais exigem que se procurem as vias de consumo ou acordo, muitas vezes obstaculizado por pormenores formais. Só quem nunca trabalhou em grupo ignora que, para se chegar a um acto volitivo colectivo, é preciso por vezes grande esforço de tolerância, e até de transigência em aspectos acidentais ou secundários.

Sabe-se como é difícil a procura desse entendimento quando se está a olhar para a galeria: aqui intervém o conhecimento dos vícios do parlamentarismo, dos expedientes que por toda a parte foram sendo adoptados para aumentar a produtividade dos parlamentares, como é o caso do trabalho em comissões, dos limites que foi preciso impor ao uso da palavra em sessões públicas, etc. A votação disciplinada, a que também se recorre nos parlamentos mas que não é possível num órgão com as características do Conselho de Imprensa, pode permitir a eficácia sem exprimir o consenso.

Para utilizar um confronto imodesto: nem sequer nos países onde o povo está mais identificado no Governo se chegou ainda ao ponto de a TV transmitir em directo as reuniões do Conselho de Ministros... E no entanto, ninguém dirá que o Governo não deve prestar contas aos seus mandatários ou que os representantes dos partidos que fazem parte do Governo não têm o direito, e o dever, de relatar fielmente aos seus partidários a forma como exercem o mandato.

Tomei por isso posição contra a ideia de parlamentarizar o Conselho de Imprensa, provavelmente porque não desejo participar nesse jogo, mas sobretudo tendo em vista a eficácia.

Considero ofensiva, consequentemente, a insinuação que resulta do relato de Mota de Pina como foi publicado no «Diário de Lisboa», segundo a qual eu teria afirmado que poderia vir a defender no Conselho de Imprensa «posições que, caso soubesse que iam ser divulgadas, não defenderia». O que eu afirmei é que a perspectiva de publicação integral das actas me impediria de trabalhar com espontaneidade, avançando por vezes sugestões para vencer os impasses, porque «é muito diferente falar-se e ajustar-se opiniões perante o Conselho do que pensar que tudo o que diz vai ser analisado pela opinião pública». Até por motivos gramaticais, como se vê, eu não poderia aceitar sem protesto que a frase anterior me fosse atribuída com a redacção que consta da acta... No decurso da própria reunião em que esta questão foi debatida fui redigindo a proposta que impede a divulgação das actas por decisão individual e fui acei ando corrigi-la formalmente até chegar ao texto definitivo. Prevalecendo-me dessa experiência, chamei a «atenção para o facto de que, se fosse dada uma publicidade total a esta acta, teria que pedir um intervalo de 10 minutos para redigir a proposta definitiva».

O que claramente resulta da acta é que me recusaria a avançar sugestões e me cingiria a posições definitivas se soubesse que, por via da divulgação da acta, as reuniões passavam a ser públicas.

Aceitei, porém, a sugestão de Mora de Pina no sentido de que as deliberações substanciais houvesse votação nominal — embora pela mesma razão de eficácia me pareça ridículo que se perca tempo com a votação nominal de todas as propostas, como pretende Mota de Pina no sentido pode tratar simplesmente de dispor que as reuniões passam a começar 15 minutos mais tarde...

Por outro lado, também concordei com a opinião expendida no Conselho segundo a

Continua na pág. 7

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

Av. D. Carlos I, 42, 2.º — Lisboa

A V I S O

Avisam-se todos os Delegados Sindicais que o Plenário marcado para o dia 10 do corrente, no Salão da Voz do Operário é adiado para o dia 17, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, em virtude de a data inicialmente marcada coincidir com a manifestação convocada pela Intersindical.

Mantém-se a mesma Ordem de Trabalhos, que, passamos a transcrever:

1. **Análise da situação política e sindical**
2. **Problemas da Previdência**
3. **Informações sobre verticalização e contratação colectiva**

Lisboa, 8 de Julho de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

ANO SANTO em ROMA 1 SEMANA

PARTIDAS: TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

Julho 3, 10, 17, 24 e 31
Agosto 7, 14, 21 e 28
Setembro 4, 11, 18 e 25

Preços excepcionais desde* 5.200$

INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto DC9
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Roma
- Taxas hoteleiras
- Acompanhante abreu

* a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 250 35/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

DIÁRIO DE LISBOA

ASSINATURAS DE FÉRIAS

ACEITAM-SE ASSINATURAS PELO PERÍODO MÍNIMO DE 10 DIAS, AO PREÇO DE 4$00 POR DIA.

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA.

Alugue um carro eurorent

R. BARÃO DE SABROSA, 129-A
LISBOA-1 — TELEFS. 822093/4

DESDE 1$30 POR KM

Nacional

"MANUEL ANTÓNIO PINA

Continuação da pag. 6

qual as actas poderiam servir, por exemplo, para comprovar qual a posição dos representantes dos jornalistas quanto aos jornalistas presos. Desejaria que o camarada Mota de Pina partilhasse dessa opinião. Partilhará?

Em conclusão, quanto a este ponto: assumo inteira responsabilidade, com actas ou sem actas, em relato colectivo ou em versão pessoal sujeita a contradita, por todas as posições que tomei no Conselho de Imprensa e estou disposto a transmiti-las aos meus camaradas de profissão, certo de que se harmonizam integralmente com o mandato recebido.

O DESACORDO

O camarada Mota de Pina mostrou-se especialmente preocupado com o limite do manda o muito estrito dos jornalistas em relação à defesa contra a censura interna nos órgãos de Informação e á isenção partidária dos jornais.

Pela minha parte, confesso que não estou mais preocupado com esse aspecto do mandato do que com os restantes.

Em qualquer caso, contesto que a divulgação das actas do Conselho seja o processo adequado à Informação do mandato e ao apuramento da vontade colectiva sobre questões que excedem o mandato conferido. Em primeiro lugar, as actas do Conselho de Imprensa não registam integralmente as intervenções, excepto no caso de os membros do Conselho as apresentarem por escrito; em segundo lugar, o resumo das intervenções orais é feito a partir do registo tomado por um único gravador portátil, fixado num ponto da mesa, apesar de os membros do Conselho chegarem a distribuir-se por uma área de mais de 20 metros quadrados; em terceiro lugar, se bem que, atendendo às circunstâncias descritas, a fidelidade da acta atinja um padrão excepcional, a imprecisão inerente às tentativas de síntese pode sempre agredir a integridade do relato; por fim, a prática tem demonstrado que a maior parte das actas só ficam completas depois das rectificações feitas pelos intervenientes, às vezes a 15 dias de prazo, pelo que a sua divulgação, para ser oportuna, poderia ser injustamente prejudicial para qualquer membro do Conselho.

Como a última parte da Informação publicada no «Diário de Lisboa» pode levar a pensar que Mota de Pina considera «integral e objectivo» o registo constante das actas das sessões, antes das rectificações pedidas por membros do Conselho, desejo esclarecer que o mais extenso protesto e pedido de rectificação até hoje apresentado por motivo da insuficiência das actas do Conselho de Imprensa... é da autoria do camarada Mota de Pina.»

Manuel da Silva Costa

PARA MILITARES
Ração melhorada em 1 de Agosto

Um decreto-lei emanado do Estado-Maior-General das Forças Armadas e publicado na folha oficial, actualiza e unifica as ementas e tabelas de rações dos militares dos três ramos das Forças Armadas, as quais «deverão ser, simultaneamente, agradáveis, satisfatórias e económicas».

Segundo a nova tabela, a alimentação diária dos militares deverá constar: pão de 1.ª qualidade (que poderá ser substituído por bolachas); açúcar, café moído, leite fresco, manteiga (substituições: cacau, chocolate, leite em pó, leite condensado, margarina, marmelada ou similar e queijo tipo flamengo), sopa, pratos de carne ou peixe, sobremesa (constituída por fruta diversa) e vinho ou cerveja.

A capitação do componente base de cada prato será: carne de vaca de 1.ª para bife, 200 gramas; carne de vaca de 2.ª para assar, 200; carne de vaca de 2.ª e 3.ª, 250 gramas; galinha/frango, 300; salsichas/carnes frias, 150; dobrada/figado, 150; mão-de-vaca/cabeça e chispe, 350; peixe fresco, 300; bacalhau, 150; conserva de peixe, 120. As ementas poderão ser substituídas por: carne de porco para bife, 200 gramas; carne de porco para assar, 200; costeletas de porco, 250; costeletas de carneiro, 300; cabrito, carneiro e borrego, 300; pato, 300; coelho, 300; dobrada desidratada, 30; peixe congelado sem cabeça, 250; e peixe para filetes, 220 gramas.

Os militares que permaneçam em serviço, num mínimo de quatro horas, durante o período compreendido entre as 20 horas de cada dia até às 8 horas do dia seguinte têm direito ao abono de um suplemento de alimentação em espécie, de acordo com as capitações constantes da tabela IX anexa ao presente diploma.

Os militares que prestem serviço nocturno, de guarda, ronda, patrulha e qualquer outro de idêntica natureza, têm direito, durante a época fria, para além do suplemento do número anterior, a uma ração de aguardente, no quantitativo de 0,03 l por abonado, desde que todos esses serviços tenham duração igual ou superior a quatro horas.

Serão ainda consideradas situações alimentares especiais, como as inerentes a regimes dietéticos hospitalares, a deslocações aéreas, a missões submarinas e a quaisquer outras circunstâncias que o justifiquem.

SINDICATO NACIONAL DOS OPERÁRIOS METALÚRGICOS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE AVEIRO

COMUNICADO

Tem o Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro conhecimento de que várias forças reaccionárias, aproveitando as recentes declarações de um alto responsável político, estão desenvolvendo uma campanha de incitamento à greve geral.

A Comissão Directiva Provisória deste Sindicato alerta os trabalhadores metalúrgicos do distrito e em geral todos os trabalhadores para o facto de esta campanha constituir mais uma manobra do Capitalismo Nacional e internacional que, contando com o apoio de várias forças reaccionários dentro e fora do País, procura desesperadamente travar o processo revolucionário em curso.

CAMARADAS

O avanço do processo revolucionário rumo ao socialismo passa necessariamente pela batalha económica.

Ganhar a batalha da produção é tarefa fundamental que se apresenta a todos os trabalhadores. Por isso, todo e qualquer incitamento à paralisação do País deve ser entendido como uma medida contra-revolucionária e, consequentemente, contra os interesses da classe trabalhadora.

Riomeão, 10 de Julho de 1975.

Pela Comissão Directiva Provisória
António Augusto Silva

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS

PLENÁRIO

A CDP convoca todos os professores para os plenários que se vão efectuar nos dias 14 e 15 de Julho, pelas 20.00 horas no **Pavilhão dos Desportos.**

Estes plenários são para a **discussão e aprovação dos Estatutos do Sindicato.**

NOTA: Para a entrada é necessária a apresentação de cartão de sócio e do bilhete de identidade.

Os Estatutos são importantes.

A mobilização de todos é a garantia da democraticidade da decisão.

POR UM SINDICATO UNITÁRIO, DEMOCRÁTICO E DE MASSAS!

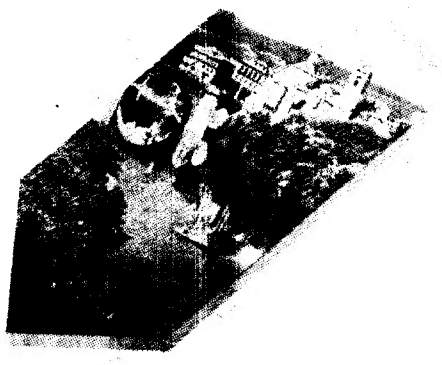
POR UM SINDICATO INTEGRADO NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO!

POR UM SINDICATO DOCENTE LIGADO À CLASSE OPERÁRIA E AOS TRABALHADORES!

ASSINA: **A COMISSÃO DIRECTIVA**

PARA SI, O QUE SÃO FÉRIAS?

Férias. Tempo de descanso. Para quem trabalha. Em Portugal. Para todos os portugueses.
Em 8 * zonas que você precisa conhecer. Com programas diversificados, permitindo a cada um aproveitar da melhor forma o seu subsídio de férias.
Programas à **Preços Especiais** que as agências de viagens, põem agora à sua disposição.
Peça o **Catálogo de Férias Portuguesas** em qualquer agência de viagens, que o ajudará a escolher a melhor forma de aproveitar os seus tempos de descanso.
Sejam as **férias familiares**, de fim de semana ou o **aproveitamento de um feriado.**
Gozar o **Sol de Verão**, a calma da Primavera ou do Outono ou o descanso reconfortante do Inverno.



* 1 — Costa Verde (de Valença até Espinho)
2 — Costa de Prata (de Espinho à Ericeira)
3 — Costa de Lisboa (da Ericeira a Troia, passando por Vila Franca)
4 — Interior Montanhoso
5 — Planícies (entre a Cova da Beira e o Algarve)
6 — Algarve
7 — Madeira
8 — Açores

Faça férias Portuguesas!
TODO O ANO

SISTEMA

Medicina

FUMAR FAZ MAL AOS SEUS FILHOS

O acto de fumar tem sido bastante ligado ao cancro do pulmão, doença do coração, respostas imunológicas enfraquecidas, maior risco de dar à luz crianças com pouco peso e doença. Se esses riscos não são suficientes para o fazer deixar de fumar talvez este seja. Investigadores londrinos informam na Lancet de Nov. 2 que o facto de os pais fumarem cigarros pode tornar os seus filhos mais susceptíveis à pneumonia e bronquite.

J. R. T. Calley da London School of Hygiene and Tropical Medicine (Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres) e os seus colegas, estudaram a incidência de pneumonia e bronquite em 2205 crianças durante os 5 primeiros anos de vida. Os hábitos tabágicos dos pais foram registados anualmente. O fumo dos cigarros consumidos pelos pais duplicava o risco de um ataque de pneumonia ou bronquite dutante o primeiro ano de vida. Em contraste, não parecia existir nenhum efeito crucial do fumo entre as idades de 1 a 5.

Esta prova, concluem os investigadores, «fornece razões convincentes para avisar os pais que fumam dos riscos que isso acarreta para os seus filhos... Os ataques de pneumonia e bronquite, particularmente no primeiro ano de vida, podem ainda resultar na morte da criança apesar de um tratamento rápido e vigoroso». As crianças que sobrevivem a uma doença respiratória no primeiro ano de vida, segundo eles, tem-se verificado que vêm a sofrer de doença respiratória crónica mais tarde.

OS SONHOS E A DEPRESSÃO

Porque é que as pessoas sonham? Os investigadores ainda não têm bem a certeza, mas os dados sugerem que os sonhos provêm de uma espécie de exercício que mantém o cérebro (e os olhos) em boas condições de funcionamento. Nalgumas experiências, por exemplo, as pessoas desprovidas de sonhos apresentavam sinais de deterioração mental incluindo alucinações associadas à esquizofrenia. Gerald Vogel, da Emory University, tem uma visão diferente dos sonhos. Diz que a privação de sonhos pode inclusivamente melhorar o estado de certas pessoas com perturbações mentais.

REM ou movimentos rápidos dos olhos durante o sono indicam geralmente sonho. No laboratório de sono do Georgia Mental Health Institute (Instituto de Saúde Mental de Georgia), Vogel observou 4200 noites de sono de 80 voluntários que sofriram de depressão. Antes de irem dormir, cada um dos doentes era ligado por eléctrodos a um equipamento monitor. Metade dos doentes (os experimentais) foram acordados quando atingiam o sono REM. A outra metade (os controlos) foram acordados durante o sono não REM. Com base numa série de testes para a depressão dados 3 vezes por semana, verificou-se que os experimentais melhoraram significativamente mais do que os controlos. Mais tarde, na mesma experiência, os controlos foram acordados durante o sono REM. Também eles melhoraram bastante.

ALERGIA FEMININA AO ESPERMA

Haverá algo mais terrível que ser alérgico a quem se ama? Os alergologistas insistem em que esta possibilidade é remota. Contudo, na literatura médica, foram já descritos 3 casos de mulheres que mostraram reacções alérgicas ao esperma masculino.

E agora um quarto caso, mais dramático, é publicado nos Annals of Allergy de Abril, por Edwin J. Mikkelsen e a sua equipa da Mayo Medical School.

O caso diz respeito a uma mulher de 30 anos que mostrou reacções alérgicas quase todas as vezes que teve relações sexuais. As reacções traduziam-se por espirros e edema dos olhos e vagina, urticária e sensação de desmaio. Mostrava as mesmas reacções mesmo que mudasse de «partenaire».

Usando um preservativo, contudo, não aparecia a reacção alérgica, o que levou Mikkelsen e os colaboradores a suspeitar que era o esperma, ou algo no líquido seminal masculino, que desencadeava a reacção. Esse algo parece ser uma proteína, não presente no esperma mas presente no líquiso seminal.

Assim, Mikkelsen e a sua equipa, pensam que a alergia feminina ao esperma «deve ser mais comum do que anteriormente se pensava».

TARTARUGAS BEBÉS PROIBIDAS

Uma imagem favorita do rapazinho indomável: sardas, um sorriso matreiro, e uma tartaruga no bolso do «blue-jean». Ou era uma rã? Antes fosse... Dentro de algumas semanas as tartarugas-bebés serão uma coisa do passado.

A Food and Drug Admnistration anunciou a interdição da venda das tartarugas de estimação dentro de algumas semanas. Depois de várias tentativas de controlo do «problema das tartarugas, antes de as proibir, mas ele mantém-se. As tartarugas-bebés são portadoras de bactérias que podem causar a infestação por Salmonella, nos rapazinhos travessos, e em todos os que com elas contactam, não lavando as mãos a seguir. Aproximadamente 280 000 casos de infestação por Salmonella, por ano, são causados por tartarugas de estimação.

Satisfazendo um pedido feito pela União dos Consumidores, o ano passado, a FDA passou a exigir aos fornecedores um certificado de sanidade em relação aos organismos patogénicos. Um controlo posterior revelou, contudo, que 54 por cento das tartarugas certificadas, readquiriam a infecção, através de alimentação ou da água, alguns meses depois. Partindo deste dado, e tendo em consideração a gravidade do problema, a FDA decidiu proibir as vendas.

A interdição dirá respeito a tartarugas com conchas de menos de quatro polegadas de comprimento, e a ovos fertéis. A venda dos animais continuará para fins científicos e educativos, e para exibição.

MSD Colaboração dos Serviços Profissionais da MERCK SHARP E DOHME

UM TESTE MAIS PRECOCE DO CANCRO DO COLO DO UTERO

Durante vários anos, acumularam-se provas de que um vírus do herpes simples está associado ao cancro do colo do útero. Pensa-se que uma característica deste vírus, é ter uma fase latente longa entre a infecção por ele e o aparecimento de um tumor no hospedeiro. Desenvolveu-se um novo método para detectar as «marcas» deste vírus durante o que pode ser a fase latente. Tal pode levar a técnicas diagnósticas, para detecção do cancro do colo mais cedo ainda do que pos reagem efectivamente com teste de Pappanicolau.

Joseph L. Melnick e seus colaboradores T. Anzai, G.R. Dreesman, R.J. Courtney e E. Adam do Baylor College of Medicine de Houston, descreveram o seu trabalho num encontro da American Society of Microbiology em Nova Iorque, esta semana. A sua técnica implica a pesquisa, por técnicas auto-imunes de anticorpos no sangue humano. Estes anticorpos reagem electivamente com as proteínas do herpes-vírus, lançadas em circulação durante a fase latente.

O herpes-virus pode reagir de dois modos depois de atingir a célula e nela injectar o seu material genético. Se o código genético, completo, do vírus é transcrito e transmitido, dirige a célula na produção de mais partículas víricas. Estas, rapidamente, levam à explosão da célula, matando-a e infectando muitas outras células. Se, contudo, o código é incompleto (como se mal conhecido), pode ficar incluído no ADN da célula do hospedeiro, e aí permanecer durante longo período. Durante este período, a célula hospedeira pode começar a produzir certos enzimas, chamados proteínas não estruturais do herpes-virus.

Estas proteínas, estranhas ao organismo hospedeiro, funcionam como antigénios, pocro do colo do útero têm anticorpos contra as proteínas «incompletas», ou não estruturais do herpes-virus (e algumas vezes contra a proteína completa ou estrutural) mais frequentemente que as mulheres normais. A nova técnica de análise usada no laboratório de Melnick, permitiu à equipa, detectar a presença de pequenas quantidades de anticorpos contra as proteínas não-estruturais precoces, indicadoras de uma infecção latente.

A relação precisa entre estes anticorpos e proteínas, com o aparecimento do cancro humano, não é conhecida, mas um teste tão sensível abre, pelo menos, a via de infecções tendentes à herpes. O esfregaço de Pappanicolau, embora muito útil indicador do cancro do colo do útero, não acusa positividade antes que células neoplásicas estejam presentes. Se, numa mulher estudada pela nova técnica, houver evidência de uma infecção latente, ela pode ser submetida a testes de Papanicolau mais frequentes. A probabilidade de encontrar precocemente um tumor (se o tiver); será maior, assim a probabilidade de sobrevivência.

Devem ser feitos mais estudos, antes que a pesquisa de infecções da herpes-vírus latente, possa ser feita na clínica, diz Melnick. Estudos epidemiológicos devem ser feitos em grupos tradicionalmente de alto risco, para uma correlação entre o aparecimento destes anticorpos e o de uma doença maligna eventual. Também a técnica, deve ser simplificada e vulgarizada, para uso no diagnóstico laboratorial.

MARIJUANA: ODepartamento of Health, Education and Welfare (HEW) — Departamento da saúde, Educação e bem-Estar — informa.

7 O quarto de uma série de relatórios que actualizam o conjunto de conhecimentos sobre a marijuana acaba de ser publicado pelo HEW.

Discutindo o relatório, Robert Du Pont do National Institute on Drug Abuse (Instituto Nacional do Abuso de Droga) disse: «Não se pode neste momento, com base nos dados científicos obtidos, proceder a uma avaliação definitiva quanto aos efeitos benéficos ou maléficos que a marijuana produz nos seres humanos. «O relatório aponta contudo três campos nos quais as consequências para a saúde provenientes do uso da marijuana são potencialmente bastante maléficas. Estados preliminares, por exemplo, sugeriram que o uso de marijuana poderia enfraquecer e interferir com os mecanismos imunológicos do organismo. Noutra área, os investigadores informaram que o uso habitual de marijuana parece baixar o nível de testosterona no organismo, a hormona sexual masculina. E finalmente o relatório diz que restam já poucas dúvidas de que a intoxicação por marijuana interfere com as capacidades de condução.

MARIJUANA: Relatórios Contraditórios

Dois dos assuntos mais visados pelo relatório do HEW sobre marijuana não são baseados em estudos recentes. Os investigadores da Universidade da Califórnia em Los Angeles, por exemplo, informam que o hábito crónico de fumar marijuana não parece produzir um efeito imunológico detectável por testes cutâneos. O DCNB é um antigénio utilizado para testar as respostas imunológicas. Foi aplicado na pele de 22 fumadores saudáveis de marijuana. Os indivíduos tinham fumado regularmente marijuana num mínimo de 3 vezes por semana pelo menos 6 meses. Todos os 22 indivíduos mostraram capacidade de resposta ao DCNB, e os investigadores dizem não existirem provas que sugiram que os fumadores de marijuana sejam mais sensíveis ao desenvolvimento de processos infecciosos.

Noutro estudo recente, os níveis de testosterona não se consideram significativamente alterados pelo uso de marijuana. A investigação foi conduzida na Escola Médica de Harvard — Hospital McLean em Belmont, Mass. Os níveis de testosterona foram monotorizados em 42 fumadores antigos de marijuana (de 3 a 8 anos). As medições iniciais mostram que todos os indivíduos tinham níveis de testosterona praticamente normais. As medições foram feitas durante um período de 5 dias em que não fumaram, um de 21 dias em que fumaram e outro de 5 dias em que também não fumaram. Alguns indivíduos consumiram mais de 120 cigarros durante o período em que fumavam. Os investigadores informaram no «New England Journal of Medecine de 14 de Novembro que nem mesmo o «consumo de altas doses de marijuana estava associado à supressão dos níveis de testosterona quando se analisavam múltiplas amostras de plasma antes, durante e após um período de 21 dias em que fumavam.»

MARIJUANA: Mudança dos Estatutos Legais

Pouco antes de ter sido publicado o polémico relatório do HEW sobre marijuana, Robert Du Pont — o oficial supremo da fiscalização do abuso de droga — sugeriu num discurso que poderia ser tempo de eliminar as penalizações criminais pela posse de pequenas quantidades de marijuana. Quase imediatamente, o jurisconsulto dos E.U.. Earl J. Silberto, disse à Polícia do distrito de Colúmbia que o seu gabinete não arquivaria mais acusações de tribunal contra pessoas presas pela posse de 5 ou menos cigarros de marijuana ou até 1 grama da droga sob qualquer outra forma. A decisão de diminuir as restrições no distrito de Co-lumbia, disse Silbert, permitirá à polícia concentrar-se em crimes mais violentos e mais sérios. Depois de uma controvérsia de três semanas, Silbert retirou o seu plano, mas parece que as atitudes respeitantes à posse de marijuana podem estar a mudar.

DIFERENÇAS SEXUAIS NA MANEIRA DE LER AS PALAVRAS

As mulheres podem percepcionar as palavras diferentemente, e portanto ler de forma diferente dos homens, concluíram três psicólogos britânicos. Em 3 testes com estudantes universitários Max Coltheart, Elaine Hull e Diana Slater investigaram se as mulheres e os homens liam fonética (pronunciando as palavras) ou visualmente (reconhecimento pelo soletramento), e se a diferença estava relacionada com o sexo.

Para estudar funções que são puramente visuais, a equipa pediu a 75 universitários para seleccionarem mentalmente o número de letras de A a Z que continham o som «ee» com o fim de testarem a utilização do auxílio verbal. Era proibido escrever ou falar durante o teste; era encorajada a rapidez na resposta. Um exercício similar para testar o auxílio visual na leitura obrigou o grupo de estudantes a contarem mentalmente o número de letras maiúsculas que continha uma curva. Apesar de as mulheres serem mais rápidas no teste verbal e os homens mais rápidos nos exercícios visuais, as diferenças, diz a equipa, não foram estatisticamente significativas (uma diferença de 0,9 segundos ou menos em ambos os testes). Mas as mulheres fizeram menos erros no teste verbal (número de sons «ee») enwuanto que os homens pontuaram melhor no exercício visual (letras com curvas). A equipa diz que estes resultados implicam que as mulheres lêem mais frequentemente que os homens, as palavras pelo modo como soam.

Ao seleccionar as suas experiências, a equipa evitou propositadamente a possibilidade de imagens visuais ou exercícios que pareciam visuais mas que podiam ser resolvidos verbalmente com sucesso. Uma vez que as diferenças sexuais nas investigações psicométricas (medição da rapidez mental) são geralmente muito pequenas, pode ter sido ignorada qualquer investigação anterior da mesma natureza. Igualmente as diferenças poderiam não ser atribuídas ao sexo se os investigadores estivessem à procura de outro facto determinante.

Numa experiência no seguimento destas, feita nos moldes de uma concebida por D. W. J. Corcoram do British Medical Research Council, foi pedido aos indivíduos para examinarem seis páginas de uma revista ampliadas, e marcar a letra «e». Como se esperava as mulheres tiveram mais dificuldade do que os homens no reconhecimento e marcação dos «ee» que não se pronunciavam como em «tarde», confirmando a teoria do grupo de que as mulheres dependem mais da análise verbal, enquanto os homens dependem mais da visual.

Para testar mais a teoria, pediu-se a 20 indivíduos, 10 homens e 10 mulheres para pressionarem um botão com «sim» no momento em que reconheciam uma palavra inglesa projectada na sua frente. Com a ajuda de um «écran» oscilocópico controlado por um computador, foram fornecidas dados impressos no fim de cada sessão individual.

Foram mostrados quatro grupos de «palavras»:

— Uma palavra de um par de homónimas (suite /sweet, Urn/earn).

— Palavras que pareciam homónimas mas não eram.

— Conjuntos de letras sem formar palavras que soavam como as homónimas mostradas previamente (horl, Laks, Throo).

— Conjunto de letras sem formar palavras que são pronunciáveis mas que não existem (dorl).

Os resultados deste teste indicam que as fonéticas são utilizadas por ambos os sexos na leitura, mas mais pelas mulheres do que pelos homens.

Nacional

"A LUTA VAI-SE CONTINUAR"

A. PEREIRA DA SILVA

Continuação da pág. 1

Contudo, uma coisa sabem: «a luta vai-se continuar». Agora com outro objectivo, agora com sacrifícios de outra ordem. Pela voz do motorista, Celestino, um camarada fixe que ganha três contos e quinhentos por mês no seu «mister».

A maioria da população branca abandonou o país antes da independência. Resta, talvez, uma centena de europeus, quase todos na posse do pequeno comércio da ilha. **Não, ninguém os obrigou a sair. Eles é que quiseram ir-se embora. Talvez tivessem vergonha...**

E, todavia, os santomenses teriam boas razões para pensarem de modo oposto. Tida, durante decénios e decénios, como a colónia modelo da colonização portuguesa, S. Tomé e Príncipe só agora se terá libertado para sempre (assim o desejamos) do ferrete sangrento da escravatura. Ali chegados há 500 anos, os portugueses assentaram nas suas belas ilhas equatoriais um frutuoso centro de mercantoria de escravos. Mais tarde, oom o início das sucessivas monoculturas, escravos foram importados, sobretudo das colónias atlânticas vizinhas: Angola, Cabo Verde, Guiné. Mais recentemente, para muitos naturais destes países — e até de Moçambique — S. Tomé era a terra de onde nunca mais se voltava, uma espécie de campo de concentração disfarçado por um trabalho útil e mal pago a favor de meia dúzia de empresas que dividiram as ilhas entre si.

A prática da eficiência, nestas roças, viria de resto a permitir o ar de desenvolvimento e o parque de equipamentos sociais e económicos com que S. Tomé independente arranca. Produção rentável, ao longo dos últimos decénios, o cacau equilibrou uma economia não muito diversificada e ainda deu muitos lucros ocultos a sociedades sediadas em Lisboa — de onde exploravam sucessivamente os trabalhadores e a economia global da colónia. Apesar disso, S. Tomé possui uma excelente rede de estradas; está totalmente electrificada; apresenta índices de escolarização superiores a qualquer país africano a sul do Equador (perto de 90 por cento); tem muitos hospitais e um índice camas-por-habitante invejável; cerca de seiscentas camas por milhar de habitantes. Por interesse próprio, as poderosas empresas que dominavam as roças, de longe, procuravam criar condições para uma exploração eficaz: meios de rápido escoamento das culturas, formas avançadas de comercialização — em S. Tomé, em Lisboa e em Londres ou Nova Iorque — e meios de manter uma mão-de-obra numerosa para ser barata. Daí os cuidados com a Saúde. Acresce que as roças governavam, de facto, o país — e procuravam ser auto-suficientes para deixarem ao poder político colonial-fascista o mero encargo da repressão oficializada.

ALGUNS DILEMAS

Foi a partir destas e outras realidades concretas que surgiram já contradições políticas no seio do M.L.S.T.P. e algumas interrogações quanto ao futuro. Muitas pessoas há em S. Tomé que ainda têm nos pés as marcas de grilhetas — sobretudo as deixadas pelo terror salazarista então personificado pelo governador Gorgulho, cujo mandato terminaria com o crime execrando de 1953, ano em que se verificou o morticínio bárbaro de mais de um milhar de santomenses e a destruição física, moral e material de milhares de famílias. Crime demonstrado e denunciado pela actuação corajosa do dr. Manuel João da Palma Carlos, ajudado pela hoje ministro da Educação, Alda Espírito Santo, deixou vestígios que ainda não se apagaram e fizeram reviver a resistência passiva e activa dos antigos escravos a todas as formas de escravatura que lhes quizeram impor. Por isso, e na opinião de alguns observadores europeus, o seu pouco gosto em cultivar a terra e tomar a iniciativa de diversificar as culturas agrícolas. S. Tomé é uma enorme reserva de cacau e pouco mais, mal se vendo qualquer pequeno exemplo de horta familiar. Por outro lado, a produção espontânea da ilha — sobretudo em fruta-pão e banana — sempre afastaram o espectro da fome irremediável. O que, aliás, nunca deixou de ser tido em conta pelos colonialistas, lavando-os à destruição criminosa de bananeiras e outras formas de subsistência natural, em momentos de crise motivados pela necessidade de fazerem vergar a mão-de-obra local.

A análise correcta destas realidades terá falhado no seio dos activistas da Associação Cívica pró-M.L.S.T.P., braço do Movimento no interior do país que iniciou, após o 25 de Abril de 1974, uma intensa campanha de politização dentro de S. Tomé, sob a palavra de ordem fundamental pela Reforma Agrária, contra os roceiros exploradores. Palavra justa, à partida, terminaria numa declaração de greve de zelo em grande parte respeitada pelos 90 por cento de santomenses que trabalham nas roças e cujo trabalho ainda não terá sido recuperado. Justa do ponto de vista ideológico, repetimos, a conduta da Associação Cívica desencadeou um certo tipo de crise, levou ao afastamento de três membros do Movimento (dois deles ministros do Governo de Transição) porque não resistiu à grave denúncia de ser, neste momento, contra os interesses vitais da economia nacional; grande parte dos roceiros brancos e técnicos abandonaram o país, a cultura e tratamento dos frutos do cacau — obedecendo a regras muito rigorosas — foram atrasados, o que equivale a um prejuízo importantíssimo durante um período de três a cinco anos: o necessário para recuperar as árvores.

Ora, o cacau é praticamente tudo para a economia de S. Tomé. Ele só tem bastado para equilibrar a balança comercial e prover aos investimentos colectivos indispensáveis.

AS INTERROGAÇÕES

Interrogações fazêmo-las nós europeus, sobre o futuro político desta pequena ex-colónia de 1000 km2 e menos de 70 mil habitantes. Confessamos que nunca víramos um tal grau de desenvolvimento aparente e real, uma tal vivacidade de vida colectiva, semelhante movimento social em terras colonizadas. Trata-se, sem dúvida, de uma terra fértil e luxuriante, perfeitamente capaz de se auto-abastecer e que bem poderia vir a ser modelo, igualmente, de experiência socializante a ter em conta. Mas, a realidade africana escapa-nos muitas vezes nas suas realidades concretas e suas subtilezas. No programa enunciado pelo chefe do Estado, Manuel Pinto da Costa, nem uma única vez se fala de socialismo embora nele estejam contidos medidas realistas para a situação do país.

Falou, contudo, da solidariedade fundamental do bloco socialista no seu apoio ao Terceiro Mundo — de que S. Tomé faz parte — e da importância decisiva que o bloco teve para o arranque, luta e vitória dos povos contra o colonialismo.

O M.L.S.T.P. contudo, está muito ligado ao vizinho Gabão, ex-colónia francesa, formalmente independente mas exemplo gritante do neo-colonialismo activo da parte do imperialismo internacional. Bem se pode dizer que o Gabão foi o hóspede de honra na festa política e popular da independência. Em S. Tomé esteve o chefe do Estado, Albert Bongo, e numerosa comitiva familiar. Mereceu uma citação especial no discurso de Pinto da Costa e paira como fantasma no caminho de S. Tomé. Não no aspecto militar-expansionista, mas no da influência. O Gabão, a meia hora de S. Tomé, por via aérea, é dominado por uma forte burguesia nacional e francesa-colonialista, que impõem um nível de vida ferozmente elevado e inimaginável para a esmagadora maioria da população nativa. É um caso típico do colonialismo económico-imperialista: a distanciação alucinante entre duas classes únicas, os ricos e os pobres.

Tal como no Gabão, também a classe dirigente de S. Tomé foi recrutada na burguesia colonial, não nos parecendo convincente a sua aliança com o Povo. E, nos primeiros programas, pouco ou nada se diz sobre organização das massas populares fora ou dentro do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe. Este perigo é agravado pela ausência de luta política e luta armada dentro do país («estávamos como que metidos numa garrafa» — disse-nos um trabalhador), embora a feição progressista do M.L.S.T.P. o tivesse levado a ser aceite pelos países independentes africanos e, mais tarde, pelo Governo português saído do «28 de Setembro».

Nas circunstâncias actuais, portanto, Portugal tem um papel decisivo na definição do futuro de S. Tomé: o seu apoio efectivo e selectivo poderão evitar o perigo do neocolonialismo, que existe, mas não estará pragmáticamente nas intenções do M.L.S.T.P. Dinheiro e quadros — eis o que de Portugal espera um pequeno país onde toda a gente fala e falará correctamente a língua portuguesa. E tem sobre si, inapelavelmente, uma carga enorme dos nossos defeitos e virtudes históricas e humanas.

«CHÔ CHÔ, IRMÃO»

«Chô, Chô, irmão». «Ciao, Ciao» na expressão local. Um adeus de confiança e alegria. A mais bela despedida que tivemos na nossa vida. Era o fim da tarde de sábado, a libertação. Na roça, Rio de Ouro, a maior e mais completa de S. Tomé meia dúzia de trabalhadores, quase todos mulheres e muitos filhos. Conversando com a doçura e alegria próprias desta gente, sentados nas escadas imperiais de um conjunto económico-social de grandeza dificilmente imaginável, agora abandonado pelos representantes dos senhores.

«Irmão, quer comer kerilu, comida da terra?».

Aproximei-me e comi do mesmo prato onde todos, adultos e crianças, saboreavam lentamente um estranho e picante combinado de culturas locais. Quase toda aquela gente tem familiares em Portugal — uns a trabalhar, outros doentes em hospitais. A independência é um facto bem aceite, mas ninguém imaginava um corte com o país e a civilização que os moldou, explorou e influenciou para sempre. Na aurora da liberdade, Portugal era ainda o doce e poderoso país longínquo a que estavam ligados por nacionalidade legal e muitas outras razões.

E, mau grado a carga histórica de culpas e pecados que são os nossos, nunca nos sentimos tão real e comovidamente irmãos de outros homens, nunca nos sentimos portadores de uma tão convicta mensagem de solidariedade humana. Ali, perto da vila mártir de Trindade, e à noite, na buliçosa feira popular de S. Tomé, vendo o teatro popular ingénuo e arguto, assistindo às «puxas» e outras danças, bebendo cerveja em comum de lágrimas nos olhos e confissões de uma franqueza poética surpreendente. («Se tivéssemos mais tempo nós festejaríamos melhor»).

Não há lugar a perdões; há o futuro.

Adeus irmãos. Até sempre.

ACORDO ASSINADO POR ROSA COUTINHO

«As cerimónias da independência de S. Tomé terminaram da melhor maneira. Assinei, ontem, em nome do sr. Presidente da República, com o sr. Presidente da República Democrática de São Tomé, um acordo de cooperação e amizade entre os dois povos que, espero, venha a ser frutuoso» — declarou ontem, o almirante Rosa Coutinho à sua chegada de São Tomé.

Com Rosa Coutinho chegou o ministro Almeida Santos, e os representantes dos partidos que assistiram às cerimónias da independência: Joaquim Gomes, do P.C.P., José Tengarrinha, do M.D.P./C.D.E., e Magalhães Mota do P.P.D.

Referindo-se à descolonização daquele arquipélago, que considerou motivo de orgulho para o Povo Português, o almirante Rosa Coutinho sublinhou que o nascimento dos novos países de expressão portuguesa constituíam «momentos grandes da nossa Revolução».

LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 14 (F.P.) — Moçambique reconheceu o novo Estado de São Tomé e Príncipe, anuncia um comunicado publicado na capital moçambicana.

Entretanto, Samora Machel enviou uma mensagem especial a Pinto da Costa, secretário-geral do M.L.S.T.P. que passamos a transcrever:

«Com a maior alegria e emoção, o Comité Central da Frelimo, o Conselho de Ministros e o Povo da República Popular de Moçambique saudam e reconhecem desde a sua proclamação a República irmã de S. Tomé e Príncipe. Forjada pela pilhagem, exploraçao, humilhação, brutalidade, crimes e massacres do colonialismo, herdeira de uma rica tradição nacional de resistência popular dirigida pela sua vanguarda, o Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe, a nova República contribuirá certamente para o reforço do campo anticolonialista e para a criação de uma vasta frente anti-imperialista no nosso continente. Estivemos juntos no processo de uma luta de libertação. É necessario que nesta nova fase reforcemos os laços já criados. No novo combate, que empreendem, estamos inteiramente convosco na defesa da soberania nacional, na luta pela utilização dos recursos do país em favor das massas, na batalha para implantar a democracia real, pela qual se bateu o Povo sob a vossa direcção. Unidos venceremos. Saudações fraternais e calorosas. A luta continua».

PEQUIM

TOQUIO, 14 (AP/ANI) — O primeiro-ministro chinês Chu En-Lai felicitou os dirigentes das ilhas Comores e de São Tomé e Príncipe, pela sua independência e anunciou que a República Popular da China reconhece as duas novas nações — informou a Rádio de Pequim.

«Creio no estabelecimento e desenvolvimento diário de relações amigas entre os nossos países» — declarou Chu nas mensagens que enviou ao chefe de Estado das Comores, Ahmed Abdallah, e a Manuel Pinto da Costa, presidente de São Tomé e Príncipe.

MOSCOVO

MOSCOVO, 14 (P.L./ANI) — O presidente do soviete supremo da União Soviética, Nikolai Podgorny, enviou uma mensagem de felicitações a Manuel Pinto da Costa, presidente do novo Estado de São Tomé e Príncipe.

Alda Espírito Santo:

"HÁ QUE ESTARMOS ATENTOS ÀS MANOBRAS NEOCOLONIALISTAS"

S. TOMÉ, 14 — (Do enviado especial da A.N.I.) — «É necessário agora, e acima de tudo, pegar no arado e trabalhar por uma sociedade justa onde a repartição das riquezas não seja nunca mais privilégio de uma minoria», declarou à A.N.I., Alda Espírito Santo, professora primária, poetisa e ministro da Educação do Governo de Transição de S. Tomé e Príncipe, poucas horas após a independência deste arquipélago, situado no golfo da Guiné, que durante mais de quinhentos anos sofreu o peso do colonialismo português.

«Nesta primeira fase», continuou «nós podemos dizer que todos os problemas que se nos deparam são muito difíceis de resolver. Recebemos uma herança colonial onde quase só encontramos aspectos negativos de uma ponta à outra. Há problemas económicos, há o problema da alienação de valores, da alienação da cultura, é preciso vencer as barreiras individualistas criadas pelo sistema colonialista. É toda uma estrutura social a repor e a modificar, a par de um longo trabalho de consciencialização, politização, organização do povo.»

Alda Espírito Santo falou ainda da necessidade de cooperação cultural com Portugal: «Temos muita falta de professores, de livros de divulgação política, de revistas e outras publicações que nos ajudem a levar a cultura ao povo.»

Sobre as formas e a necessidade da organização popular e da integração da mulher na vida colectiva, o ministro da Educação revelou que já se formou uma cooperativa de corte e costura, que permite às mulheres a integração no trabalho, acompanhada de uma consciencialização política.

Por fim, respondendo a uma pergunta sobre o perigo do neocolonialismo em S. Tomé, Alda Espírito Santo afirmou: «Há que estarmos atentos a essas tentativas. Sabemos perfeitamente que os países precisam de cooperar e de se ajudarem mutuamente, mas há que ver quais as formas de cooperação que constituem uma ameaça real de neocolonialismo. A nossa terra já está farta de exploração e de escravatura.»

Assembleia de Constituição da Federação dos Sindicatos de Trabalhadores Portuários de Portugal Continental

AVISO

Declara-se sem efeito a convocatória publicada no «Diário de Notícias» de 4/7/75 para a Assembleia de Constituição de uma Federação de Sindicatos dos Trabalhadores Portuários para o dia 18/7/75, pelas 18 horas, a realizar na Travessa do Cotovelo, 37, 3.°, Dt., em Lisboa.

Nota: Oportunamente será feita nova convocatória.

Pel' A COMISSÃO DIRECTIVA
Luís Martins

Geral

A EUROPA COMENTA A SITUAÇÃO PORTUGUESA

EM FRANÇA, a evolução da situação política em Portugal inquieta grandemente as formações da esquerda.

André Vieuguet, secretário da comissão central do P.C.F., porta-voz deste na ausência do seu secretário-geral, Georges Marchais, que está a descansar na Bulgária, empenhou-se novamente esta noite em rejeitar qualquer ligação entre os acontecimentos de Lisboa e os objectivos da esquerda francesa, ligação que tentam realizar os porta-vozes da maioria.

Evidentemente, os comunistas franceses dão o seu apoio incondicional a Álvaro Cunhal, mas não o querem sublinar demasiado abertamente no período actual.

Mesmo tema desenvolvido pelos socialistas franceses, cujo chefe, François Mitterrand, foi e continua a ser o apoio fiel de Mário Soares e não pensa de forma alguma modificar a sua posição.

De qualquer forma, as duas formações da esquerda francesa mantêm-se muito atentas ante os acontecimentos de Lisboa. Prevê-se que nos próximos dias se exprimirão publicamente, se surgirem novos factos que modifiquem o equilíbrio que esperam vir a manter-se entre os partidos de esquerda portugueses.

Entretanto, uma delegação do Partido Socialista Francês irá na próxima semana a Lisboa para participar num colóquio organizado pelos socialistas portugueses sobre os problemas do socialismo na Europa.

Esclarece-se de fonte fidedigna que esta reunião, que se realizará na sexta-feira, sábado e domingo próximos, estava prevista já há dois meses.

O Partido Socialista Francês será representado por Michel Rocard, Gilles Martinet, André Boulloche e Jean Pierre Chevenement.

EM ITÁLIA, o secretário-geral do Partido Comunista deste país, Enrico Berlinguer, criticou novamente com violência o P.C. português, afirmando que está a cortar a liberdade e a democracia.

Berlinguer, declarou perante grande multidão, que o P.C.I. exprimira, por diversas vezes, o seu desacordo com a atitude e actos dos comunistas portugueses e chefes do Movimento das Forças Armadas, acrescentando que os acontecimentos em Portugal tinham reduzido a participação de todos os sectores da população «cuja cooperação é a garantia de uma renovação da sociedade portuguesa e a sua defesa contra qualquer forma de renascimento da reacção».

NA ALEMANHA OCIDENTAL, a oposição Cristã Democrata (CDU/CSU) exigiu hoje ao Governo federal alemão que bloqueie a ajuda ao desenvolvimento de Portugal. Efectivamente, o porta-voz para os Negócios Estrangeiros do grupo parlamentar CDU/CSU, Werner Max, acentuou que o Governo de Bona não podia financiar «a evolução actual de Portugal para uma ditadura comunista dos conselhos».

MÁRIO SOARES A COSTA GOMES

O PROBLEMA É O DA CRISE DA AUTORIDADE DO ESTADO

«O caso «República» inscreve-se num contexto muito mais vasto de crise geral de autoridade do Estado» — afirma Mário Soares em carta dirigida ao Presidente da República, em que é analisada a actual crise.

Datada de 10 de Julho, a missiva do secretário-geral do P.S. ao general Costa Gomes explica as razões que levaram aquele partido a deixar o Governo. Dela se transcreve o seguinte extracto:

«Claramente, senhor Presidente, que as coisas passam as marcas. O caso «República» insere-se, de resto, num contexto muito mais vasto de crise geral de autoridade do Estado, corroído pela demagogia, pela irresponsabilidade e pelo anarco-populismo — com os quais se transige a cada momento. Em nome da Revolução empurra-se todo o processo revolucionário para um verdadeiro impasse de trágicas consequências e que só favorecerá objectivamente a contra-revolucção.

«Em nome do Povo, desrespeita-se diariamente a vontade expressa por esmagadora maioria desse mesmo Povo. A nossa Revolução está em perigo na medida em que se põem em causa as instituições democráticas que são o seu primeiro fundamento e justificação. O Pacto firmado entre o M.F.A. e os Partidos, na presença de V. Ex.ª, acaba de ser implicitamente denunciado numa Assembleia a que V. Ex.ª há dois dias presidiu.

«Por meu lado não posso pertencer a um Governo que não governa e que cada dia, na prática, se demite das responsabilidades livremente assumidas perante o País. Nem dar caução moral e política a uma situação que se degrada em permanência.

«Não foi para isso que o Povo conferiu um mandato inequívoco ao Partido Socialista que em todas as circunstâncias se manterá fiel ao Povo e à Revolução.

«Acredite, senhor Presidente, que avalio bem a sua angústia e o seu drama pessoal. Mas chega sempre o momento em que é preciso ter coragem de dizer basta — de afirmar aquilo por que nos batemos, sem hesitações, sejam quais forem as consequências. A menos que se reneguem os princípios, e, por não honrar os compromissos livremente assumidos perante o Povo, se perca a própria legitimidade. Ora é isso que não posso fazer e que o meu Partido impõe que o não faça».

A IMPRENSA E A CRISE

"TIMES" CONSIDERA JOGADA DE SOARES A SAÍDA DOS SOCIALISTAS

LONDRES, 14 (R) — O abandono pelos socialistas do Governo de Portugal foi uma jogada do secretário desse partido, dr. Mário Soares, na opnião do «Times».

Esse jornal londrino afirma hoje num editorial: «O dr. Mário Soares sabe que quem quer que ocupe o Poder deve tomar muito em breve duras decisões económicas. As Forças Armadas não quererão estarmuitoestreitamenteidentificadas com essas decisões pois os 28 homens do Conselho da Revolução são ainda indivíduos que pretendem desesperadamente ser os heróis da Revolução mesmo se a ambição política começar a enfraquecer essa necessidade de ser amado.

«Os seus avanços periódicos cada vez mais à esquerda podem ser considerados como tentativas para continuarem a ser os ídolos dos trabalhadores. As Forças Armadas não desejam ficar muito estreitamente identificadas com os comunistas, o que acontecerá se governarem só em conjunção com eles.»

O «LIBÉRATION» ADVERTE PARA OS PERIGOS DA CRISE ECONÓMICA

PARIS, 14 (FP-R) — Todos os jornais parisienses da manhã dedicam os seus principais comentários à situação política em Portugal desde a decisão do Partido Socialista de abandonar o Governo Provisório.

Assim o «Libération» (esquerda) considera que «a crise que se abre em Portugal será de solução difícil tanto mais que se torna urgente encontrar uma solução para o problema económico».

«Com efeito» — conclui o «Libération» — pode-se temer que certas forças no interior do M. F. A. sejam tentadas a lançar-se nos braços daqueles que, custe o que custar, seja qual for o preço, tomarão medidas económicas radicais».

Na opinião do «L'Humanité» (órgão do P.C.F.), para além da apreciação que se pode dar a tal ou tal decisão do M. F. A., há um elemento capital que nenhum democrata poderá esquecer: é que os militares actualmente no Poder em Lisboa derrubaram uma ditadura fascista que mantinha um terror sangrento em Portugal desde há meio século (...).». «Nada disso, que tenhamos conhecimento, existe actualmente no País. Nunca, ao longo da sua história, Portugal conheceu uma tal liberdade. Raramente uma mudança de regime se efectuou em condições tão pacíficas», acrescenta «L'Humanité».

Por sua vez, de Roma, o «L'Unita», órgão do Partido Comunista Italiano, critica hoje os planos do Movimento das Forças Armadas de Portugal para um Estado de trabalhadores e soldados substituindo Partidos Políticos estabelecidos.

Num editorial na primeira página, o jornal considera também o abandono do Governo pelo Partido Socialista Português um acontecimento grave. Diz que o M. F. A., por causa do seu papel decisivo no derrubamento do fascismo, deveria ter-se mostrado encorajador no alargamento do papel das forças políticas e não fazer o contrário.

«Sem uma consolidação e alargamento constantes das bases da opinião popular, o processo revolucionário não pode ser reforçado e não ficará garantido contra contra-ataques do inimigo». Acrescenta o editorial do «L'Unitá».

COMPREENDER O PAPEL DA INICIATIVA PRIVADA

«É evidente que traçamos na nossa Revolução um caminho de defesa das classes trabalhadoras e estamos a cumpri-lo. Consideramos que as classes trabalhadoras neste País estavam demasiadamente exploradas e que era, portanto, ao lado dos mais fracos, dos mais oprimidos, que o M.F.A. devia estar. Mas o facto de protegermos em especial as classes trabalhadoras não quer dizer que não tenhamos em atenção os interesses, os justos anseios, de todo o Povo Português, e as pessoas que aqui estão nesta sala são também Povo Português». Estas são palavras do almirante Rosa Coutinho pronunciadas na 4.ª sessão do Congresso da Indústria no L.N.E.C.

Rosa Coutinho dirigia-se sobretudo aos pequenos e médios empresários representados no Congresso e referia-se (referiu-se, em pormenor), às críticas que anteriormente os empresários haviam formulado aos órgãos do poder (ao Conselho da Revolução, designadamente) pela indecisão destes no que respeita a medidas a tomar para resolução de problemas que se levantam no sector privado. Estes (problemas), foram, aliás, a motivação do Congresso que ontem teve a sua quarta sessão.

Previa-se para hoje o seu encerramento em plenário final: o plenário foi adiado para data a marcar oportunamente. Na base do adiamento, a consideração de que foram poucas as participações e demasiado complexos os problemas que se levantam. A situação económica do País carece de um estudo mais pormenorizado a fazer até à definição do papel que cabe aos empresários portugueses.

A sessão de ontem ficou assinalada pela presença de Rosa Coutinho e de mais dois membros do C.R.: o general Carlos Fabião e o major Costa Martins. Pode-se dizer que o discurso que Rosa Coutinho foi uma palavra de estímulo e um apelo à confiança: uma palavra de estímulo à iniciativa privada, um apelo à iniciativa privada, para que esta confie nos responsáveis pela condução do processo revolucionário que actualmente se desenvolve no País: «Pretendeu-se e pretende-se acabar neste País com o domínio do económico sobre o político — disse Rosa Coutinho; — por isso não vamos consentir mais que a propriedade privada exerça, através do seu poder económico, um poder político sobre as massas. Isso, meus senhores, numa sociedade socialista acabou. Mas — acrescentou — a propriedade privada tem de ser respeitada tanto mais quanto contribuir para a produtividade nacional, e tem de ser compreendido o seu papel e o seu papel da motivação até do lucro decente, do lucro razoável, não do lucro exploratório, nem do lucro escravizante. E aí é preciso também que todos se mentalizem, tanto gestores como trabalhadores. E é preciso que ao longo deste processo as diferenças sociais se vão atenuando. Se se pretende construir neste País uma sociedade sem classes, é necessário que ao longo do processo, do caminho para o Socialismo os homens passem a ser cada vez mais iguais nas suas oportunidades de vida, de trabalho, de assistência».

A concluir, diria que «o Conselho da Revolução» tal como o M.F.A., tal como as forças progressistas deste País, consideram que Portugal é para todos os portugueses, e que todos têm lugar desde que se adaptem a uma mentalidade socialista que vai ser a mentalidade do futuro neste País».

AUMENTE AS SUAS VENDAS
DISTRIBUA...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779 — Telef. 65370 — PORTO

Em Paço de Arc

DE U

. Não às «ocupações selvagens». Mas a verdade é que uma ocupação feita no momento oportuno, de um local necessário e tendo em vista um fim comum, pode resolver muitos problemas. É o que aconteceu com a ocupação de uma velha casa, há muito desabitada, na Av. Patrão Joaquim Lopes, em Paço de Arcos, e que a genica de menos de uma dúzia de pessoas converteu num infantário que pode vir a acolher cerca de 70 crianças.

Na realidade, Paço de Arcos precisa de pelo menos 23 creches. A Comissão de Moradores labuta ela própria, para construir o mais rapidamente possível um bom infantário e jardim-escola. Daí o facto de ter dado já o seu aval à referida ocupação, estando disposta a apoiar a iniciativa em tudo o que lhe seja possível. A união faz a força, diz o Povo. Sem o apoio da Comissão de Moradores, os homens e as mulheres que se lançaram na ideia de transformar aquela velha casa no «Infantário 1.° de Maio», teriam dificuldades maiores para levar a cabo a sua obra. Mas precisam de ajuda. Por exemplo: neste momento, necessitam de um grigorífico, que num estabelecimento deste género se torna imprescindível. Os apoios financeiros, nem sequer existem. Apenas as Forças Armadas lhes têm prestado alguma ajuda mate-

SEGUNDO UM COMU

«É um facto a escalada do M. R. P. P. dentro das unidades», constata um comunicado tornado público anteontem pelo Copcon. Essas actividades do partido maoista dentro das Forças Armadas são levadas a cabo através da RPAC (Resistência Popular Anticolonial), cuja existência — diz o texto — já se não entende na actual conjuntura.

Eis o comunicado na íntegra:

«Tem-se verificado, ultimamente, o recrudescimento, por parte do M. R. P. P., de uma escalada de propaganda insultuosa contra o Copcon, órgão revolucionário de comando das forças militares do M. F. A., o qual tem por base descaradas mentiras e débil argumentação que, no entanto, poderão encontrar eco em algumas pessoas desprevenidas ou deficientemente esclarecidas.

«Com a dupla finalidade de evitar este inconveniente e de esclarecer as razões que levaram o Copcon a actuar sobre os militantes do M. R. P. P. em 28 de Maio último, este comando informa o povo, com a verdade que sempre rege as suas intervenções:

«1 — Estranhamente, para o M. R. P. P., o M. F. A. aparece rotulado, em 10 de Maio, como o inimigo principal que aquele grupo pretende destruir através de desagregação e divisão dos seus elementos.

«Julga-se tal facto resultado de um erro de análise, grave, por parte daquele movimento, considerando o M.F.A. hipotecado a determinado partido político, do qual o M. R. P. P. é característico antagonista, atoarda inteiramente falsa e despropositada, largamente

OS

UMA CASA VELHA UM INFANTÁRIO NOVO

l para a reconstrução do in-ior do prédio, que se encon-va em muito mau estado.

Nesta altura, o «Infantário de Maio» acolhe 47 ianças, que vão desde os oi- meses de idade até aos cin- anos. As crianças estão a rgo de uma educadora, uma xiliar de educação, quatro onitoras, duas cozinheiras, na enfermeira permanente e na empregada de limpeza. omo estabelecimento popular, m fins não lucrativos, os eços de inscrição das ianças são baixos, corres-ondendo em escala às possi-idades financeiras dos pais u familiares. Naturalmente ue se procura com a iniciati-, ajudar sobretudo os pais ue trabalham e que não têm nde deixar os filhos.

Um apontamento, chamando atenção da P.S.P. de Oeiras: s moradores de um dos rédios contíguos ao «Infan-rio 1.° de Maio» decidiram zer do telhado do mesmo e o pátio de recreio, uma es-écie de lixeira, para onde ati-m tudo o que lhes sobra em asa. Embora avisados pelos lementos da Comissão, que êm a responsabilidade de anter o infantário, não fize-m caso. Que é isto? Ainda á gente neste País que além e não concorrer para cons-ruir o que quer se seja, resol-e desprezar e sujar o trabalho os outros?

UNICADO DO COPCON

ESCALADA DO M.R.P.P. CHEGA ÀS UNIDADES

xplorada, em acção contra-re-volucionária, junto das massas opulares menos esclarecidas.

«É um facto a escalada do M. R. P. P. dentro das unida-es, aproveitando-se para tal a actuação do grupo clandes-ino RPAC, facção armada da-uele Movimento.

«2 — RPAC (Resistência Po-ular Anticolonial) intitulada or militantes seus como uma errível organização do povo, oi criada com vista ao auxílio raterno e militante à luta dos ovos das colónias, não se ompreendendo a continuida-e da sua existência num mo-mento em que a descoloni-ação a que se está a proceder egue em bom ritmo e tem sido logiada pelas nações mais progressistas do Mundo.

«3 — Os objectivos reais estas organizações, conforme e pode constatar por docu-mentos capturados nas sedes do M. R. P. P., são expressa-mente a organização da recusa olectiva ao embarque, a para-isação, boicote e sabotagem o Exército, a deserção em assa com as armas, etc., que onstituem crimes militares e omo tal abrangidos pelo De-reto-Lei n.° 258/74, de 15 de unho.

«4 — Como métodos de ac-tuação e recomendada pelos esponsáveis a organização de élulas clandestinas, com des-prezo absoluto pelas organi-zações democráticas existen-es nos quartéis e especial in-idência nas unidades mobili-zadas, que se destinam a ga-rantir a descolonização onde ela ainda não foi dada como terminada o controlo dos ar-meiros e paióis e a expro-priação das armas, o roubo de mapas e de toda a espécie de documentos classificados, etc.

«5 — É ainda preconizada pelo seu secretário-geral, dr. Arnaldo de Matos, que, nas unidades militares onde exis-tem células clandestinas, de-vem os militantes do M. R. P. P. procurar conhecer os pro-blemas e os fracos dos milita-res, para assim os poderem cativar e controlar, actuação que se revela em meio semelhante à da famigerada P. I. D. E./D. G. S. e que se julga contrária à ética de um verdadeiro movi-mento revolucionário.»

LEGALIDADE REVOLUCIONÁRIA

«6 — Utilizando os cami-nhos da violência, militantes do M.R.P.P. sequestraram e tor-turaram diversos indivíduos, o que, conjugado com uma tenta-tiva frustrada de divisão das forças do Copcon pela acu-sação caluniosa sobre alguns conhecidos chefes militares, deu azo a uma vasta operação de busca nas sedes daquele movimento, onde, na realidade se obtiveram provas dos verda-deiros objectivos do M.R.P.P. e organizações afins.

Entre outros documentos destacam-se:

Alocução de abertura a I Conferência Nacional da RPAC, pelo secretário-geral do M.R.P.P., dr. Arnaldo de Matos;

I Conferência Nacional da RPAC;

Discussão de militares na I Conferência da RPAC, com al-gumas intervenções do dr. Ar-naldo de Matos.

«Como Organizar Um Quar-tel», do dr. Arnaldo de Matos.

7 — Dessa operação, desen-cadeada em 28 de Maio último, resultou a prisão de 432 mili-tantes do M.R.P.P., alguns dos quais, depois de identificados, foram imediatamente postos em liberdade.

No entanto os principais res-ponsáveis pela escalada leva-da a efeito pelo M.R.P.P. den-tro das unidades militares e os militantes que se recusaram a identificar, contrariando a legis-lação vigente ficaram detidos ficando abrangidos pelo foro militar, e, numa perspectiva de equilíbrio entre os códigos em vigor e legalidade revolucio-nária, manteve-se-lhes a inter-dição das visitas de advogados o que é prescrito no Código de Justiça Militar.»

AUTO-AGRESSÃO

«8 — Não se justificava, em princípio, a visita de médicos antifascistas a Caxias, dado que os estabelecimentos prisio-nais dispõem dos seus próprios serviços clínicos, a funcionar em pleno. Verificava-se, porém, que os presos se recusavam, sistemática e des-confiadamente, a ser assisti-dos por aqueles serviços.

A título excepcional, foi o dr. Rosa Falcão autorizado a visi-tar uma doente do M.R.P.P., sob pretexto de correr perigo a sua vida, o que veio a verifi-car-se não corresponder à ver-dade. Em contrapartida, soube-se que a presença deste médi-co teve como finalidade a troca de informações entre a detida e o exterior.

Aliás, as vidas dos detidos não corriam perigo, apesar da greve de fome desencadeada, que provocou estados de frus-tração em alguns, de doenças infectocontagiosas, que já transportavam, ou daqueles que se autoflagelaram para fa-zer crer que sofreram espanca-mentos na prisão. Os detidos sabiam perfeitamente que to-dos estes actos de auto-agres-são eram, evidentemente, da sua inteira e exclusiva respon-sabilidade. É de admitir, no en-tanto, que o comportamento ab-solutamente indisciplinado e violento por parte dos militan-tes do M.R.P.P. tenha provoca-do, em contrapartida, um trata-mento por vezes menos cortês por parte do pessoal em ser-viço na prisão.

«9 — Por uma questão pura-mente humanitária, o Copcon acabou por autorizar as visitas dos médicos anfifascistas de escolha dos detidos, hospitali-zação de duas raparigas no Sa-natório de D. Carlos I, duas outras no Hospital de S. Maria, dez homens na Prisão-Hospital de Caxias e do próprio dr. Ar-naldo de Matos na clínica de gastrenterologia do Hospital Militar Principal, em quarto par-ticular, de onde acabou por fu-gir em circunstâncias ainda não completamente eslareci-das, como foi comunicado opor-tunamente. O secretário-geral do M.R.P.P. terminou a greve de fome logo que foi submeti-do ao tratamento hospitalar, no que foi seguido por aqueles que também se encontravam em greve.»

27 DETIDOS

«10 — À medida que os mili-tantes do M.R.P.P. eram identi-ficados, iam sendo postos em liberdade continuando detidos ao abrigo do art. 411.° do Códi-go de Justiça Militar, conjuga-do com o art. 254.°, n.° 1, do Código de Processo Penal (pri-são até três meses), aqueles que se recusaram à identifi-cação.

Sábado, dia 12, foram soltos 46 elementos de Pinheiro da Cruz e 27 de Caxias, tendo cumprido 45 dias de prisão em prisão militar pelo facto de te-rem incorrido em pena de deso-bediência.

Das averiguações em curso conclui-se da criminalidade dos militantes não libertos, além de outros para os quais serão passados mandatos de captura, devendo ser entre-gues à Polícia Judiciária aque-les que são acusados de se-questro e espancamento. A si-tuação actual dos detidos é a seguinte: 17 em Caxias (treze dos quais transferidos de Pi-nheiro da Cruz), dois hospitali-zados e oito na Casa de Reclu-são da Trafaria, por serem mili-tares.»

BRASIL
VIAGENS ESPECIAIS TODOS OS MESES
(INCLUSIVÉ TOURS)
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar 65 • Telefs. 25035/6

YOGURTE
GRANDE PONTO
COMUNICADO
NOVAS INSTALAÇÕES EM
ODIVELAS
RUA FREI JOÃO TURIANO, 13—T. 917682/3
AGORA GRANDE CAPACIDADE DE FABRICO PARA SATISFAZER TOTALMENTE AS ENCOMENDAS VINDAS DE TODO O PAÍS
— BOIÃO HIGIÉNICO (vidro)
— GARANTIA DE FABRICO
— CONFIANÇA DO PÚBLICO
SEMPRE «brindes» a troco de boiões

Estrangeiro

BOM TEMPO PARA A MISSÃO ESPACIAL SOVIETO-AMERICANA

. CABO CANAVERAL, 14 (R.) Funcionários da agência do espaço mostram-se hoje encantados em Cabo Canaveral com os boletins meteorológicos, prevendo tempo frio e seco, quando progredia a contagem para o lançamento, amanhã, de três astronautas norte-americanos para a primeira missão espacial conjunta dos Estados Unidos e da União Soviética.

Estando virtualmente completos os preparativos mais importantes, a boa previsão meteorológica abrandou receios dos cientistas de que trovoada poderia adiar o lançamento, marcado para as 15 e 50 locais (20 e 50 de Lisboa), de uma cápsula para o encontro histórico no espaço sideral com dois astronautas soviéticos.

A costa atlântica, perto do centro de lançamento de Cabo Canaveral, é fustigada por súbitas trovoadas, que se registam à tarde. Raios poderiam destruir alguns dos delicados sistemas electrónicos do veículo de lançamento Saturno 1-B, um foguetão com 67 metros de altura.

Contudo, técnicos norte-americanos tomaram precauções tremendas neste centro, incluindo o «fabrico» experimental de nuvens de tempestade para evitar qualquer descarga eléctrica, antes dela se transformar numa forte trovoada.

Anunciou-se que os astronautas, o comandante da missão, brigadeiro-general Thomas Stafford, Vance Brand e Donald Slayton, se encontravam numa forma física excelente, bem dispostos e aguardando em quarentena médica.

Hoje, os três voarão em aviões a jacto sobre o Atlântico e treinar-se-ão de uma forma mais informal nas saudações em russo aos astronautas soviéticos Alexei Leonov e Valeri Kubasov.

A nave soviética Soyuz será lancada do cosmódromo de Baykonur, na Ásia Central, sete horas e meia antes da Apolo.

As suas capsulas acoplarão em órbita, na quinta-feira, anunciando o termo da corrida espacial, outrora azeda, entre os Estados Unidos e a União Sovietica.

O proposito da missão conjunta, que levou quase cinco anos a preparar, é o de experimentar e avaliar o que é preciso para tais empresas titânicas.

Os cinco astronautas vão passar dois dias vivendo e fazendo experiências juntos, com as suas naves atracadas.

A Soyuz regressará à Terra em 21 de Julho e a Apolo dois dias mais tarde.

O astronauta Donald Slayton (à direita) procura limpar o cabelo molhado pela chuva. A seu lado, Vance Brand, outro dos três norte-americanos que serão lançados amanhã para a primeira missão espacial conjunta E.U.A.-U.R.S.S. Receios provocados pelo mau tempo dissiparam-se após uma boa previsão meteorológica para o lançamento norte-americano que se realizará de Cabo Canaveral. (Telefoto UPI-Telimprensa)

JULGAMENTO

. RALEIGH (Carolina do Norte), 14 (R.) — Joanne Little, uma mulher negra, de 21 anos, será julgada hoje por uma acusação de assassinar um guarda branco de uma cadeia que, segundo afirma, tentava violentá-la na sua cela.

Se for condenada por homicídio em primeiro grau, Joanne Little está sujeita à pena capital.

"Força aérea privada" na Grã-Bretanha

. LONDRES, 14 — (FP) — Uma «organização patriótica», formada há um ano por oficiais superiores reformados para «salvar» a Inglaterra em caso de greve geral, teria criado uma «força aérea privada».

É pelo menos o que escreve hoje no «Daily Express» um dos dirigentes do movimento Unison, George Young, que foi agente dos Serviços Secretos ingleses.

Segundo Young, um «elevado número» de antigos militares da Royal Air Force, e proprietários de aviões ligeiros e de helicópteros teriam sido recrutados e estariam prontos a passar à acção em poucas horas se uma «crise social» rebentasse.

Os dirigentes da Unison, montada pelo general reformado «Sir» Walter Walker, consideram que poderiam desencadear-se no próximo Inverno perturbações sociais, as quais o Governo seria incapaz de enfrentar.

Os dirigentes deste movimento afirmam também ter à sua disposição poderosas «milícias patrióticas» capazes de garantir os serviços essenciais do país em caso de greves prolongadas.

A Unison foi violentemente criticada, desde a sua criação, pelo ministro da Defesa, Roy Mason, que acusou o general Walker de agir fora dos processos democráticos.

Desmentido do P.C.I. acerca da Exxon

ROMA, 14 — (A.N.I.) — O Partido Comunista Italiano negou ontem ter alguma vez recebido fundos da «Exxon Corporation» dos Estados Unidos e pediu uma investigação rigorosa sobre o facto.

«Não só as nossas mãos, mas também os cobres do Partido Comunista Italiano estão limpos» — escreveu em títulos de caixa alta o órgão oficioso do partido «Unita».

O desmentido refere-se a notícias provenientes de Nova Iorque que citam um informador da companhia norte-americana Exxon que indicou que uma empresa filiada, a Esso Italiana tinha entregue entre 46 a 49 milhões de dólares a diversos políticos italianos, em data compreendida entre 1963 e 1971, incluindo um crédito de 86 mil dólares destinado ao Partido Comunista Italiano.

O jornal «Unita» criticou severamente a explicação dada pela companhia norte-americana sobre a concessão de tais benefícios, «destinados a desenvolver a democracia em Itália.

«Já vimos que espécie de democracia eles querem. O Chile é um exemplo disso» — acentua o «Unita».

A maioria das companhias petrolíferas que funcionam em Itália têm estado sujeitas a um inquérito que dura há mais de um ano, o qual destina a averiguar alegações de subornos efectuados junto de políticos italianos.

O Partido Comunista Italiano foi até agora o único grupo Exxon norte-americana.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

Avenida Miguel Bombarda, 96, 1.º, Dt.º — LISBOA 1

COMUNICADO

A Comissão Instaladora comunica a todos os trabalhadores que se inscreveram no Sindicato, que se encontram já prontos os cartões de sócio pelo que estes devem ser levantados antes da Assembleia Eleitoral a fim de ficarem facilitados os serviços de identificação dos sócios que naturalmente antecedem a votação.

Informa-se ainda que está já a funcionar no Sindicato o serviço de apoio às Eleições que prestará aos associados todos os esclarecimentos relacionados com o acto eleitoral.

Encontram-se à disposição dos sócios, para consulta, os cadernos eleitorais e os estatutos recentemente aprovados em Assembleia Geral.

Lisboa, 11 de Julho de 1975

PEL' A COMISSÃO INSTALADORA

Fernando Santos Silva

Romeu do Rosário

Luz verde em Israel para acordo com o Egipto

. JERUSALÉM, 14 (R.) Foi dada a luz verde ao gabinete israelita para continuar com as diligências para se chegar a um novo acordo provisório de paz com o Egipto, quando a aviação hebraica desencadeava novos ataques aéreos contra bases de guerrilheiros árabes no sul do Líbano.

O primeiro-ministro Yitzhak Rabin relatou ontem aos seus colegas do gabinete o seu encontro em Bona, no dia anterior, com o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

O Governo, aparentemente satisfeito por saber que Rabin convencera os norte-americanos de que Israel não seria empurrado para uma decisão, autorizou negociadores hebraicos a continuarem a procurar «esclarecimentos e negociações» sobre um possível acordo no Sinai.

Espera-se que o embaixador Simcha Dinitz, que assistiu à sessão do gabinete, regresse amanhã ao seu posto em Washington para transmitir a mais recente opinião de Israel.

Se as deliberações do gabinete quanto a um acordo no Sinai demoraram, os ataques aéreos, os segundos numa semana desde que Rabin jurou falar com os guerrilheiros árabes apenas com a espada, foram rápidos.

Enquanto ministros deliberavam em Jerusalém, jactos israelitas atacaram uma fábrica de armamento dos guerrilheiros árabes no sul do Líbano.

Um informador do Exército israelita disse que todos os aviões e tripulantes regressaram a salvo da missão, desmentindo uma notícia árabe dizendo que dois aparelhos tinham sido abatidos e um piloto aprisionado.

Os guerrilheiros responderam ao ataque desencadeando bombardeamentos com foguetões contra o centro de turismo de Nahariya, na costa norte, onde ficaram feridas duas mulheres, Rosh Hanikra, junto da fronteira libanesa, e a vila de Malkiye, na Galileia.

Na semana passada, quando aviões judaicos bombardearam bases de fedaínes no Sul do Líbano, a seguir a um atentado bombista em Jerusalém, os guerrilheiros dispararam foguetões contra Safed na Galileia.

O ataque aéreo de ontem foi considerado como uma indicação de que Israel estava novamente a aumentar as suas operações contra os guerrilheiros, parcialmente para tranquilizar os habitantes do país quanto à capacidade bélica do seu Exército como para fazer gorar quaisquer planos dos guerrilheiros de recrudescerem com as suas operações numa altura em que se fala de progresso para um acordo israelo-egípcio.

Os fedaínes não são, porém, os únicos que se opõem a tal acordo, que se basearia em retiradas de tropas israelitas do Sinai em troca de concessões egípcias.

Elimelah Rimalt, chefe do Partido Liberal, declarou ontem, à noite, em Telavive, que o bloco oposicionista Likud, do centro-direita, ao qual o seu agrupamento pertence continuaria a opor-se a um acordo provisório.

Entretanto, dirigentes do Movimento para um Israel maior manifestaram-se defronte da embaixada norte-americana em Telavive contra novas retiradas hebraicas do Sinai.

Caleidoscópio

■ **NÃO-ALINHADOS REUNIR-SE-ÃO NO PERU**

LIMA, 14 (ANI) A conferência ministerial de países não-alinhados que se realiza em Lima de 25 a 29 de Agosto, constitui parte importante da estratégia económica e política que estes desenvolvem em busca da consecussão de uma nova ordem económica internacional e uma efectiva democratização das relações internacionais afirma o ministro peruano dos Negócios Estrangeiros, general de La Flor Valle, numa entrevista concedida ao diário «El Comercio».

O chanceler acentua que, para a América Latina, a conferência revestir-se-á de uma grande transcendência, já que é a primeira vez que ela se realiza num país latino-americano.

■ **COMPROMISSO EM GENEBRA**

GENEBRA, 14 (R) Espera-se que a conferência sobre segurança europeia caminhe hoje para a solução dos seus problemas mais importantes, a fim de abrir caminho para a realização de uma cimeira final em Helsínquia, no fim do mês.

Quando chefes das delegações dos 35 Estados participantes se reunirem em sessão, hoje, às 11 e 30, no centro de conferências de Genebra, a sua tarefa principal será a de concordar com o texto de compromisso sobre a exigência de Amlta para uma redução de forças armadas no mediterrâneo.

■ **NOVO PARTIDO NA ETIÓPIA**

ADDIS ABEBA, 14 (ANI) . O general Referi Benti, chefe do Governo militar etíope, anunciou a formacão de um partido ao qual incumbirá a administração do país.

Segundo o diário «Ethiopian Herald», começaram já os preparativos para a elaboracão dos estatutod e sua institucionalização.

O partido reger-se-à pelas regras do socialismo etíope e garantirá a estabilidade nacional sempre que mude a chefia política do país.

■ **BOMBAS NO SAARA ESPANHOL**

EL AAIUN, 14 (ANI) Três polícias nativos e um rapaz de 8 anos morreram em consequência da explosão de bombas no fim de semana, no Saara Espanhol.

Segundo fontes oficiais, a Frente Polisario, um grupo de orientação marxista apoiado pela Argélia, estaria implicado nas mortes.

■ **GOVERNO CRITICADO NA ARGENTINA**

BUENOS AIRES, 14 (ANI) . A maioria dos partidos políticos aliados ao peronismo na Frante Justicialista de Libertação (Frejuli, coligação governamental), criticou a política económica vigente, o modo de condução do Estado e a última remodelação ministerial.

Tropas europeias no Médio Oriente?

TELAVIVE, 14 — (ANI) — Tropas europeias, incluindo militares alemães, poderão ser chamadas para garantirem a segurança das fronteiras israelitas, caso se chegue a um acordo para o Médio Oriente, — afirma o «Jerusalém Post» na sua edição de ontem.

Num telegrama datado de Bona o jornal cita «círculos oficiais afectos ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal» como tendo afirmado que a possibilidade de uma participação europeia activa numa força de paz para o Médio Oriente fora já apreciada por órgãos da Comunidade Europeia.

Os referidos informadores esclareceram que as forças de manutenção da paz poderiam incluir soldados soviéticos e norte-americanos.

Contudo, o mesmo jornal frisa, num comentário à notícia, que parece muito difícil de imaginar a presença de tropas alemãs como garantes da integridade territorial israelita depois das perseguições nazis.

Nacional

COMISSÃO POLÍTICA DO C.R. NA TELEVISÃO

M.F.A. OPÕE-SE AO DIRIGISMO

«O papel do M.F.A. é ser o garante da autenticidade da participação popular no processo revolucionário» — afirmou o comandante Vítor Crespo no decorrer do «encontro» televisivo de ontem, a que estiveram presentes os membros permanentes da Comissão Política do Conselho da Revolução.

Das palavras dos conselheiros — cuja firmeza e serenidade devem ter impressionado os espectadores — ficou mais mais uma vez vincada a preocupação do M.F.A. em seguir uma via autónoma e suprapartidária, ousada e realista ao mesmo tempo. Nomeadamente as intervenções de Vítor Crespo foram perfeitas de sabedoria política (o «estágio» moçambocano marcou claramente aquele que é — continua a ser — uma das mais importantes e progressistas figuras do M.F.A.). A ausência de paternalismos, o claro pôr-de-lado de qualquer visão burocratizada e dirigista do processo revolucionário, deram claramente a ideia de que algo de novo e muito importante se passa no seio do M.F.A.

A aprovação, pela Assembleia do Movimento das Forças Armadas, do documento-guia da aliança M.F.A.-Povo representou, disseram-no os membros do CR, a teorização experimental das experiências diversas da acção popular (o «teorizar a prática» a que se referia, muito frelimistamente, o general Otelo Saraiva de Carvalho há poucos dias também na TV). Representa ainda, como notou o capitão Graça e Cunha, o jogar dos partidos para a acção concreta na base, o confrontar dos seus princípios teóricos com a realidade concreta da vida das populações. Ou seja — para quem quiser entender inteligentemente — remeter a discussão plural para o povo, levar a discussão política no concreto às massas populares. Representa, afinal, a confiança no povo, a certeza de que ele é fonte de sabedoria. «Será o povo — português acentuaria Vítor Crespo — que, através de um processo dialéctico, desfará os antagonismos que se lhe põem e reforçará o poder que vai criar a própria vontade nacional de conduzir o **processo»**. Palavras claras a **desmentir**, conforme alguns **círculos pretendem**, quaisquer **intuitos de** direcção paternalista **ou autocrática**, da parte do **M.F.A., do** processo português.

Esta transparência de intenções, esta vontade de fazer **participar** democràticamente o **povo português** nos seus destinos. **A partir** da acção das **organizações** populares, salientou **Vasco** Lourenço, «a participação **do** povo na vida política **e administrativa** do país não **se fará só** de 3 em 3 anos, **pelo voto,** mas também através **da participação** de todos, a **nível local**, na resolução dos problemas».

A serena resposta aos medrosos da participação popular, foi dada a dois níveis: aos que a receiam numa base não eleitoralista (referência clara ao P.S.), pela afirmação da necessidade da participação autenticamente democrática de toda a população no evoluir do processo revolucionário, no evoluir de «uma revolução pensada pelo povo português»; e aos que pretendem exercer uma acção dirigista sobre as organizações de base (referência ao P.C.), pelo «aviso» de que o M.F.A. vigiaria e só reconheceria como autênticas as organizações unitárias de facto — o que não exclui o debate político e pluralista (logo: partidário) no seio dos órgãos de massas.

O debate de ontem terá constituído, talvez, o primeiro esclarecimento claro e simples ao povo português sobre um tema candente e tão demagogicamente explorado pelas mais diversas forças políticas. O que significa que há que multiplicar estes contactos, este sereno dar contas ao povo português dos problemas que todos sentem mas poucos explicam. O saldo de ontem foi notavelmente positivo.

A ASSEMBLEIA DO M.F.A. TRANSFERIDA PARA 6.ª-FEIRA

A Assembleia do M. F. A., que em princípio deveria reunir-se amanhã a fim de prosseguir com os trabalhos que não foram completados na última sessão, foi transferida para a próxima sexta-feira.

Entre os assuntos que não puderam, por falta de tempo, ser debatidos na última Assembleia, inclui-se uma exposição sobre autoridade revolucionária, a cargo do general Otelo Saraiva de Carvalho.

SEGURO AUTOMÓVEL

Por decreto dos Ministérios da Justiça e das Finanças, inserto no «Diário do Governo» de hoje, foi prorrogada para 1 de Outubro próximo a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 165/75, de 28 de Março, que torna obrigatório o seguro de responsabilidade civil automóvel.

Esta prorrogação tornou-se necessária em virtude de ter sido dada primazia à análise da situação das companhias de seguros nacionalizadas, o que não permitiu a criação de estruturas que possibilitem a aplicação na data prevista do referido decreto-lei e do respectivo regulamento.

Trabalhadores de duas empresas pedem INTERVENÇÃO DO ESTADO CONTRA A SABOTAGEM

Trabalhadores das empresas URBIPROJECTA e ENGÉNIO DA SILVA COVANEIRO, entendem ser seu dever chamar a atencão do público em geral, e das autoridades em particular, para a situacão anormal que se vive nesta empresa, e que é altamente lesiva não só dos interesses dos seus empregados, mas sobretudo dos interesses do país.

Elementos já em poder dos Sindicatos, Ministério do Trabalho, 5.ª Divisão do E.M.G.F.A., e COPCON, demonstram que os proprietários da empresa Eugénio da Silva Covaneiro ausente no estrangeiro e sua mulher, Lucinda Pinheiro Machado Godinho Covaneiro, lesaram a economia portuguesa e o Estado em milhares de contos. Por recear ser denunciada pelos trabalhadores da secção de contabilidade, Lucinda Covaneiro desencadeou uma manobra de divisão dos trabalhadores, conseguindo que a maioria destes, operários da construção civil, desconhecedores dos manejos da administracão, e receosos de possíveis represálias, sancionassem o afastamento das pessoas que estavam a detectar graves irregularidades financeiras e de gestão.

De então para cá, a administracão da empresa constituída na sua maioria por personagens ligadas ao antigo regime tem procurado criar um clima de verdadeiro terror em torno dos trabalhadores compulsiva e arbitrariamente afastados, desde a recusa em pagarem os vencimentos a que aqueles têm direito (tendo posteriormente decidido anular esta decisão), até à ameaca quase concretizada de violências físicas, terminando com ameacas de morte ao filho de um dos elementos suspensos. Tudo isto se passa no meio de uma campanha psicológica em que se pretende dar a entender, nomeadamente, que a administracão da empresa esta protegida, em especial por um grupo de pseudo-ciganos e eterminadas autoridades policiais.

Vejamos, pois, o fulcro da questão, a exigir uma intervencão oficial que, inexplicavelmente, continua a fazer-se esperar. A firma URBIPROJECTA deve ao Estado e aos bancos nacionalizados mais de 120 mil contos, e cerca de 40 mil a outros credores não especificados; a administracão tem feito transaccões de andares em Portugal para serem pagos no Brasil segundo afirmacões de Lucinda Covaneiro. Não fez, até a este momento, qualquer tentativa para reconverter a sua actividade de acordo com a nova conjectura nacional, antes parecendo dedicar-se a uma rápida tarefa de liquidação, que deixaria no desemprego todos os seus trabalhadores; os administradores mantiveram relacões com figuras gradas do regime fascista, que se traduziram, para estes, em luvas de muitos contos de réis, e para a empresa em concessão de facilidades e privilégios.

Em face desta situacão que por certo não será única, pergunta-se: que esperam o Governo e as autoridades militares para intervir na vida desta empresa, garantindo assim não apenas o pão de todos os trabalhadores e suas famílias, mas também o pagamento dos débitos ao Estado? Será muito difícil proceder a um inquérito imediato, com vista a esclarecer todas as irregularidades que continuam a ser praticadas mesmo nas barbas de quem tem o dever de estar atento a toda a espécie de manobras?

Assim, em nome dos interesses de toda a colectividade mais que nos nossos proprios pedimos ao Governo que coloque imediatamente sob o seu controlo:

- Todo o património da Urbiprojecta SARL, e de Eugénio da Silva Covaneiro;
- Todos os bens, especialmente andares, dos filhos do casal Covaneiro;
- Todas as rendas dos prédios das empresas Urbiprojecta e Eugénio da Silva Covaneiro: cerca de 200 contos por mês;
- Todas as contas bancarias das firmas Urbiprojecta e Eugénio da Silva Covaneiro, e dos seus administradores e accionistas.
- Todas as rendas vitalícias recebidas por Eugénio da Silva Covaneiro e Lucinda Pinheiro Machado Godinho Covaneiro, no montante de cerca de 180 contos mensais, que são produto das vendas do património das empresas e estão sendo desviados pelo casal, quando na verdade pertencem aos credores das empresas, os quais na sua grande maioria se encontram em situacão aflitiva.

Não actuando imediatamente nesse sentido, estar-se-á a pactuar com uma situacão escandalosa e a permitir que os interesses do país continuem a ser defraudados por quem se sente perfeitamente à vontade para proceder desta forma.

AOS EMPRESÁRIOS PORTUGUESES

LINHAS DE CRÉDITO
PARA AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS
FRANCESES E INGLESES

O Banco de Fomento Nacional informa
que tem à disposição dos investidores nacionais
LINHAS DE CRÉDITO JUNTO DO CRÉDIT COMMERCIAL DE FRANCE E DO MIDLAND BANK

destinadas ao financiamento da aquisição de, respectivamente,
BENS DE EQUIPAMENTO FRANCESES E INGLESES
e serviços relacionados.

As encomendas de origem francesa deverão atingir, pelo menos,
250 000 FRANCOS e as de origem inglesa, pelo menos, **25 000 LIBRAS**, não devendo
os contratos de fornecimento estar ainda assinados no momento em que os
financiamentos forem solicitados ao Banco de Fomento Nacional;

o montante dos financiamentos corresponderá, no máximo,
a **85% DOS CONTRATOS DE FORNECIMENTO**
e o reembolso ocorrerá em prestações semestrais, por prazo
que poderá ir **ATÉ CINCO ANOS;**

as **TAXAS DE JURO**, fixas durante toda a vigência dos
financiamentos, serão
ESPECIALMENTE FAVORÁVEIS;

as **GARANTIAS** solicitadas serão as **HABITUAIS.**

O Banco de Fomento Nacional reserva-se o direito
de não contemplar o financiamento de equipamentos que possam ser produzidos,
em condições adequadas, por empresas domiciliadas em Portugal.

CONSULTE-NOS. SOLICITE INFORMAÇÕES DETALHADAS À NOSSA SECÇÃO DE ESTRANGEIRO.

Banco de Fomento Nacional

Sede: Rua Mouzinho da Silveira, 26 — LISBOA-2

Espectáculos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

Stavisky e Lucky Luciano: O CINEMA, OS HOMENS E A POLÍTICA

TÍTULO ORIGINAL: Stavisky
REALIZAÇÃO: Alain Resnais, 1974 (França)
ARGUMENTO: Alain Resnais e Jorge Semprun
MÚSICA: Stephens Sondheim
INTÉRPRETES: Jean-Paul Belmonde (Stavisky), Charles Boyer, François Perier, Anny Duperey, Michel Lonsdale, Claude Rich, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo
ESTREIA: Tivoli e Apolo 70 (presentemente só em exibição no Apolo 70)

LUCKY LUCIANO

TÍTULO ORIGINAL: Lucky Luciano
REALIZAÇÃO: Francesco Rosi, 1974 (Itália)
ARGUMENTO E DIÁLOGOS: Francesco Rosi, Lino Jannuzzi, Tonino Guerra
FOTOGRAFIA (Tchecnicolor): Pasqualino de Santis
MÚSICA: Pierre Piccioni
INTÉRPRETES: Gian Maria Volonte (Lucky Luciano), Rod Steiger, Edmund O'Brien, Vincent Gardenia, Silverio Blasi, Charles Cioffi, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Doperfilme
ESTREIA: Cinema Cinebolso

Que a película esteja na moda, eis um facto que o cinema dificilmente pode ignorar. O importante será o poi stentar explicar o porquê desta onda de cinema político que invade as cinematografias dos países mais desencontrados. Que seja somente a sede do lucro, eis uma resposta que não convence ninguém minimamente inteligente, e que já tenha ultrapassado a fase crítica das doenças infantis ou dos fanatismos místicos.

Basta saber fazer contas para se ver que qualquer *Emmanuelle,* qualquer *Oh! Calcuta,* qualquer subproduto de violência ou sexo de «kung fu» ou de «fotos proíbidos» faz mais dinheiro, em termos de bilheteira, do que um *Lucky Luciano,* ou um *Stavisky,* de que *Valparaíso* ou um *A Coragem do Povo.* Portanto, impõe-se a pergunta: porque escolhem certos produtores empatar dinheiro em obras deste género, enquanto outros optam, em segurança, por lucros bem maiores?

As razões serão de ordem vária. Desde o trabalho de estrita militância política (para *A Coragem do Povo ou Valparaíso),* desde o compromisso entre a militância e o grande público (e aí estão *Stavisky* e *Lucky Luciano,* ainda que com resultados diversos), até à jogada oportunista, de quem faz filmes «políticos», como quem distribuí *westerns* italianos ou «kung-fus». Isto é: não interessa tanto um ganho desmedido por unidade de produção, mas no seu conjunto (neste caso os italianos são, apesar da boa qualidade de muitos dos seus filmes, os detentores do record).

Fiquemo-nos hoje por *Stavisky e Lucky Luciano,* dois títulos com intenções muito semelhantes e resultados algo diversos: pega-se numa figura de escroque, analisa-se a sua inserção no mundo económico e político da sua época, e dessa análise sairá um curioso painel de uma sociedade e das estruturas sociais sobre as quais assenta. Vejamos em pormenor, cada caso.

Stavisky viveu em França na primeira metade do século XX. De seu nome original Serge Alexandre (donde o primitivo título desta obra de Resnais: *L' Empire d' Alexandre),* Stavisky, teve uma vida acidentada, começando como um vulgar traficante, condenado a cumprir pena de cadeia, o que levaria seu pai ao suicídio. Judeu originário da Rússia, honesto dentista, estabelecido num dos bairros «bem» de Paris, o pai de Stavisky não suportou a ideia de ver o filho a braços com a Polícia. Saído da prisão, Stavisky principia a construção do seu império. Jogador, sedutor, escroque de alta finança, instigador da corrupção nos meios governamentais da decrépita III República, movimentando o dinheiro como quem lança sementes à terra, Stavisky tentava alcançar o poder e ostentava-o de forma algo infantil.

Nesse aspecto o seu comportamento era relativamente primário. A sua vida, porém, iria assumir um importante papel na história da França e, para que tudo isso melhor assuma um significado, Resnais coloca, lado a lado, os últimos tempos de Stavisky (1934) e o período em que Trotsky permanece em França. Pelo desenvolver do filme, poderá até ficar-se com a ideia de que Stavisky não tem consciência perfeita das forças que desencadeia, não tem consciência da sua colocação num contexto político de percurso inevitável. Aliás, como o próprio Resnais salienta, Stavisky começa a ser um caso político, a partir da data da sua morte. Será todavia necessário sublinhar o seguinte: a partir da sua morte, Stavisky é um caso, aproveitado politicamente pelas diversas correntes francesas, dando azo a manifestações fascistas, à queda da III República, ao aparecimento de um Governo de Frente Popular (1936, veja-se *Frente Popular,* 36, de Henri Turrene). Mas antes da sua morte já Stavisky era um homem político e o filme de Resnais mostra perfeitamente de que maneira o era, serpenteando corruptamente pelos interiores dos gabinetes, à força de dinheiro e intrigas.

Stavisky é pois um bom documento, reconstituíndo uma época, desventrando um ambiente, denunciando uma trama de interesses viciados (que foram até à falcatrua descarada de acções), tentando interpretar uma figura lendária, integrando-a num tempo e num local determinados. Aí talvez o fascínio da figura de Sacha Stavisky tenha embaciado um pouco os resultados finais, dado que Resnais e Semprun deixam prevalecer um manto mítico sobre a discutída e insondável personagem que faria tremer uma nação. A segurança estilística de Resnais nunca está em causa. O seu filme é um modelo de discreta serenidade. Os seus fabulosos movimentos de câmara voltam a percorrer as fronteiras de prédios, a descer ao longo dos corredores, a acompanhar tectos e personagens, como em *Marienbad;* o *puzzle* organiza-se como em *Muriel;* o tempo inscreve-se nas figuras e delimita-as como em *Hiroshima.* Onde, todavia, *Stavisky* é uma obra limitada é no retrato do protagonista, nem sempre suficientemente neutro para que dele se não desprenda uma perigosa simpatia. Sabe-se que Stavisky não passou de um pequeno escroque, que as circunstâncias lançaram no mundo da alta finança para por ele passar velozmente, mas deixar pesado rasto. Mesmo assim, a relativa romantização da figura é perigosa.

O caso de *Lucky Luciano* é diferente. Rosi afirma-o: ***Ele era um tranquilo, fazia os seus passeios, ia ao teatro, ao restaurante, com o seu cãozinho nos braços. Que se passava na cabeça desse homem? Que ideias tinha ele no seu cérebro de criminoso? Eu perguntava-me isso à medida que estudava a personagem de Luciano. O secreto desejo de um gangster é a posse de um belo apartamento, de um automóvel de luxo, de um certo modo de vida. No caso de Luciano, o único desejo era o Poder. O Poder, a sua força efectiva, foi um dos aspectos que mais me interessou e foi decisivo para eu me meter neste assunto.***

Ao contrário de Stavisky (que talvez não se tenha dado plena conta do poder de que dispunha, para além do que ostentava facilmente), Lucky Luciano era o *gangster* cerebral, um pouco puritano de hábitos, cujo único fito era o Poder. Levava a vida de um *reformado napolitano* e todavia... O seu papel era semelhante ao do Papa... Nada se passava, com qualquer relação com a Mafia, que ele não fosse informado.

Francesco Rosi de quem se conhecem filmes — reportagens sobre algumas personalidades influentes na vida política italiana: *Salvatore Giuliano O Caso Mattei, La Mannu Salla Cittá...)* procurou fugir ao «filme sobre a Mafia», estilo *Padrinho.* Acontece que os resultados nunca ultrapassam os de Francis Ford Coppola, arriscando-se o filme (apesar da belíssima fotografia de Pasqualino de Santis)a ficar alguns pontos abaixo do de Coppola. Sobretudo a um nível de interesse espectacular. *Lucky Luciano* é uma empastelada, à custa de pretender sincopar os acontecimentos de forma um pouco fictícia. Em compensação, de um ponto de vista de denúncia política, a última película de Rosi não ultrapassa *O Padrinho, O Caso Vellachi, Violência 5.º Poder,* e tantas e tantas outras obras que se tem servido da Mafia, com idênticos propósitos.

Este parece-nos ser aliás o mais grave equívoco de *Lucky Luciano,* uma obra que, apesar de tudo, merecerá ainda a atenção do leitor. Mas é efectivamente um Rosi donde se sai sem grande entusiasmo, antes com a impressão de se ter revisto algo. O que é sempre grave, quando não se vai predisposto a uma autêntica *reprise,* ou uma *remake* genuína.

A C. P. INFORMA:

Avisam-se os Srs. Expedidores que a partir do dia 1 de Agosto entrarão em vigor, novas remessas de mercadorias, em substituição nos actuais títulos de transporte de Pequena Velocidade e Grande Velocidade.

Os actuais Documentos, desde que emitidos pela C. P., serão trocados sem qualquer encargo adicional, nos primeiros 10 dias de Agosto.

Novo espectáculo na Casa da Comédia

O Grupo de Trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia, recentemente constituído, está a preparar um espectáculo inteiramente concebido, realizado e confeccionado pelo grupo com selecção de textos, compilação e encenação de Norberto Barroca e músicas de Fernando Gaspar. Trata-se de uma colagem panorâmica de quatro épocas do Teatro Português e sua projecção reciproca com os mais importantes movimentos sociopolíticos, reunindo textos de vários dramaturgos e poetas portugueses que ao longo dos tempos têm lutado pela Verdade, Justiça e Liberdade — temas fulcrais deste espectáculo — como Gil Vicente, António José da Silva, Bocage, Almeida Garrett, Herberto Helder, Sophia de Mello Breyner Andressen, Manuel Alegre, Bernardo Santareno, Luís de Sttau Monteiro, José Cardoso Pires, Armindo Mendes de Carvalho, Daniel Filipe, José Carlos Ary dos Santos e Manuela Machado.

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

TORRES JOALHEIROS
Rua do Ouro, 253

RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 202

RELOJOARIA SUIÇA
Rua do Ouro, 252

JOALHARIA AUREA
Rua do Ouro, 172

OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255

NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-A

OURIVESARIA MOURÃO
Rua da Prata, 200

DIADEMA JOALHEIROS
Rua do Ouro, 166

OURIVESARIA LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

O M.F.A. NA TV POR CAUSA DO P.A.P.

Se aquilo era teleforum, não sei. Sei que era domingo, ao depois do telejornal, e estava prometido um directo com diversas individualidades. Teleforum ou teledomingo, com Megre ou com qualquer outro, adivinhava-se um serão do tamanho da légua da Póvoa, uma telepirâmide de enfado para os espectadores mais resistentes ao sono.

Ora em primeiro lugar aconteceu um teleforunzinho que não ultrapassou uma hora. Nem deveria passar nunca. Essa a primeira diferença. Em segundo lugar, aconteceu uma quase total ausência de polémica, não se meteu nenhum golo bombástico (para empregar a expressão cara ao capitão Vasco Lourenço) o que, nas actuais condições de convivência do País, chega a ser milagroso e, a algumas pessoas, escandaloso. Assim sendo, os elementos da Comissão Política do M.F.A. aproveitaram a horinha para mais uma tarefa de esclarecimento, batendo pontos já batidos e que certamente voltarão a bater-se, pois nem a reacção propriamente chamada, nem aquela a quem nos falta ainda coragem para chamar, desarmam com facilidade.

O comandante Vitor Crespo, os capitães Vasco Lourenço, Sousa e Castro e Graça e Cunha referiram-se insistentemente à missão do M.F.A., ao papel dos partidos políticos, às novas formas de ligação entre o povo e o M.F.A.. Com especial relevo para o primeiro.

IMPOR OU NÃO IMPOR EIS A QUESTÃO

Nem todo o jornal chegaria para comentar ou desenvolver as afirmações produzidas. Mais, muitas delas já são conhecidas: o M.F.A. não pretende implantar uma ditadura; a construção do socialismo sem o recurso a formas violentas; a manutenção do pluralismo; a justificação lógica de que o M.F.A. não pretende «uma só voz» está na própria institucionalização das comissões unitárias de trabalhadores e moradores.

Verdade se diga que não se poderia ir muito mais longe, sob pena de se cair na confrontação partidária. Sendo porém certo que, ao evitar-se uma serena confrontação, se está a facilitar certos ataques partidários prejudiciais ao processo revolucionário. Esperemos com infinita paciência, que os interesses de classe sustentadores desses ataques se desmascarem completamente, se é que ainda não se consideram completamente desmascarados, no plano interno e externo.

Seria bom vai aqui a minha contribuição para este e outros debates — se evitasse o emprego de determinadas expressões ambíguas.

Que é isso de *socialismo que todos desejamos?* Claro que nem todos o desejamos. Assim fosse e eramos nove milhões de anjinhos a tocar flauta no reino do Senhor.

Que é isto de *socialismo que assuma um carácter humano socialismo sentido e não imposto?* Encontramos aqui, subjacentes, noções que fizeram seu curso na guerra-fria. Claro que o socialismo tem sempre carácter humano. Claro que o socialismo tem sempre de ser imposto, na impossibilidade de congraçar as classes antagónicas, pôr de bem o tubarão e a sardinha. Para a instauração da via socialista no nosso país houve que impor nacionalizações, houve que impor a Reconstrução Agrária, houve que impor a descolonização. Ainda não impôs um saneamento exemplar, ainda não impôs um aparelho de Estado de acordo com as nossas necessidades, ainda não impôs as medidas de austeridade — com todos os prejuízos que daí provêm.

Evidentemente que um Estado Revolucionário tem de *impor*. Por duas razões suficientes: a primeira, porque é Estado; a segunda, porque é revolucionário. Todo o Estado é a expressão do domínio de uma classe sobre as outras classes; um Estado revolucionário que ainda não organizou esse domínio, necessita de impor o seu direito, de o consolidar. Pela força, senhor comandante, pela força!

Em certos períodos de fermentação não ferreamente controlada, as classes vencidas procurarão, marrando à direita e à *esquerda*, enfraquecer o poder revolucionário, a sua estabilidade. Impondo o *direito de tendência*, para minar a unicidade sindical; criando comissões e intercomissões de empresa para minar o poder dos sindicatos, fragmentar a unidade dos trabalhadores e estilhaçar a autoridade da Intersindical. Limpinho. Quando se faz uma opção, se não a defendemos, se a não *impomos* ao nível do poder de Estado, andamos a brincar às escondidas. O que, revolucionariamente falando, se paga caro.

Também de uma vez para sempre seria bom a gente entender-se quando fala em *partidos*. Generalizar, neste campo, além de perigoso, seria injusto. Há partidos e partidos. Há partidos que estão com a revolução portuguesa; que trabalham pela união do povo com o M.F.A.; que educam os seus militantes na vigilância revolucionária; que alfabetizam, dinamizam, realizam; que não setembraram, nem espinolaram, nem silenciaram, nem fugiram, nem traíram, nem esperaram. Ora esses partidos não podem ser metidos no mesmo saco com outros cuja principal finalidade parece ser a desagregação do nosso processo revolucionário.

Compreende-se que o M.F.A. não assuma quaisquer simpatias ou antipatias. Pessoalmente, também considero que em Portugal não é possível fazer a revolução só com a classe operária mas nunca se deve perder de vista que nenhuma revolução é possível onde a classe operária não assuma o papel de vanguarda. Perder-se de vista esta lei, seria trágico.

CONSTITUIÇÃO E OUTRAS COISAS

Pôs-se durante o debate, principalmente por intermédio do comandante Vítor Crespo, uma fortíssima tónica nas eleições para a Assembleia Constituinte. Foi-se ao ponto de considerá-las *o acto cívico mais importante que houve em Portugal depois do 25 de Abril.*

Daqui se partiu para a con-

Continua na pág 18

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

1. JUIZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este 1.º Juízo, 1. Secção, e nos autos de Execução por Alimentos que Maria da Graça Abreu Bacelar Gouveia dos Santos move contra o executado, Dr. Francisco Gouveia dos Santos, técnico económico da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, na Rua da Alfandega, Lisboa, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, reclamarem, querendo, os seus créditos, desde que gozem de garantia real.

Lisboa, 27 de Junho 1975

O Juiz Corregedor

a) **José Neto do Amaral e Pereira da Silva**

O ajudante de escrivão

Helder Gonçalves Roberto

XII CICLO DA CASA DA IMPRENSA

«O CINEMA POLÉMICO»

15 ANTESTREIAS DE CINEMA RENOVADOR

IMPERIO DE 16 A 30 DE JULHO

SESSÕES DIARIAS ÀS 15.15, 18.30 E 21.15

• PROGRAMA •

Dia 16 — **«UM REI EM NOVA IORQUE»**, realização de Charlie Chaplin, com Charlie Chaplin e Dawn Adams (Distribuição: Rivus) — VERSÃO INTEGRAL PELA PRIMEIRA VEZ NO NOSSO PAÍS. — Para todos

Dia 17 — **«S. MIGUEL TINHA UM GALO»**, realização de Paolo Taviani e Vittorio Taviani, com Giulio Brog e Sami Pavel. (Distribuição: Doperfilme) — Não aconselhável a menores de 13 anos

Dia 18 — **«ERA NOITE EM ROMA»**, realização de Roberto Rossellini, com Giovanna Ralli e Serge Bondarchuk. (Distribuição: Talma Filmes) — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 19 — **«OS DONOS DA TERRA»**, realização de Michel Soutter, com Jean-Louis Trintignant e Marie Dubois. (Distribuição: Talma Filmes) — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 20 — **«DILLINGER MORREU»**, realização de Marco Ferreri, com Michel Picolli, Annie Girardot e Anitta Pallenberg. (Distribuição: Doperfilme) — Não ac. a menores de 18 anos.

Dia 21 — **«OS CARABINEIROS»**, realização de Jean-Luc Godard, com Catherine Ribero e Marino Masé. (Distribuição: Doperfilme) — Não acons. men. 13 anos

Dia 22 — **«AMOR»**, realização de Károly Makk, com Lili Darvas. (Distribuição: Exclusivos Triunfo) — Não ac. a menores de 13 anos.

Dia 23 — **«E DERAM-LHE UMA ESPINGARDA»**, **«Johnny got his gun»**, realização de Dalton Trumbo, com Donald Sutherland, Katie Fields e Jason Robards. (Distribuição: Imperial Filmes) — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 24 — **«ANA E OS LOBOS»**, realização de Carlos Saura, com Geraldine Chaplin, Fernando F. Gomez e Rafaela Aparicio. (Distribuição: Exclusivos Triunfo) — Interdito a menores de 18 anos.

Dia 25 — **«ADOLESCENTE PERVERSA»** (**Deep End**), realização de Jerzy Skilimowsky, com Jane Asher e John Moulder Brown. (Distribuição: Filmes Ocidente) — Interdito a menores de 18 anos

Dia 26 — **«UM VERÃO EM OKINAWA»**, realização de Nagisa Oshima, com Hosei Komatsu e Hiromi Kurita. (Distribuição: Filmes Castelo Lopes) — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 27 — **«A RELIGIOSA»**, realização de Jacques Rivette, com Ana Karina, Liselotte Pulver e Micheline Presle Distribuicao. Talma Filmes) — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 28 — **«OS VIOLINOS DO BAILE»**, (**Les Violons du Ball**), realização de Michel Drach, com Marie-Josée Nat, Gabrielle Doulcet e Michel Drach (Distribuicao: Internacional Filmes).

Dia 29 — **«BALBÚRDIA NO OESTE»**, realização de Mel Brooks, com Gene Wilder, Madeleine Khan e Slim Pickens. (Distribuicao: Columbia - Warner) — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 30 — **«CONTOS IMORAIS»**, realização de Walerian Borowczik, com Paloma Picasso e Florence Bellamy. (Distribuição: Filmes Ocidente)

BILHETES À VENDA NAS BILHETEIRAS DO CINEMA IMPÉRIO

Este programa poderá ser alterado a todo o momento por motivos imprevistos

Hoje

Glicínia Quartin em «Terror e Miséria no III Reich»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Aventuras do Rucas e do Barbapapas.**
19.25 **Pantera Cor-de-Rosa** Desenhos animados.
19.55 **Teledesporto.**
20.30 **Telejornal** 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Antologia** Festival Prémio Itália. «Ao Virar da Esquina».
22.25 **Monumentos de Varsóvia** — Documentário.
23.00 **Telejornal** 3.ª edição. Inclui um resumo da etapa do dia da Volta à França em bicicleta.
23.15 **Fecho.**

II PROGRAMA

20.00 Abertura e o episódio da nova série filmada «Karino».
20.25 **Desenhos Animados.**
20.40 **Escrever é Lutar** Eduardo Prado Coelho conversa com Jacinto Baptista.
21.00 **Teatro** «O Terror e a Miséria do III Reich». Uma peça de Bertolt Brecht na tradução de Fiama Hasse Pais Brandão. Representação pela Companhia do Teatro da Cornucópia. Realização de Jorge Listopad. (A 2.ª parte será transmitida no próximo dia 28 do corrente).
22.30 **Telejornal** Em diferido a edição transmitida no I Programa às **20 e 30**.
23.00 Fecho.

DESTAQUES

I PROGRAMA

Antologia (21.05)

II PROGRAMA

Escrever é Lutar (20.40)

SIEMENS ESTORIL Palace

Amanhã

I PROGRAMA

12.45 Desenhos animados **13.00** Eurovisão. Missão especial Apolo Soyuz. Transmissão directa do lançamento da Soyuz **14.00** Telejornal **14.15** Logo à Noite; **19.00** «As Aventuras do Alecrim», **19.30** Nos, no País, **20.00**. Relatório **20.30** Eurovisão. Missão espacial Apolo Soyuz Transmissão directa do lançamento da Apolo. **21.30**. Telejornal: **22.00** «Resistência», **23.00** Telejornal

II PROGRAMA

20.00 «O Perigo e a Minha Profissão **20.25** Desenhos animados. **20.40** «Silêncio Vamos Rir!» **21.00** Música, música!, **22.30** Telejornal

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

BELENENSES, 1-K.B. COPENHAGA, 1

FUTEBOL DE VERÃO PODE ESTRAGAR TUDO...

Estava na cara. Com aquela conversa toda à roda dos «pobres» dinamarqueses, amadores e turistas, tristonhos futebolistas aviados com duas «chapas 5» frente a checoslovacos e holandeses, sétimos classificados do campeoato do seu país, com aquela conversa toda — dizia fácil era de prever que os de Belém entrariam em campo como vencedores antecipados de uma partida que os destinara a ser os «donos da bola».

Apesar disso, o jogo teria sido ganho e as aspirações à vitória na série poderiam ter-se ampliado consideravelmente, não fossem os alcatruzes do Melo que resolveu, anteontem, dar uma mãozinha à «capoeira» de há um ano. Não fosse igualmente — valha a verdade — a «falta de pernas» de Paco Gonzalez a quem chamaríamos um mouro de trabalho não tivesse ele nascido no Paraguai, que depois de muito solicitado, muito sacrificado durante quase todo o encontro, chegou face ao guarda-redes nórdico, dominou a bola com o peito e... falhou o «chapéu».

Nota-se, aliás, nesta equipa do Belenenses, não os primeiros passos de uma nova época, mas os «restos» de bom futebol com que se exibiu na anterior. Torna-se nítida a falta de férias e não sei, mesmo, até que ponto este torneio e os dois que se seguem no escaldante Agosto de Espanha, não «escavacarão» a saúde a uma turma que muito promete para o próximo campeonato. Neste momento, é gritante a falta de frescura de Quaresma, de Freitas, de Godinho, de Ramalho e, especialmente, de Pietra, um jogador fundamental no esquema de jogo de Peres Bandeira.

Não se pense, todavia, que o Belenenses está de rastos e que o relativo insucesso frente aos matulões dinamarqueses, é motivo de preocupacoes por ai além. Os onze do Restelo continuam muito perto do «timão», apresentando um futebol superior ao das últimas épocas — amelhor de Scopelli incluída — e que a entrada de Artur Jorge, Esmoriz (atenção João Cardoso!) e Leitão certamente reforçará. Estou também em crer que essa capacidade futebolística poderá revelar-se já, de forma bastante ampla, no próximo sábado, quando o Belém receber o Spartak de Trnava e resolver do seu futuro em termos de «Taça Intertoto».

Uma última referência ao joguinho de sábado para assinalar o trabalho pouco acertado de Porém Luís que, depois de manifestar concludentemente o seu anticaseirismo, fez vista grosseira a uma «trancada científica» que Quaresma aplicou em Rossel. Resultado de se ser humano e árbitro, porém mau. E Luís.

A. P.

Godinho: o «amor à camisola» nem sempre basta

Vicente disputa a bola, no Bonfim

SETÚBAL VENCE PARA A "INTERTOTO"

. No seu terceiro jogo para a «Intertoto», o Vitória de Setúbal conseguiu o primeiro êxito: 1-0 (golo de César) sobre o Elsborg, sábado último, no Bonfim. Os «teams»:

. VITÓRIA: Vaz; José Lino, João Cardoso, Carlos Cardoso e Caíca; Rebelo, Matine (Formosinho) e José Maria; Vicente (José Torres), Octávio e César.

ELSBORG: Tore Stenbackem; Goram (Matson), Leif Gustavsson, Bernyt e Bingt Andersen; Tomas Johansson, Krister Svard e Stefan Lydium; Frank Klonton, (Hanse), Tomas Ahlstrom e Krister Hellquist.

LIGUINHA

Foi repetido o jogo entre o Torres Novas e o Odivelas, que qualificava para a «liguinha» 2.ª/ 3.ª Divisões. Os torrejanos venceram por 1-0, o que lhes dá o direito de disputarem (apenas...) mais seis jogos, respectivamente com o Desportivo Portalegrense, União Sport e Amora, que (entretanto) têm de ir esperando a vez de actuar... O Odivelas (esse, sim) já conhece o seu destino: baixa à 3.ª Divisão.

PORTO

Jesus (guarda-redes do Lourosa) ingressa no «team» das Antas que, ao mesmo tempo, mantém conversações com Nené (Benfica).

SETÚBAL

Quim (Oriental) e a dupla Lemos-Laurindo (dispensada pelo F.C. do Porto) estão nas cogitações do Vitória de Setúbal.

COIMBRA

O União de Coimbra passa a dar de vencimento mensal, a cada um dos seus jogadores de futebol, somente a quantia de 1750 escudos.

Continua na pág 17

GRANDE CONCURSO

MIURA

Na presença do Dig.mio Representante da autoridade, foi efectuado no passado dia 9 do corrente o sorteio das 5 motorizadas, tendo sido contemplados os Srs.:

ANTÓNIO DOS SANTOS FERREIRA — Pindelo — Silgueiros
JOSÉ MANUEL SALGADO — Supermercados Prolar — Gouveia
MANUEL S. FERNANDES — Mata da Rainha Beira Baixa
JOSÉ MANUEL M. GOMES — B.º St.ª Isabel — Bragança
MARIA DULCE PEREIRA FARDILHA Estrada — Travanca — Vila da Feira

Os concorrentes premiados já foram avisados directamente.

Os fabricantes de MIURA agradecem verdadeiramente sensibilizados o interesse demonstrado pelo público que correspondeu com o envio de milhares de cupões.

Igualmente endereçam o seu agradecimento a todos os vendedores dos seus produtos pela colaboração prestada, sem a qual o Concurso não atingiria o sucesso alcançado.

As motorizadas serão entregues desde já, e durante 60 dias, aos concorrentes premiados, que deverão apresentar o cupão em seu poder na:

PALI PUBLICIDADE RUA DOS CLÉRIGOS, N.º 5-4.º PORTO, todos os dias excepto sábados e domingos, durante as 9 às 18 horas.

Lá fora

HALTEROFILISMO

O halterofilista soviético Vasily Alexeyev, campeão do mundo, estabeleceu um novo «record» mundial no arremesso, com 245 quilos, batendo a sua própria marca por 1,5 quilos. Alexeyev realizou a nova proeza nas sextas «Espartaquiadas Soviéticas», em curso na Lituânia.

ESGRIMA

Christian Noel (francês) é o novo campeão do Mundo de florete. Noel triunfou na «poule» final com quatro vitórias. Na segunda posição, ex-aequo, classificaram-se o seu compatriota Bernard Talvard e o soviético Vladimir Denisov, ambos com três vitórias.

HÓQUEI EM PATINS

O Voltegra (de Espanha) tornou-se campeão da 10.ª edição da «Taça da Europa» de hóquei em patins, ao vencer o Barcelona (por 6-4) em jogo final disputado em «Palau Blaugrana». No jogo de primeira mão as equipas tinham empatado (5-5).

BEST

Anuncia-se em Buenos Aires que o irrequieto futebolista irlandês George Best irá ingressar, em breve, no River Plate, actual «leader» do Campeonato Metropolitano de Futebol e, para isso, já estariam praticamente concluídas as respectivas negociações, incluindo as monetárias. Segundo informações atribuídas ao director técnico do River Plate a equipa argentina satisfará a parte monetária mediante a realização de três jogos em Inglaterra, cuja receita reverterá integralmente para o Manchester United, clube a que Best ainda está vinculado por contrato.

«REPRISE»

A República Federal Alemã venceu, sábado, em Hagen, a final do 27.º Campeonato Militar Internacional de Futebol (C.I.S.M.) derrotando a formação holandesa (por 1-0), resultado conseguido na primeira parte do encontro. Um ano depois da final do Campeonato do Mundo de Futebol onde, também, a equipa nacional alemã ocidental derrotou a turma holandesa (por 2-1) os militares repetiram o triunfo, presenciado desta vez por 25 000 espectadores. Os futebolistas militares alemães alcançam o título mundial pela primeira vez e graças a Harald Konopka (do F.C. de Colónia), que transformou uma grande penalidade concedida um tanto generosamente pelo árbitro grego, em castigo a uma carga de um ho-

Continua na pág 17

CURSOS
● DACTILOGRAFIA
● MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 23 Julho.
Informações e Matrículas no
Externato Continental
Telef 36 42 72
Rua do Arsenal, 100 - 1.º

VOLTA A FRANÇA

Thevenet arreda Merckx

Eddy Merckx sofreu ontem um golpe Thévenet, triunfando destacadamente na meta de Pral-Loup, conquistou ao belga a camisola de «leader» e provocou nitidas mexidas na tabela geral. Veja-se como se processou a entrada em Pral-Loup dos mais cotados: 1.º, Bernard Thévenet (Fr.), 7 h 46 m 35 s; 2.º Felice Gimondi (It.), 7.46.58; 3.º Joop Zoetemelk (Hol.), 7.47.47; 4.º Lucien Van Impe (Bélg.); 7.48,17; 5.º, Eddy Merckx (Bél.), 7.48,31; 6.º Francesco Moser (Itália), 7.49.47; 7.º Joseph Fuchs (Suiça), m. t ; 8.º Luís Balangue (Esp.) 7.52.01; 9.º, Roger Delisle (Fr.), 7.52.36; 10.º Vicente López-Carril (Esp.), 7.52.51.

Os portugueses: Joaquim Agostinho em 15.º (7 h 54 m 43 s), Fernando Ferreira em 48.º (8 h 17 m 52 s) e José Amaro em 99.º (último lugar) no tempo de 8 h, 24 m, 12 s.

Classificação geral: 1.º Thévenet (Fr.), 77 h 50 m 35 s; 2.º, Eddy Merckx (Bélg.), a 58 s; 3.º Zoetemelk (Hol.), a 4 m 08 s; 4.º Van Impe (Bélg.), a 5.14; 5.º, Gimondi (It.) a 8.19; 6.º, Moser (It.) a 14.51; 7.º López-Carril (Esp.), a 17.19; 9.º, Poulidor, (Fr.), a 23.58; 10.º, Janssens (Bélg.), a 25.18; 19.º, Julien (Fr.), a 39.52; 20.º Joaquim Agostinho (Port.), a 40.50; 21.º, Den Hertog (Hol), a 41.18; 22.º Galdos (Esp.), a 43.14; 73.º, Ferreira (Port.), a 1.39.54; 97.º, Amaro (Port.), a 2.07.00.

A certa altura da prova, um automóvel que transportava o director da equipa do ciclista italiano Felice Gimondi, Giancarlo Ferretti, e um mecânico, despenhou-se numa ravina da montanha de Col d' Allos, durante a etapa de ontem.

Ferretti e o mecânico Fiazzologa, foram projectados durante a queda do automóvel, tendo o primeiro escapado com contusões na cabeça e o segundo com uma perna partida.

Não alinharam à partida: Antonini, Gavarri, Giliani e Quintarelli. No decorrer da etapa desistiram Catieu, Mollet, Santy e Laoysch.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

Geral

Registo

TÉNIS DE MESA: campeonatos portuenses de pares mistos, a 19 e 20 do corrente.

CONVÍVIO: em colaboração com a Agro 75, a delegação bracarense da DGD promove um Convívio Desportivo (integrado no «Dia da Juventude») que terá lugar no «Estádio 1.º de Maio», em Braga, na manhã de amanhã. Participarão crianças dos núcleos desportivos já constituídos e que se encontram disseminados por todos os concelhos do distrito. Este convívio, que prevê a participação de crianças dos 9 aos 12 anos de idade, englobará atletismo, Badminton, Minibasquetebol e Minifutebol. Utilizar-se-ão as pistas do «Estádio 1.º de Maio», com a participação de 18 núcleos numa competição de «Endurance», com a «utilização» mínima de 180 crianças. A disposição da pequenada 4 campos de minifutebol, 4 campos de minibasquetebol e 30 campos de badminton. O núcleo total de jovens a participar será, no mínimo, de 960.

ESTORIL PRAIA: foi eleita a nova direcção da colectividade. Nomes do conselho geral: presidente, coronel Duarte Pinto Coelho: assembleia geral: presidente, dr. Francisco Costa Ramos: vice-presidente, Alfredo Farinha, direcção: presidente, José da Costa Pires: vices-presidentes, João Lachever, Vítor Pereira e António Martins Silva: conselho fiscal: presidente, Fernando José dos Santos.

HÓQUEI EM PATINS: no fim de semana jogaram-se as rondas 9 e 10 do nacional. Desfechos verificados: J. Salesiana-Inf. Sagres, 2-0: Oeiras-Ac. Espinho, 5-2: F. C. Porto-Sporting, 8-8: Valongo-Cascais, 3-1: Oeiras-Inf. Sagres, 2-2: J. Salesiana-Ac. Espinho, 2-0: Valongo-Sporting, 4-4: F. C. Porto-Cascais, 7-2. A quatro rondas do final da prova, eis a classificação: 1. SPORTING, 24 pontos: 2. Juv. Salesiana, 23: 3. F.C. Porto, 22: 4. Valongo, 21: 5. Cascais e Oeiras, 19: 7. Infante de Sagres, 18: 8. Académica de Espinho, 15.

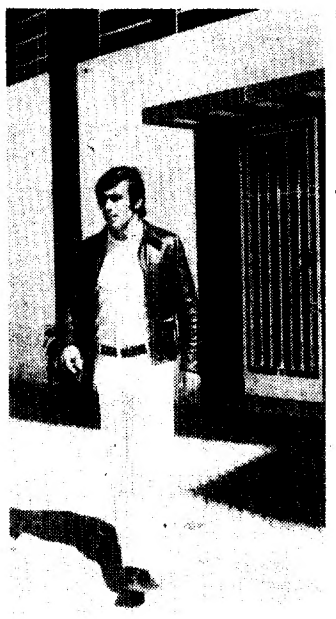
ATLETISMO: nos regionais lisboetas da 1.ª divisão, alguns triunfos curiosos. Lista de vencedores: 100 m. — Carlos Calado Sp), 11 s 200m. — António Cachola (Sf), 21,8s: 400 m. — António Cachola (Bf.), 49,5s: 800m. — José Carvalho (Sp), 1m 52,5s: 1500m. — Helder Jesus (Bf.), 3m 44,5s: 5000m. — Armando Aldegalega (Sp), 15m 2,8s: 110 M. BAR. — Fernando Reis Bf), 16,1: 400 M. AR. — João Raposo (Sp.), 57,1s: 3000 M. OBST. — Carlos Cabral (Sp.), 9m 12,6s: DARDO — Hilário Santos (Bf.), 57,74m: DISCO — José Galvão (Bf.), 42,38 m: MARTELO — José Pedroso (Bf.), 54,42m: PESO — José Galvão (Bf.), 14,10m: ALTURA — António Vermelhudo (Ind.), 2,03m: COMPRIMENTO — Alfredo Melão (Bf.), 6,98 m: TRIPLO SALTO — Alfredo Melão (Bf.), 14,76m: VARA — Joaquim Serra (Sp.), 4,55m. TRIATLO FEMININO DE JUVENIS: 100M. — Cristina Lourenço (Bel.), 13s, 645 p.: ALTURA — Margot Essink (Bf.), 1,40m, 597p.: PESO — Cristina Lourenço (Bel.), 6,88m, 132p. Classificação final: 1.ª Cristina Lourenço (Bel.), 1261 p.: 2.ª Margot Essink (Bf.), 1104: 3.ª Cristina João (Bf.), 965: 4.ª Laura Armanda (Sp.), 844: 5.º, Isabel Anunciada (Sp.), 792: 6.ª, Anabela Patriarca (Bf.), 768: 7.ª Esmeralda Marques, 728.

CICLISMO: o português António Guedes é o «leader» na classificação de metas volantes na «Volta à Argentina».

Lá fora

Continuação da pág. 16

landês sobre Glowacz. A classificação final, ficou assim ordenada: 1.º, R.F.A.; 2.º, Holanda; 3.º, Koweit; 4.º, Camarões; 5.º, Irão; 6.º, Grécia; 7.º, Síria; 8.º, Nigéria.



Vítor Gomes, que jogava na Cuf, assinou pelo Sporting: ei-lo a sair de Alvalade (pela porta 10-A) após firmar o contrato com os «leões»

TOTOBOLA A CHAVE

Belenenses - Copenhaga	X
Setúbal - Elfsborg	1
Malmö - S. Innsbruck	X
St. Liège - Sp. Roterdão	1
Zurique-E.Braunschweig	1
Sturm Graz - Telstar	1
Holbaek - Zaglebie	2
T. Berlim-Polónia Bytom	X
Bena - AIK	2
Goteborg - Kaiserslaut.	2
Young Boys - Bohemians	2
Spartak Trnava-Amsterd.	X
B. Ostrava - Celik Zenica	X

I CONGRESSO DOS QUADROS TÉCNICOS

«É certo que alguns quadros técnicos, devido à sua extração, à sua raíz de classe e à posição que ocupam no processo produtivo, têm tomado posições vacilantes e contraditórias. Mas seria uma grande injustiça e um grave erro tomar-se algumas árvores pela floresta» — afirmou Carlos Carvalhas, secretário de Estado do Trabalho, na sessão de encerramento do I Congresso dos Quadros Técnicos, que decorreu este fim-de-semana na Fundação Gulbenkian e com cerca de 400 participantes.

O Encontro foi promovido pela Ordem dos Engenheiros, Sindicato dos Economistas, Sindicato dos Engenheiros Técnicos, Sindicato dos Arquitectos Assalariados e Sindicato dos Profissionais de Escritório. Assistiram ao encerramento dos trabalhos, os ministros da Indústria, e Tecnologia, eng. João Cravinho, da Agricultura, eng. Fernando Oliveira Baptista, do Planeamento e Coordenação Económica, eng. António Diogo Pires e o subsecretário de Estado da Administração Industrial, eng. José Cardoso da Silva e um representante da Intersindical.

Os participantes, após dois dias de debates, aprovaram algumas moções. Depois de saudarem o Conselho da Revolução, o Presidente da República, o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves e o Movimento das Forças Armadas, manifestam o seu firme apoio às transformações antimonopolistas e antilatifundiárias em curso, à nacionalização dos sectores-chave da economia, à reforma agrária, ao controlo da produção, ao desenvolvimento da iniciativa e organização populares, à construção de um Estado verdadeiramente democrático ao serviço da Revolução».

Reconheceram ainda numa moção que «conjuntamente com os restantes trabalhadores, lhes cabem particularmente responsabilidades na construção de uma nova sociedade, de um novo Estado, de uma nova economia. Os técnicos não estão mais (como em muitos casos estiveram e estão ainda) ao serviço do grande capital nacional e estrangeiro, mas sim ao serviço dos trabalhadores e do Povo Português. Consideram também que os seus interesses e aspirações não são contraditórios, antes convergem, com os interesses da classe operária e dos restantes trabalhadores, propondo-se actuar para que sejam definitivamente superadas as divisões e incompreensões herdadas do fascismo que, a persistirem, são uma arma voltada contra os interesses da Revolução».

Uma outra moção aprovada, consiste no envio à embaixada do Chile em Portugal e ao Governo de um pedido de libertação imediata de Luis Corvallan, secretário-geral do Partido Comunista chileno, preso nas cadeias de Pinochet e por cuja vida se teme em todo o Mundo.

BATALHA DA PRODUÇÃO E SANEAMENTO

O dr. Carlos Carvalhas, dirigindo-se aos participantes, sublinhou a disposição do seu gabinete, «de combater o basismo e o oportunismo, de restabelecer a hierarquia consentida, de desenvolver uma ampla informação no sentido de se conquistar os trabalhadores para o respeito e aceitação dos quadros como trabalhadores que são e de serem firmes para os que querem entravar o processo, sejam eles quem forem e seja qual for o lugar que ocupem. Hoje, ninguém se pode demitir da sua função, mas para isso, é necessário que a sua autoridade seja respeitada e o seu trabalho dignificado. O Povo Português compreenderá que isso é vital».

A batalha da produção e o saneamento foram alguns dos temas em discussão neste Encontro. Foi salientado que «a batalha da produção não sendo apenas trabalhar mais, passa pela organização de todos os trabalhadores no sentido da unidade». Afirmou-se que a batalha da produção deve ter alguns pontos como suporte do processo: aumento da produção quantitativa e qualitativamente; melhoria de aproveitamento de recursos em matéria de equipamentos existentes; prioridade à produção de bens essenciais; política de compras orientada para a produção nacional».

Quanto à questão do saneamento, foi afirmada a necessidade de critérios de saneamento e apontou-se «o comprometimento com as estruturas repressivas do regime fascista, a prepotência, a corrupção, a incompetência e a sabotagem». Por último foi criada uma comissão encarregada da organização do 2.º Encontro de Quadros Técnicos.

Férias no ESTORIL

HOTEL do **GUINCHO** *****
Ambiente calmo
conforto e repouso

HOTEL **ESTORIL-SOL** *****
Ambiente cosmopolita,
dinâmico e acolhedor

SERVIÇO IMPECÁVEL
A PREÇOS SENSACIONAIS

POR DIA E POR PESSOA

Meia-pensão	335$00
Pensão completa	435$00
Supl. quarto ind.	50$00

com taxas incluídas e direito a jantar no **CASINO ESTORIL**

Para reservas: consulte o seu agente de viagens ou telefone para 28 28 31 ou 286 94 91

Delegados do P.R. e advogados

DOIS DOCUMENTOS CONTRADITÓRIOS REFLECTEM A CRISE DE DIREITO

Face ao «documento-guia» da Assembleia do M.F.A., que prevê a criação de tribunais populares, e à situação criada pela demissão do ministro e do secretário de Estado da Justiça, o Sindicato dos Delegados do Procurador da República tornou pública uma proposta para a realização de um debate público sobre o lugar da lei, da justiça e dos tribunais no processo revolucionário.

De acordo com essa proposta, o debate a efectuar terá por objectivo determinar o papel que resta aos tribunais no actual processo, a fim de se pôr termo a um estado de coisas atribuível às hesitações e à incapacidade crítica dos órgãos do poder, que se não revelaram capazes de iniciar este debate ou de criar condições para que ele se iniciasse.

De acordo com o documento, o carácter classista dos tribunais e a sua estrutura burguesa resultam de contradições ainda existentes nos outros poderes do Estado: uma vez resolvidas estas contradições, a definição do tribunal tornar-se-á inevitável.

Sempre de acordo com a proposta do sindicato, a função dos tribunais foi posta em causa pelo processo revolucoinário, e a crise resultante desta situação não pode ser resolvida ignorando-os, ladeando-os, ou permitindo que eles continuem a ser presididos por servidores da justiça de origem social bem definida, obrigados a aplicar uma lei vinculada a essa mesma origem social.

Dado que, até ao momento, os tribunais ainda não foram postos perante uma opção definitiva face ao processo revolucionário, urge, no entender dos subscritores da proposta, criar condições que conduzam à sua inequívoca definição. Para este efeito propõe o sindicato que os novos ministro e subsecretário da Justiça sejam magistrados progressistas e oferece a sua colaboração aos órgãos do poder exigindo a sua representatividade na orgânica do ministério.

A crise que preocupa o Sindicato dos Delegados do Procurador da República também preocupa os advogados os quais parece não estarem muito seguros da função que lhes compete desempenhar no momento presente.

Assim, surgiram duas propostas no decorrer do plenário nacional da classe, realizado no sábado no Anfiteatro da Faculdade de Letras de Coimbra, uma no sentido de a profissão apoiar incondicionalmente as linhas políticas do Conselho da Revolução e outra falando em nomear uma comissão incumbida de visitar os países socialistas e de estudar a sua orgânica jurídica.

Ambas as sugestões foram rejeitadas por uma maioria esmagadora, tendo os presentes optado pela tese de que aos advogados compete apenas defender os princípios de direito. Por último os presentes aprovaram uma moção apresentada pelo dr. Francisco de Sousa Tavares, segundo a qual os advogados deverão impugnar, junto do Conselho Superior da Revolução, a criação de quaisquer tribunais revolucionários, designadamente para julgamento dos delitos políticos praticados depois do 25 de Abril», e deverão constituír uma comissão, formada por advogados reconhecidamente antifascistas, para julgar todas as violações aos direitos fundamentais dos acusados por delitos políticos e comuns.

De acordo com a moção, os resultados do inquérito a efectuar por esta comissão deverão ser publicados no mais curto espaço de tempo possível.

GOVERNO DE CABO VERDE

PRAIA, 14 — (FP/«DL») — O comandante Pedro Pires, primeiro-ministro de Cabo Verde, constituiu o seu Governo de oito membros.

Os ministros são Silvino da Luz (Defesa e Segurança), Amaro da Luz (Finanças), Carlos Osvaldo Silva (Educação, Cultura, Juventude e Desportos), Herculano Vieira (Transportes e Telecomunicações), Sérgio Centeio (Agricultura e Hidráulica), David Hopffer (Justiça), Manuel Faustino (Saúde e Assuntos Sociais).

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

clusão de que se caminhara para uma opção socialista e *que não podemos desprezar essa vontade popular.*

O capitão Castro acrescentaria que a Constituição deve reflectir as realidades do país e defender as conquistas do processo revolucionário.

Certo. O único ponto a debater seria qual a maneira que melhor serviria para a elaboração da Constituição.

Começa por ser extremamente melindroso falar-se de eleições como do «segundo acto cívico mais importante» — isto sabendo-se as condições de despolitização, manipulação e agressividade que reinaram em tantas e tantas áreas do país, para já não falar da inércia social que é *sempre* nos períodos da revolução, contra-revolucionária. Sim: sabe-se que, mesmo depois da vitória e da consolidação da revolução, a classe dominante continua a ser a burguesia. É dos livros...

Fazerem-se *eleições* num país dominado durante cinquenta anos pelo fascismo e durante séculos pela Inquisição, eis o primeiro grande passo em falso da Revolução Portuguesa e que viria a criar a perigosa ambiguidade de uma revolução que se desenvolve nos quadros de uma democracia burguesa. Os resultados estão à vista: a burguesia, fortalecida pelo apoio *popular*, pretende recuperar, travar, impedir. Nas eleições-farsas do fascismo, este impediu o voto dos trabalhadores e dos revolucionários; em 1974, o movimento que derrubou o fascismo, permitiu que votassem todos, até mesmo os contra-revolucionários ou os não interessados na total destruição do sistema capitalista...

Aqui, a contradição: se um movimento revolucionário como o M.F.A. está lançado não apenas na destruição do fascismo, mas na destruição do capitalismo, como diabo vai permitir que uma Constituição ao serviço do socialismo seja elaborada por forças que não estão para aí viradas? O resultado é a bagunça, a contra-revolução com o freio nos dentes, o punhal na boca que se instalaram em São Bento.

E agora, M.F.A., sempre que-ro ver como vais desclaçar esta bota. Para a outra vez, quando quiseres umas botas ricas é seguras recomenda-as ao melhor sapateiro: o povo trabalhador. Quem calça da burguesia doem-lhe os pés todo o dia.

Para terminar, transcreverei algumas palavras do comandante Vítor Crespo, a propósito da impopularidade com que podem ser recebidas as medidas de austeridade

Culpo totalmente disso a Imprensa Portuguesa em geral. A Imprensa portuguesa tem servido mal a revolução portuguesa. A Imprensa portuguesa não tem estado à altura das responsabilidades que lhe cabem numa revolução socialista. Uma revolução, como disse há pouco, requer criação, requer ideias novas, requer troca de opinião, requer confronto de ideia. Isto não significa confronto estéril, significa confronto participativo, isto é, confronto construtivo, no sentido de caminharmos numa via de esclarecimento que permita ao povo português sentir que a própria Informação apoia a Revolução. Não se tem passado isso em Portugal.

A Informação ao serviço da Revolução: eis, na realidade, o repto que está lançado aos jornais portugueses. A respeito disto falaremos noutra altura com mais vagar...

P.C.P. (m-l) acusa P.C.P. de responsável pela crise

«Nas fábricas, nos campos, nas cidades, nas aldeias, por toda a parte é necessário lutar, atacando firmente o social-fascismo e seus apêndices, dando um apoio activo ao Conselho da Revolução, ao M. F. A., na luta contra o hegemonismo das duas superpotências; a classe operária deve tomar firmemente a primeira fila desta luta» — afirma o Secretariado do C. C. do P. C. P. (m-l), em comunicado datado de ontem.

O comunicado do P. C. P. (m-l) faz notar que «o momento é de luta contra os inimigos da independência nacional e da democracia» e acusa o P. C. P. — «agente do social-imperialismo russo» — de manobrar para impedir «que o Plano de Acção Política do M. F. A., de luta pela independência nacional, elaborado pelo Conselho da Revolução seja posto em prática». Pela «sabotagem sistemática das decisões do Conselho da Revolução» e pela criação «de um clima de instabilidade e anarquia».

O P. C. P. (m-l) afirma depois que «o imperialismo americano, apoiado no seu poderio militar nesta parte do Mundo, espreita a aventura social-fascista para tentar recuperar o terreno que perdeu». O comunicado considera ainda existirem «condições favoráveis para fazer triunfar estas exigências de luta pela independência nacional, pela democracia e pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores». Para isso, acrescenta-se, «é necessário esmagar a ofensiva contra-revolucionária dos sociais-fascistas».

A BASE APOIA PLANO

A Comissão Executiva Regional da Base — Frente Unitária de Trabalhadores — associou-se à última posição assumida pela Assembleia de Delegados do M.F.A., consagrando um processo revolucionário com vista à construção de uma sociedade socialista feita, controlada e dirigida pelos próprios trabalhadores.

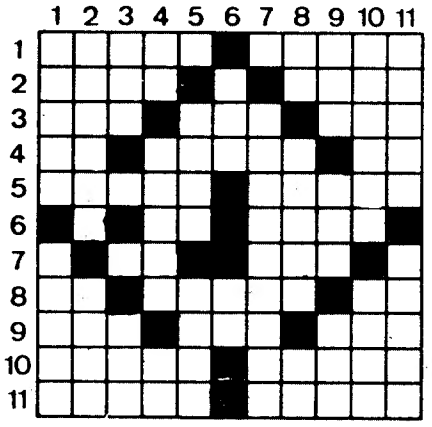
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11132

HORIZONTAIS

1 Além. Jumento.
2 Quadro. Voz do gato (pl.).
3 Czar da Rússia. Rio da tedrais.
4 Rádio (s.q.). Picantes. Letra grega.
5 Venero. Corres.
5 Érbio (s.q.). Fileiras.
7 Em partes iguais. Freguesia do Concelho de Penafiel.
8 Artigo definido. Restabeleco. Estrépito de desmoronamento.
9 Chefe etíope. Triturara. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
10 Zombaria. Dança de origem sul-americana.
11 Dás oiro a. Tribo de indígenas do Brasil.



VERTICAIS

1 Arremessa. Defunto.
2 Graminea cerealífera. Xaile das mulheres indias e persas.
3 Olé. Ribeira de Portugal.
4 Nota musical. Limpar metais. Cálcio (s.q.).
5 Serra de Portugal. Aves pernaltas.
6 Botequim. Preposição e artigo definido.
7 Dividira.
8 Artigo indefinido. Grande sala. Cidade da antiga Caldeia.
9 Trocas. Utensílios domésticos. Governanta.
10 Rataras. Cauda.
11 Restos mortais. Saltas.

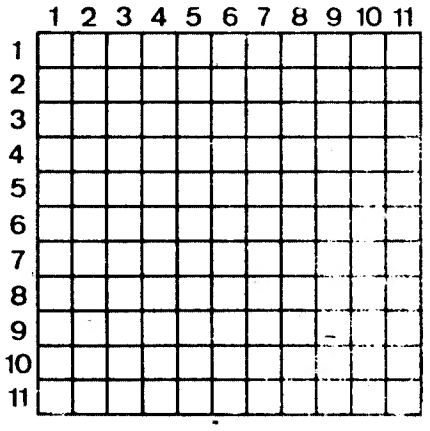
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7291

HORIZONTAIS

1 Língua de Samatra. O soprar da serpente (Prov.)
2 Moeda de cinco reis. Bigorna de aço sem hastes.
3 Anel. Salpicara.
4 Em antiguidades romanas, abrev. de Divus Augustus. Caminha. Antes de Cristo.
5 Homens sem dignidade.
6 Nome de frutos. Actínio (s.q.).
7 Madeira. Nome de fruto.
8 Da Arábia.
9 Nota musical. Mulheres.
10 Cinquenta e cinco em romano. Estimes. Agora.
11 Patrões. Dinheiro (pl.).



VERTICAIS:

1 Túnica branca com a qual os negros malês vestiam os cadáveres. Nome antigo de Ceuta.
2 Pessoa dócil (Fig.). Vossa Majestade.
3 Tempo do verbo haver. Emblemas.
4 Item. Atravessarias.
5 Trejeitos grotescos.
6 Esteiros. Preposicão.
7 Peregrino ou romeiro de Meca. Ofício divino.
8 Tempo do verbo ir. Romancista português autor de «Os Maias».
9 Joeiro. Rústicos.
10 Inventará. Ligara pelo casamento.
11 Cidade do Japão. Sadias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11131

HORIZONTAIS:
1 Taças. Ataca.
2 Ador. Itaca.
3 Carretas. Sá.
4 Oo. Oc. Mar.
5 Rás. Alada.
6 Mitos. Amam.
7 Mocar. Opa.
8 Mia. Temi.
9 Cá. Mi. Id. Im.
10 Pirata. Có.
11 VIUVA. Arcar.

VERTICAIS:
1 Tacos. MMCCV.
2 Adão. Moía.
3 Cor. RICA. Pú.
4 Arreata. MIV.
5 Sortira.
6 Ito.
7 Ataca. Omita.
8 Tas. Lapidar.
9 Ac. Mama.
10 CASADA. FICA.
11 Aramá. Mor.

PROVERBIO: Viúva rica casada fica.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7290

HORIZONTAIS:
1 Apresentara.
2 Coiro. Aotos.
3 Erro. Ária.
4 Mai. Vás. Adi.
5 Oaio. Inca.
6 Mós. Mua.
7 Vão. Rei.
8 Assas. Atais.
9 Na. Voara. Ac.
10 Cor. Até.
11 Acesa. Lamas.

VERTICAIS:
1 Acem. Avanca.
2 Porão. Asa.
3 Riríamos. Ce.
4 Ero. Io. Avós.
5 Só. Vós. Sora.
6 Za.
7 Na. Sim. Aral.
8 Toa. Nu. Tatá.
9 Atracara. Em.
10 Roida. Eia!.
11 Asai. Piscas.

BARS BOITES

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPOTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

PROGRAMAS RÁDIO MFA

EMISSORA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira:
12,30 às 13,00
18,15 às 19,00
23,00 às 23,15
06,15 às 07,00
Aos Domingos:
10,00 às 12,00

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

3.as e 5.as feiras:
21,00 às 21,25

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado chuviscava em alguns locais para norte do rio Douro e o céu estava limpo para sul daquele rio e o vento estava geralmente fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	18º
P. DOURADAS	19º
COIMBRA	24º
PORTALEGRE	23º
LISBOA	23º
FARO	25º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
BEJA 33º

Mínima:
V. R. E V. CASTELO 13º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 15,ao
Atmosfera 12,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.52	3,6 m	1.11	0.8 m
20.13	3,7 m	13.20	1.0 m

Dia 15

8.48	3,5 m	2.09	1.0 m
21.13	3,6 m	14.30	1,2 m

Dia 16

9.52	3,4 m	3.13	1,2 m
22.23	3,4 m	15.43	1.3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

A norte do sistema Sintra, Montejunto Estrela: períodos de céu muito nublado vento fraco; períodos de chuva fraca na zona costeira. A sul do referido sistema. Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste.

AMANHÃ

NASCER AS 6.23
OCASO AS 21.01

DIA 15 DIA 23 DIA 31 DIA 7

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Noticiário Rádio Estudantil
18.15 «Movimento das Forcas Armadas»
19.00 Informacão de trânsito
19.05 Falar educacão, programa do I.T.E.
19.25 Fados e guitarradas
20.00 «Jornal da noite»
21.00 Música Portuguesa
21.45 Observacão de teatro, p/José Gil
22.00 Sindicalismo, p/Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Música Variada
23.00 «Movimento das Forcas Armadas»
23.15 Vamos ouvir
00.00 «Último Jornal»
00.30 Retrospectiva
01.00 (Saída e encerramento dos Regionais e dos M.F.F. -1) Música da noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 2.º acto da ópera «O Barbeiro de Sevilha», de Rossini
16.50 Conjuntos instrumentais: o conjunto da música antiga «concentos músicus», dirigido por Nikolaus Harnoncourt, em: O conjunto (suite instrumental), de Heinrich Biber, Divertimento em Sol maior, para bariton, viola e baixo e concerto em Fá maior, de Haydn
17.30 Música do século XX: Sinfonia em três andamentos, de Stavinsky, Scherzo à la russe. de Stravinsky
18.00 Antologia sonora: danças e fanfarra da Renascenca, de Fantini e Gervaise Concerto de trompetes em Mi bemol maior, de Haydn Obras de Henry Purcell
18.30 Obras de Beethoven: Trio em Si bemol, op. 11, p/Trio Montagnana para piano e orquestra para piano e orquestra. Concerto n.º 1, em dó maior, op. 15.
19.30 Suites para orquestra: Suite n.º 2 em Si menor, B.W.V. 1067, de BACH,
20.00 «Jornal da noite»
21.00 (Passagem do M.F.-2 a estereo) música ligeira variada
22.00 Audicão integral dos quartetos de Beethoven
22.40 Música do barroco de João Cristiano Bach: Sinfonia em Mi maior, op. 18 n.º 5,
23.00 Música sinfónica: Abertura Manfred, op. 115, de Schumann, Sinfonia n.º 1 em Dó maior, op. 68, Brahms Concerto n.º 2 em Si bemol maior, p/ violino e orquestra, de Bela Bartok, Poema Sinfónico «Wallensteins Lager»
01.00 Fecho

PROGRAMA EM ONDA MÉDIA 2 (397m.- 755khz)

20.30 Rapsódia Romena n.º 1 em Lá maior, op. 11, de Georg Enescu, p/Orq. Sinfónica de Londres, dir. p/ Stanley Black
20.45 Música de piano: Estampas, de Debussy, p/Noel Lee
21.00 Concerto Sinfónico 1.ª Parte: Concerto em Dó maior, H.VII b.1.; P/ violoncelo e orquestra, de HAYDN, Concerto sinfónico INTERVALO: Cancões tradicionais Espanholas. p/ soprano Victória de Los Angeles
23.00 O Canto e os seus interpretes, p/Maria Helena de Freitas
00.00 Música de Câmara: Quarteto n.º 19 em Dó maior 465, de Mozart
00.30 Cantatas de Bach: Cantata B.W.V. 4
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

Emissor de Lisboa Onda média, 299,13 m **10034** K.H.z Emissão continua; Emissor de Miramar (Porto) Onda média, 283,6 **782** K.H.z Emissão continua;

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média 233,2 m 1286 K.H.z; Modulacão de frequência de Lisboa 93,2 M.H.z, emissão continua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO P-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (tel. 638589)
ALTO DE SÃO JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (tel. 843439)
ALVALADE
Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A/B (ao Pote de Água) (tel. 710131)
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque D'Ávila, 25/31 (tel. 47088)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (tel. 724941)
BAIRRO ACTORES
Esperança, 101-B (tel. 722868)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.ª Casas Novas lote 66 (tel. 310172)
BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (tel. 321289)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel. 650760)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (quinta das Mouras) (tel. 794174)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140, B/C (Tel. 720703/728395)
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (tel. 42312)
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (tel. 383800)

TURNO P-2

TODA A NOITE

AJUDA
Dilena, Dua Aliança Operária, 49-A/B (tel. 636620)
ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (tel. 774682)
Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América, 16-B (tel. 725859)
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (tel. 680627)
ANJOS
Góis, Rua dos Anjos, 12-C (antiga Rua Registo Civil) (tel. 840101)
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (tel. 763107)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A (à Rua do Casquilho) (tel. 708242)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (tel. 666206)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181)
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (tel. 862835)
LAPA
Alb, Rua de Santana à Lapa, 156 (tel. 663562)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704)
SÃO PAULO
Açoreana, Largo Conde Barão, 2 (tel. 661330)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Av. Luís Bívar 11 (tel. 44324)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)
CARCAVELOS
Central Até às 24 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Grincho Av. da Republica, 87 (Telef. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro R. 9 de Abril, 24 (Telef. 263052) Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira Av. Sabóia, 29-B (Telef. 260085) Toda a noite
CASCAIS
Cascais R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407) Até às 22 horas
Misericórdia R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João I, 9-B (Telef. 932756)
Central Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210)
Igreja P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740)
Jardim Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)
QUELUZ
Andre Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043)
Queluz Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)
CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paco de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Simões Estefânia (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204250)
ALMADA
Galeno R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Alianca Est. Nacional, 178-B (Telef. 2040302)
BARREIRO
Helénica R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Diogo R. Almirante Reis, 50 (Telef. 2310032)
SESIMBRA
Leão Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Telef. 22408)
Portugal R. Camilo Castelo Branco (Telef. 23211)
SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

TURNO 19

ATÉ ÀS 22 HORAS

Alves da Silva, Avenida da Boavista, 1016; **Azevedo**, Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade**, Rua Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960; **Antas**, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D. Afonso V, 55-B; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

A PARTIR DAS 22 HORAS

Antas, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

Silva Soares Rua Mousinho de Albuquerque; **Vilaça** Rua Ferreira Borges; **Cruz E Costa** Rua António de Vasconcelos.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

NOSSO TEMPO
21.45 (18 anos)
«O Insecticida»
ABC
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P' ra Trás Miga a Burra»
TEATRO DO POVO
21.30 (18 anos)
«Avenida da Liberdade»
CAPITOLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-me a Tua Piscina»
TRINDADE
21.00 (10 anos)
«A Flauta Mágica»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«As Escandalosas»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
«Muralha de Suor e Balas»
PARIS
21.00 (13 anos)
«Papillon»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«O Que Se Pode Fazer Com 7 Mulheres»
PROMOTORA
21.15 (10 anos)
nde Corrida à Volta do Mundo»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«A Grande Farra»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D.João V
21.00 (14 anos)
«O Magnífico»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Ariane»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Teorema»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Até parece mentira»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
« Piscina»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Onde o Sol nunca Brilha»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Ternuras da Vida Conjugal»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Fritz, o Gato»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A Classe Dominante»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Blow-Up» . História de um fotógrafo

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Sex Shop»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Que noite de núpcias»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Oh! Calcutta»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Milão escaldante»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Selva humana»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Fritz o Gato»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Banse, Paixão Impossivel»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Criado para todo o servico»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A classe dominante»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS

ESTÚDIO 444

MULHER SÓZINHA

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AS IRMÃS
3.ª Semana
A prova final entre duas mulheres
c/Nathalie Delon
Susan Strasberg

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
STAVISKY
(O grande jogador)
A obra-prima de Alain Resnais
6.ª Semana
Hoje às 24.00 h. Grupo D (18 anos)
AS MÃOS DO ESTRIPADOR

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O GARANHÃO
Escândalo no castelo das mulheres sem homem!...
3.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
TAMANHO NATURAL
c/ Michel Piccoli
Ultrapassa toda a imaginacão
2.ª Semana

ALVALADE

T. 717480 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
TAMANHO NATURAL
c/ Michel Piccoli
Ultrapassa toda a imaginacão
2.ª Semana

CINEBOLSO

T. 573407. 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
A VERGONHA DA FAMÍLIA
De Claude Berri, com Yves Robert

CINEMA 2000

T. 2100055 16.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A PISCINA

LIDO

T. 937593 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
FRANKENSTEIN JÚNIOR
Um cómico do terror

UNIVERSAL

T. 774402 14.30, 20.30
Não acons. a menores de 13 anos
A CORAGEM DO POVO
de Jorge Sanjines
Não acons. a menores de 13 anos
16.30, 22.30
VALPARAÍSO... VALPARAÍSO!

RESTELO

T. 610375 21.00
Interdito a menores de 18 anos
LES VALSEUSES
c/ Gerad Depardici, Miou-Miou Patrich Dewaeri
Aviso ao público: Este filme contem cenas eventualmente chocantes

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A PISCINA
Alain Delon/Romy Schneider
2.ª Semana

TIVOLI

T. 50595 15.15, 18.30, 21.15
Para todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS
As histórias miraborantes da primeira estrela de 4 cilindros

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A GRANDE FARRA

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O PROFESSOR EROTOMANIACO
c/ Rossanna Podesta

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
O COMBOIO DO TERROR

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CINESTÚDIO

T. 937593 15.30, 21.30
Interdito a m/18 anos
OH! CALCUTTA!

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19 21.30,
Interdito a menores de 18 anos
CAMA COM MÚSICA
6.ª Semana sensacional!

D. JOÃO V DAMAIA

T. 971794 21.00
Maiores de 14 anos
O MAGNÍFICO

SATÉLITE

T 562632 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OH! CALCUTTA
Este filme contém cenas event. chocantes

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
2.ª Semana de êxito
É PRECISO ELIMINAR A TESTEMUNHA
Fascinante até à última imagem

CALEIDOSCÓPIO

T. 794141 14.00, 16.30, 19., 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?
3.ª semana
A obra prima de JERRY LEWIS

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Um filme que faz rir até às lágrimas...
FRANKENSTAIN JÚNIOR
Um filme de Mel Brooks
c/ Gene Wilder, Peter Boyle
4.ª Semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
2.º MÊS DA COMEDIA BREJEIRA!
7.ª SEMANA DE SENSACÃO!
DECAMERON PROIBIDO
cóm Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
EQUILÍBRIO INSTÁVEL
Uma das obras mestras do cinema moderno
com Katharine Hepburn

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A VIAGEM
3.ª Semana
com Sophia Loren Richard Burton

AVIS

T. 47163 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A BELA CASTA SUSANA
com Terry Torday

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
RESTOS DE UM PECADO
c/Jane Fonda/Laurence Harvey

CINEARTE

T. 660446 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A PRIMA
Com Stefania Casini

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444

T. 779095 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MULHER SÓZINHA
c/ Carol White

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
INOCÊNCIA E TURBAMENTO

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
PIQUENIQUE
c/ William Holden

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
AMBIÇÃO FATAL
c/ Ursula Andress

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 32 11 54/5 32 02 71/2/3
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

O M.P.L.A. DOMINA EM LUANDA

Continuação da pág. 1

verdade, a ascensão em força do M.P.L.A. pode originar tentativas noutras regiões por parte do seu rival. Essa possibilidade poderia mesmo colocar em risco algumas unidades portuguesas estacionadas no distrito do Uíge, com efectivos relativamente pequenos, no caso de os portugueses serem acusados de darem apoio ao M.P.L.A. — como de resto já tem sido feito. Mas uma crise política desenha-se em Luanda, até porque não se sabe se, neste momento, ainda aqui se encontrarão os ministros da F.N.L.A., que fazem parte do Governo de Transição. De resto, ontem, departamentos oficiais portugueses esperavam uma tentativa do M.P.L.A. para o controlo do Governo. Um forte dispositivo da Polícia Militar impediu o acesso à zona do Palácio.

. Entretanto, começaram a aparecer notícias da deterioração da situação militar noutros pontos do território. Em Salazar, segundo elementos do C. C. P. A. (Conselho Coordenador do Programa para Angola) ter-se-ia registado bombardeamento durante largo período de diversas zonas da cidade a partir de bases do M. P. L. A. Também neste caso elementos afectos à F. N. L. A. se refugiaram no quartel das forças portuguesas. Segundo a mesma fonte, três granadas de morteiro teriam caído no interior deste aquartelamento sem que tivessem provocado vítimas. A U. N. I. T. A., num extenso comunicado assinado conjuntamente pelo seu «bureau» político reunido em Nova Lisboa com o alto comando das F. A. L. A. manifestou ontem publicamente o seu receio por poder vir a ser envolvida nos acontecimentos que, de acordo com o documento, poderiam vir a alargar-se e assumir proporções muito mais graves, enquanto faziam um apelo para que Portugal, o alto-comissário e os militares portugueses, cumprissem a sua missão, reiterando mais uma vez a sua confiança no general Silva Cardoso. Segundo o comunicado, a U. N. I. T. A. já teria sido atacada por duas vezes, uma em que o seu delegado em Malanje foi atacado na sua residência e outra com um atentado à granada contra a sua delegação em Nova Lisboa. As tropas da U. N. I. T. A. ficariam a partir deste momento à disposição dos altos comandos mas sob o comando directo de oficiais do movimento. A possibilidade de intervenção em Angola de forças a que se chama, no comunicado, «ao serviço do imperialismo», foi rejeitada. Em posição pública tomada hoje, a U. N. I. T. A. afirma claramente repudiar a intervenção de forças estranhas a Angola, numa alusão evidente às declarações de Melo Antunes quanto à possibilidade de intervenção da O. N. U.

Em Luanda, a possibilidade de um agravamento político agudiza-se com a inoperância dos órgãos superiores constituídos para proporcionar a transição para a formação do Exército angolano. Assim, a Comissão Nacional de Defesa, que reuniu para debate da situação, não contou nestes dias com a presença de elementos do M. P. L. A. e num caso também dos elementos da F. N. L. A.

Estes factos agravam-se com a possibilidade de os ministros da F. N. L. A. se retirarem para Kinshasa. O Governo de Transição abriria deste modo uma brecha que resultaria seguramente na impossibilidade de conciliação futura.

SITUAÇÃO NAS MÃOS DAS F.A.P.L.A.

Num seu comunicado de ontem o alto-comissário fazia um apelo para que os três presidentes — Neto, Holden e Savimbi — se reunissem no sentido de encontrar uma plataforma que ponha fim aos conflitos. Contudo, como nos foi possível auscultar neste momento, a situação estaria mais nas mãos das F. A. P. L. A. do que no poder político do M. P. L. A. Um testemunho de uma afirmação ouvida no Hospital de Maria Pia, feita por um elemento das F. A. P. L. A., dá-nos conta de que «as F. A. P. L. A. agora já não recuam mais e irão até ao fim, até às últimas consequências». A mesma fonte, um elemento dos serviços administrativos daquele estabelecimento, que está no banco de urgência desempenhando serviços de enfermaria, já que os profissionais de enfermagem têm estado em greve, afirma que o Hospital está superlotado mas que o número de mortos entrados seria inferior ao dos últimos acontecimentos, uma vez que os corpos por vezes levam destinos diferentes. Está fora de dúvida, que o seu número é elevado e pelo menos 300 estão confirmados. Longas filas de pessoas que se esvaem em sangue aguardam a sua vez de chegar junto às esgotadas equipas de cirurgia que lutam com dificuldades, com o cansaço e falta de meios materiais para socorro às centenas de vítimas que chegam ao único Hospital civil em funcionamento.

Em Aveiro, apesar dos protestos

MANIFESTAÇÃO ACABOU COM PRÉDICA DO BISPO

. Decorreu sem assinaláveis incidentes ontem à tarde na cidade de Aveiro a manifestação de apoio à hierarquia da Igreja, promovida e organizada por católicos da diocese. Na manifestação, segundo informações, ter-se-ão integrado alguns milhares de manifestantes. Estes começaram por concentrar-se junto à estação dos caminhos-de-ferro, aguardando a chegada do bispo D. Manuel de Almeida Trindade, que vinha de Roma. Desceram depois, com o bispo, a Avenida Lourenço Peixinho e dirigiram-se à Sé Catedral. O cortejo passou cartazes onde podiam ler-se, entre outras, inscrições alusivas à questão da autoridade, à liberdade de Imprensa, às «prisões arbitrárias».

Na Sé, e aos diocesanos, o bispo falou e disse que se sentia à vontade naquela manifestação que não fora ele a convocar. Uma manifestação não partidária — disse D. Manuel de Almeida Trindade. E como «não só em Aveiro há cristãos», desejou que «o exemplo de Aveiro desponte do Minho ao Algarve, em massa. Os cristãos têm vivido adormecidos e é preciso que eles acordem».

Anunciada desde há alguns dias, a manifestação suscitara em Aveiro uma viva reacção por parte das forças democráticas, que apontavam sobretudo para o carácter reaccionário da iniciativa, em face do anonimato que a envolvia e sobretudo perante as intenções que evidentemente a norteavam.

Pronunciaram-se a propósito as mais das organizações políticas com delegações na cidade: o P.C.P., o M.D.P./C.D.E., o M.E.S., a O.C.M.L.P. e o P.R.T. O P.C.P., por exemplo dizia na antevéspera: «A manifestação convocada para domingo em Aveiro integra-se na ofensiva reaccionária em curso, visa cavar uma profunda divisão no nosso povo, lançando o povo e os trabalhadores uns contra os outros, numa tentativa de criar uma questão religiosa que não existe. A manifestação de domingo é uma tentativa de reedição em Aveiro da manifestação da «maioria silenciosa». Quem convoca tal manifestação? Ninguém sabe, toda a propaganda é anónima. Quem paga os milhares de panfletos maciçamente distribuídos em largas regiões do nosso distrito? Quem tem andado a fazer propaganda sonora da manifestação durante a noite, alertando contra a «expropriação da propriedade privada»? Porque motivo se lança tal manifestação coincidindo com outras destinadas a combater o processo revolucionário?»

. Por seu lado, o P.R.T. acusava o Governo Provisório e as «autoridades» entre aspas num comunicado emitido por este agrupamento em Aveiro) de nada fazerem para proibir a manifestação anunciada, e apelava para os trabalhadores e soldados de Aveiro no sentido de estes «darem os primeiros passos no sentido da constituição do Poder popular», tomando «uma importante decisão revolucionária, independentemente das vacilações e das hierarquias».

Também o P.P.D. se pronunciou, mas em termos completamente diferentes, apoiando e defendendo que a manifestação se realizasse livremente.

MELO ANTUNES À PARTIDA PARA LUANDA

ESTAMOS NO LIMITE DAS POSSIBILIDADES

. «Vou, uma vez mais, a Angola, numa tentativa que parece não poder repetir-se mais vezes, de levar o realismo, o senso e o sentido das responsabilidades aos dirigentes dos movimentos de libertação, para que, de uma vez por todas, cessem as agressões mútuas», disse Melo Antunes, ministro dos Negócios Estrangeiros, do Governo Português, quando ontem, ao princípio da noite, partiu, inesperadamente, para Luanda, acompanhado do dr. Castro Mendes, adjunto do gabinete do ministro e de major Barata, do M.F.A. de Angola.

A partida de Melo Antunes, directamente ligada aos últimos acontecimentos em Luanda, assume, nas suas próprias palavras, a característica de «última cartada», dando bem a medida da gravidade da situação naquele território africano.

«Penso», disse, confirmando o que atrás expusémos, «que estamos no limite das nossas possibilidades, das possibilidades de Portugal para levar, por via negociável e pacífica, a grande terra angolana e os seus habitantes a uma independência de facto, em paz e em harmonia. Por isso nós, portugueses, temos obrigação de concentrar agora todos os nossos esforços (...) para voltarmos para Angola todas as energias disponíveis, para que Angola chegue realmente à independência».

Melo Antunes referiu, ainda, estar disposto a «recorrer às instâncias internacionais para que a paz se instale». Respondendo a uma pergunta que lhe foi posta por um jornalista, a embarcar, disse que «as culpas (do que está a acontecer) se podem distribuir pelas várias forças políticas em presença em Angola».

AS POSSIBILIDADES AUMENTAM

SAMORA, PRESIDENTE DA O.U.A.?

LOURENÇOMARQUES, 14 (do nosso correspondente Eduardo Rebelo) — Aumentam os rumores quanto à possibilidade de Samora Machel vir a ocupar o lugar de presidente da Organização da Unidade Africana, substituindo o dirigente somali Siad Barre, que agora termina o seu mandato, evitando-se desta forma que o general Idi Amin, a «criança grande» do Uganda, assuma aquele posto.

Estes rumores assentam essencialmente no facto de Samora Machel aparecer como única alternativa lógica à nomeação de Idi Amin, depois da Tanzânia, apoiada pela Zâmbia e Botswana, ter lançado uma vasta ofensiva diplomática tendente a evitar a nomeação do presidente ugandês. Tudo indica que Moçambique se solidariza com as posições de Julius Nyerere, da Tanzânia, Kenneth Kaunda, da Zâmbia e Seretse Khama, do Botswana, dando-se como certo ter Samora Machel decidido já não comparecer à cimeira da O.U.A., marcada para 28 deste mês em Kampala.

A deslocação este fim-de-semana a Dar es-Salam, do ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, veio dar força a esta hipótese, afirmando-se que com ele seguiu a anuência de Samora Machel à sua nomeação. A visita de Joaquim Chissano precedeu imediatamente a partida de Julius Nyerere para Mogadischio, a fim de se avistar com Siad Barre, e a chegada a Lourenço Marques do coronel Mbita, secretário do Comité de Descolonização da O.U.A.

Embora Siad Barre tenha desmentido publicamente as informações publicadas por jornais tanzanianos de Idi Amin como seu sucessor na presidência da O.U.A., parece provável que a sua posição mude, caso Samora Machel esteja realmente disposto a ocupar aquele cargo. O presidente moçambicano reúne todas as condições para que o conflito gerado pelo possível afastamento de Idi Amin tome repercussões extremamente moderadas, já que o seu prestígio é suficiente, não só para lograr a unanimidade dos 44 chefes de Estado de países membros da O.U.A., como até, eventualmente, para levar o presidente ugandês a resignar-se com a sua não nomeação.

O homem para substituir um estadista da envergadura de Siad Barre, não poderá ser Idi Amin. Samora Machel, porém, oferece todas as garantias.

REACCIONÁRIOS DESTROEM SEDES DO P.C.P. E F.S.P.

. RIO MAIOR, 14 — As sedes do P.C.P. e da F.S.P. nesta vila foram assaltadas e destruídas, durante a tarde de ontem, por grupos de dezenas de indivíduos, arregimentados, segundo comunicados daqueles partidos, pelos caciques e forças reaccionárias locais.

O pretexto surgiu com o anúncio para ontem a partir das 16 horas, de uma reunião de Pequenos e Médios Agricultores da região. A reunião, convocada pela Liga dos Pequenos e Médios Agricultores, iria tratar da substituição da Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura de Rio Maior.

A hora marcada juntaram-se em frente do Grémio grupos de agricultores e proprietários gritando que «os comunistas o iam ocupar». Na altura em que a G.N.R. acorria ao local, um outro grupo comandado por caciques locais assaltava a sede do P.C.P., destruindo tudo o que encontrava à sua frente e lançando-lhe depois fogo.

Posteriormente, o mesmo grupo invadiu as instalações da F.S.P., atirando pela janela fora móveis e papéis rasgados.

MÓVEIS
MODERNOS
NÓRDICOS
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
RENASCENÇA
SÉCULO XVII
Grande variedade em exposição e fabricação por desenhos
Facilidades de pagamento e trocas
ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
(Perto igreja dos Anjos)
T. 848719

CAVE — TRESPASSO
Dá para comércio e habitação, com 6 divisões. Perto Estefânia. Trata-se
Av. da República, 12
T. 46928

QUADROS A ÓLEO
Assim como estatuetas bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL — Av. da República, 12 (junto estação metro Saldanha).

MOBÍLIAS — USADAS
Por falta espaço, vendo barato mobílias c. jantar, quartos, modernas, estilo Q. Anne, D. Maria, Século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18 cave (ao Chile, defronte igreja de Arroios).

BARRACÕES PARA INDÚSTRIA
TRESPASSO, NO CENTRO DA CIDADE, COM ÁREA CERCA 800 m2, PODENDO SER AUMENTADA, ESTÁ EM MARCENARIA E DÁ PARA QUAQUER RAMO DE COMÉRCIO OU INDÚSTRIA. RENDA MUITO BARATA. INFORMA, AV. REPÚBLICA, 12, R/C., T.46928.

25 de Abril
Boletim Informativo do MFA, quinzenalmente, às 3.as feiras.